

FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: proposição e validação de um
instrumento de avaliação da percepção dos discentes**

VALESKA CRISTINA BARBOSA

Belo Horizonte
2012

VALESKA CRISTINA BARBOSA

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Ciências Econômicas Administrativas e Contábeis de Belo Horizonte da Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Teixeira Dias.

Área de Concentração: Gestão Estratégica de Organizações

Linha de pesquisa: Estratégia em Organizações e Comportamento Organizacional.

Belo Horizonte

2012

Ficha Catalográfica

B238e
2012
Barbosa, Valeska Cristina.
Extensão universitária: proposição e validação de um
Instrumento de avaliação da percepção dos discentes. / Valeska
Cristina Barbosa; Orientador, Alexandre Teixeira Dias. -- 2012.

131f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade FUMEC. Faculdade
de Ciências Empresariais, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Universidades e faculdades – Minas Gerais - Avaliação.
2. Universidade Federal de Minas Gerais - Avaliação. I. Dias,
Alexandre Teixeira. II. Universidade FUMEC. Faculdade de
Ciências Empresariais. III. Título.

CDU: 378.4(815.1)



Universidade FUMEC
Faculdade de Ciências Empresariais
Cursos de Mestrado e Doutorado em Administração FACE/FUMEC

Dissertação intitulada "**Extensão Universitária: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes**" de autoria da mestranda **Valeska Cristina Barbosa** aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Alexandre Teixeira Dias - Universidade FUMEC
(Orientador)

Profa. Dra. Cristiana Fernandes De Muylder – Universidade FUMEC

Profa. Dra. Eleonora Schettini Martins Cunha – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho
Coordenador do Programa de Doutorado e Mestrado em Administração
Universidade FACE/FUMEC

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2012.

Dedico este trabalho ao meu esposo Rodrigo e a meus filhos Rodrigo Junior e Vanessa, que são a minha alegria e minha motivação diária de vida. Dedico também às mulheres de minha vida: avó, mãe, tias e amigas – simplesmente pela coragem e benevolência concernente ao universo feminino.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do mestrado da FUMEC, pela dedicação e disponibilidade conferida, em especial à Professora Doutora Cristiana Fernandes de Muyllder, por suas contribuições ao projeto de pesquisa, e ao Prof. Dr. Alexandre Teixeira Dias, pela orientação, análise crítica e encaminhamentos imprescindíveis que resultaram neste trabalho,

Aos servidores da Pró-reitoria de Extensão da UFMG e à Professora Doutora Eleonora Schettini Martins Cunha, por terem contribuído com companheirismo, amizade, informações, procedimentos, análises e comentários referente à pesquisa.

Aos discentes da UFMG que contribuíram, respondendo ao instrumento de pesquisa e que enriqueceram o trabalho com suas colocações e percepções.

Aos funcionários do mestrado, pela orientação e apoio constante durante esta jornada.

Aos colegas do mestrado pelas discussões, comentários e amizade durante essa etapa de nossas vidas.

À família por ser o alicerce, a alegria e a motivação da minha vida, e, a minha irmã de coração Helenice Carvalho Cruz da Silva, pela paciência, motivação, carinho e amizade.

RESUMO

As universidades brasileiras são caracterizadas constitucionalmente por três dimensões indissociáveis: o ensino, a pesquisa e a extensão. Em seu desenvolvimento, foi fortemente influenciada por três movimentos: das Universidades populares, do modelo de extensão norte-americano e do Manifesto de Córdoba. Este último foi influenciado pelos discentes, que é o protagonista neste trabalho, que buscou desenvolver um instrumento para avaliação de sua percepção com relação à extensão universitária na UFMG, a partir de suas políticas, ações e diretrizes. Para identificação dessas características da extensão na UFMG, utilizaram-se dados e informações produzidos nesta instituição, o que nos permitiu identificar nove construtos: 1) Acesso e participação; 2) Comunicação e informação; 3) Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; 4) Impacto e transformação; 5) Interdisciplinaridade e interação dialógica; 6) Impacto na formação; 7) Integralização curricular; 8) Orientação e acompanhamento; 9) Seleção e contribuições das bolsas de extensão. A partir desses construtos, foi desenvolvido o formulário de pesquisa, que utilizou a coleta de dados não probabilísticos. Nesse formulário, uma das questões foi dissertativa e, questionava a opinião dos respondentes sobre o que é extensão universitária e, foi analisada pela técnica de análise de conteúdo. Nas questões que permitiam a análise quantitativa, os itens do questionário foram validados pela análise fatorial e, concomitantemente, determinou-se o coeficiente *a-Cronbach* dos construtos para estimar a confiabilidade de consistência interna, utilizando-se o método dos componentes principais com rotação oblíqua e normalização Kaiser, que verificou a adequação da amostragem, o que foi confirmado com o teste de esfericidade de Bartlett. Posteriormente, aplicou-se a análise de variância para comparação das percepções por construtos em relação às características sociodemográficas, verificou-se uma diferença, confirmada pelo teste de Bonferroni, sobre o construto de acesso e participação em relação ao tempo de estudo dos respondentes. Por fim, percebeu-se no contexto da pesquisa realizada que, os aspectos negativos referiram-se ao acesso, à participação e à informação dos discentes sobre a extensão universitária e, os aspectos positivos referiram-se ao construto formação acadêmica.

Palavras-chave: Universidades Brasileiras; Extensão Universitária; Avaliação.

ABSTRACT

The Brazilian universities are constitutionally characterized by three inseparable dimensions: teaching, research and extension. In its development, it was strongly influenced by three movements: 1) Popular Universities, 2) the American Movement and 3) the Manifesto of Córdoba. The latter was influenced by the students, which is an actor in this work, which focused on developing a tool for assessment on its perception in relation to university extension at UFMG, since its policies, guidelines and actions. To identify the characteristics of extension at UFMG, we used secondary data originated in this institution, which allowed us to identify nine constructs: 1) Access and participation, 2) Communication and information, 3) inseparability of teaching, research and extension; 4) Impact and transformation; 5) Interdisciplinary and dialogic interaction; 6) Impact on formation; 7) Course completion; 8) Guidance and monitoring; 9) Selection and contribution for extension scholarship. From these constructs, we developed the survey form, in which we obtained non probabilistic data. In this form, there was an essay questions, which argued the opinion of respondents about what is university extension. Such opinion was analyzed by the technique of content analysis. In questions that permitted the quantitative analysis of the questionnaire items, they were validated by factor analysis and, concomitantly, we determined the coefficient of a-Cronbach-constructs to estimate the internal consistency reliability, using the method of main components with oblimin rotation and Kaiser normalization, which verified the adequacy of sampling, confirmed with Bartlett's test of sphericity. Subsequently, it was applied the analysis of variance to compare the perceptions of constructs in terms of socio demographic characteristics. There was a difference, confirmed by the Bonferroni test on the construct of access and participation in relation to the time of study respondents. The negative aspects highlighted by the survey referred to the access for the constructs, the participation and the students' information about university extension. The positive aspects perceived realized relate to the construct academic concerning to academic formation.

Keywords: Brazilian Universities, University Extension, Evaluation.

LISTA DE ABREVIATURAS

CENEX - Centros de Extensão

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

Cincrutac - Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária

CODAE - Coordenação de Atividades de Extensão

CRUTAC-RN - Centro Rural Universitário Federal do Rio Grande do Norte

Forproex - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão

IES - Instituições de Ensino Superior

KMO - Kaiser-Meyer-Olkin

MEC - Ministério da Educação

MSA - Medida de Adequação da Amostra

PAIE - Programa de Apoio Integrado a Eventos

PBEXT - Programa de Bolsas de Extensão

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

SIEX - Sistema de Informação da Extensão

Sinaes - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNE - União Nacional dos Estudantes

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de ações de extensão da UFMG de 2009 a 2011.....	45
Gráfico 2 - Nível de ensino dos participantes da pesquisa.....	63
Gráfico 3 - Estado civil dos participantes da pesquisa.....	64
Gráfico 4 - Idade dos participantes da pesquisa.....	64
Gráfico 5 - Origem escolar dos participantes da pesquisa.....	65
Gráfico 6 - Tempo de estudo na UFMG.....	65
Gráfico 7 - Cor/Raça dos participantes da pesquisa.....	66
Gráfico 8 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG e o nível de ensino.....	69
Gráfico 9 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG e o tempo de estudo.....	70
Gráfico 10 - A participação em programas ou projetos de extensão e a idade.....	71
Gráfico 11 - A participação em programas ou projetos de extensão e o turno escolar.....	71
Gráfico 12 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG e o nível de ensino.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definições conceituais da extensão em relação à sociedade.....	23
Quadro 2 - Dimensões conceituais do questionário de avaliação.....	57
Quadro 3 - Cursos de graduação representados na pesquisa.....	62
Quadro 4 - Síntese do perfil sociodemográfico e escolar.....	67
Quadro 5 - Motivos que dificultam(aram) a participação em ações de extensão.....	73
Quadro 6 - Dimensões do conceito de extensão determinados pelos discentes.....	75
Quadro 7 - Relação entre os discentes que declararam conhecer a extensão e os que responderam a questão aberta.....	75
Quadro 8 - Síntese das dimensões do conceito de extensão determinados pelos discentes.....	85
Quadro 9 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	91
Quadro 10 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	92
Quadro 11 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	93
Quadro 12 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	95
Quadro 13 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	96
Quadro 14 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	98
Quadro 15 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	99
Quadro 16 - Coeficiente <i>a-Cronbach</i> dos itens separados por fatores.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise descritiva dos dados - primeira parte do questionário.....	86
Tabela 2 - Análise descritiva dos dados - segunda parte do questionário.....	87
Tabela 3 - Análise descritiva dos dados - terceira parte do questionário.....	88
Tabela 4 - Fatores extraídos pelo critério de <i>Kaiser</i>	89
Tabela 5 - Fatores extraídos pelo critério de <i>Kaiser</i>	92
Tabela 6 - Fatores extraídos pelo critério de <i>Kaiser</i>	94
Tabela 7 - Percepção dos respondentes em relação aos construtos.....	101
Tabela 8 - Comparações das percepções entre grupos por <i>p-valores</i>	106
Tabela 9 - Teste de <i>Bonferroni</i> do construto “Acesso e participação” por tempo de estudo.....	108
Tabela 10 - Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo.....	109
Tabela 11 - Teste de <i>Bonferroni</i> do construto “interdisciplinaridade e interação dialógica” por idade.....	110
Tabela 12 - Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo.....	111
Tabela 13 - Teste de <i>Bonferroni</i> do construto “impacto social” por idade.....	112
Tabela 14 - Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo.....	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Justificativa.....	18
1.2	O problema de pesquisa.....	19
1.3	Objetivos.....	20
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1	A extensão universitária no Brasil.....	21
2.1.1	<i>As influências que caracterizaram a extensão universitária no Brasil.....</i>	<i>24</i>
2.1.2	<i>As principais normas e o desenvolvimento da extensão universitária.....</i>	<i>26</i>
2.2	Avaliação institucional da extensão universitária	33
3	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFMG.....	40
3.1	As diretrizes da extensão universitária	41
3.2	Tipos e características das ações de extensão universitária na UFMG.....	43
3.3	Estrutura organizacional na UFMG	46
3.4	Programas de apoio e fomento a extensão universitária	49
3.5	A participação dos discentes nas ações de extensão.....	50
4	METODOLOGIA.....	52
4.1	Tipo de pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios.....	52
4.2	Unidade de análise.....	53
4.3	As técnicas de coletas de dados e o universo da amostra.....	54
4.4	Técnicas de análise dos dados.....	56
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	60
5.1	Análise das variáveis.....	61
5.1.1	<i>Análise descritiva.....</i>	<i>61</i>

5.1.2 Análise de conteúdo da percepção dos discentes sobre o conceito de extensão universitária.....	74
5.1.2.1 Extensão como dimensão social / relação universidade e sociedade.....	76
5.1.2.2 Extensão como dimensão acadêmica	80
5.1.2.3 Extensão como a dimensão de atividades.....	81
5.1.2.4 Extensão como dimensão da pesquisa.....	83
5.1.2.5 Extensão como ações sociais, artísticas e culturais.....	83
5.1.3 Análise descritiva das questões quantitativas.....	85
5.2 Análise fatorial das variáveis.....	89
5.2.1 A Análise fatorial da primeira parte do questionário.....	89
5.2.2 Análise fatorial da segunda parte do questionário.....	91
5.2.3 Análise fatorial da terceira parte do questionário.....	94
5.3 Definição dos construtos.....	97
5.3.1 Construtos da primeira etapa do instrumento.....	97
5.3.2 Construtos da segunda etapa do instrumento.....	99
5.3.3 Construtos da terceira etapa do instrumento.....	100
5.4 Análise descritiva a partir dos construtos.....	101
5.4.1 Comparação da percepção de acordo com as características sociodemográficas.....	105
5.4.2 Discriminação das médias.....	108
5.4.2.1 Construto de acesso e participação por tempo de estudo.....	108
5.4.2.2 Construto sobre interdisciplinaridade e interação dialógica por idade.....	110
5.4.2.3 Construto do impacto social por idade.....	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICE 1 -Questionário de avaliação da Extensão Universitária.....	123
APÊNDICE 2 -Questões para Avaliação a partir dos construtos	125

APÊNDICE 3 -Análise descritiva das variáveis quantitativas.....	126
APÊNDICE 4 -Dados consolidados: comparação da percepção de acordo com as características sociodemográficas.....	127

1 INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras são caracterizadas constitucionalmente por três dimensões indissociáveis: o ensino, a pesquisa e a extensão. A última dimensão reconhecida a surgir foi a extensão, influenciada por três movimentos: das universidades populares, que surgiram na Europa, as quais tinham como prerrogativa disseminar o conhecimento técnico à população não universitária; pelo modelo de extensão norte-americano, com a proposta de prestação de serviço e; posteriormente, pelo Manifesto de Córdoba, influenciado pelos discentes que reivindicavam a missão social da universidade.

A extensão universitária desenvolveu-se no Brasil, portanto, a partir dessas influências que, historicamente, tiveram o eixo de desenvolvimento caracterizado pela disseminação do conhecimento, relativamente desconectado do currículo e dos anseios populares. Mais recentemente, a partir da década de 1960, apresenta-se ligada à função social da universidade, integrando a universidade ao contexto regional, promovendo sua institucionalização interligada à atividade pedagógica e à prática profissional.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), historicamente está envolvida nesse processo de institucionalização nacional da extensão e, por isso, foi a unidade de análise escolhida para este estudo. Esta instituição de ensino superior tem assumido um papel de destaque no cenário nacional de discussão em fóruns e encontros nacionais e regionais sobre a extensão, tendo abrigado e mantido até 2010, um sistema nacional de informação da extensão (SIEXBRASIL), em que um coordenador de extensão, de qualquer universidade cadastrada, poderia registrar suas ações de extensão e, a partir destes registros, os dirigentes poderiam controlar, conhecer e divulgar, de forma sistemática, as ações de sua unidade. Além disso, a partir de 2011, a extensão na UFMG passou a apresentar indicadores simultâneos à pesquisa e ao ensino, para alocação de novas vagas docentes, o que demonstra a efervescência da avaliação da extensão na Universidade.

A extensão universitária, na UFMG, se encontra articulada como um conjunto de princípios e diretrizes que norteiam a implantação de suas ações, as quais, segundo o Regimento Geral da UFMG, em seu Art. 60, se caracterizam como: “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade” (UFMG, 2010, p. 9). Suas ações são dispostas como: programa, projeto, cursos, eventos e prestação de serviços.

A avaliação da extensão na UFMG segue as orientações do Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) que tem como objetivo realizar a permanente avaliação institucional das atividades de extensão universitária. Alinhado a essa proposta, a UFMG tem desenvolvido desde 2001, o processo de avaliação do Programa de Bolsas de Extensão (PBEXT), orientado pelas diretrizes nacionais de extensão e pela política institucional da UFMG, cujo objetivo é aferir resultados das ações desenvolvidas, subsidiando a gestão da extensão. O instrumento utilizado é um questionário de autoavaliação, que tem sido usado de maneira pontual e individualizado.

A avaliação da percepção dos estudantes quanto às políticas da universidade tem sido motivo de alguns estudos nacionais, como a dissertação que referenciou esta pesquisa, a dissertação de Oliveira (2011): “Assistência Estudantil: Percepção dos estudantes dos *campi* I e II do CEFET-MG”, que buscou analisar a percepção dos estudantes quanto à execução da Política de Assistência Estudantil.

Os discentes tiveram um papel efetivo no desenvolvimento histórico da extensão universitária no Brasil, sendo um agente essencial para existência das atividades de extensão na universidade. O que justificou a finalidade da pesquisa em analisar a percepção dos discentes quanto à extensão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) a partir de suas políticas, ações e diretrizes. Desse modo, com o intuito de alcançar tal finalidade, esta dissertação se desenvolveu a partir dos capítulos elencados a seguir.

No capítulo primeiro, descreve-se a justificativa da pesquisa de forma teórica e prática, o problema de pesquisa que ensejou sua elaboração e, para resolução do problema, os objetivos geral e específicos.

No capítulo 2 e 3, desenvolve-se a revisão de literatura, abarcando os principais temas da pesquisa: a extensão universitária, as influências históricas que a caracterizaram, e, os principais acontecimentos normativos, conceitos, características e evolução no Brasil, e a avaliação como um mecanismo para subsidiar a ação das universidades. Enquanto que, especificamente no capítulo 3 apresenta-se os aspectos relacionados à extensão universitária na UFMG, a partir de um recorte necessário à resolução do problema de pesquisa.

No capítulo 4, demonstram-se os aspectos metodológicos da pesquisa, o tipo de abordagem utilizada e sua finalidade, a descrição e justificativa da unidade de análise, assim como as técnicas e o instrumento utilizados para coleta e análise dos dados da pesquisa.

No capítulo 5, apresentam-se a análise e a discussão dos resultados quantitativos e qualitativos, a análise descritiva das variáveis categóricas, a análise de conteúdo da questão aberta do instrumento e os resultados dos testes estatísticos, para identificação dos fatores e da análise de confiabilidade dos construtos.

Concluindo, no capítulo 6, apresenta-se uma discussão geral da realização da pesquisa, seus resultados e limitações.

1.1 Justificativa

As características interdisciplinares assumidas pela Universidade como extensão tornam complexo o processo institucional de avaliação, requisito essencial para a gestão universitária e seus objetivos com a avaliação, sejam eles a prestação de contas, o fomento, o apoio ou o monitoramento.

O desenvolvimento de instrumentos para a avaliação e a implementação de indicadores de extensão tem sido um desafio para as universidades, principalmente ao abarcar essas múltiplas dimensões que integram o ensino e a pesquisa, e sua interação com a sociedade, a partir de suas matrizes conceituais: interação dialógica entre universidade e sociedade, interdisciplinaridade, indissociabilidade entre as atividades de extensão, ensino e pesquisa, impacto na formação do estudante e relação social de impacto. O que justifica a necessidade de verificar como essas instituições têm enfrentado esse desafio e como têm executado a avaliação de suas atividades.

A falta de instrumentos que identifiquem o alcance das ações de extensão, suas políticas e diretrizes, motivou esta pesquisa que teve como objetivo oferecer uma contribuição teórico-empírica para a utilização efetiva de uma ferramenta de monitoramento e avaliação, a partir de um dos interlocutores da extensão na universidade, os discentes, caracterizados como agentes desse sistema, com destacadas contribuições em vários momentos históricos da extensão no Brasil.

A realização desta pesquisa busca contribuir, portanto, para o aprimoramento das discussões e pesquisas voltadas para o tema da avaliação institucional do ensino superior, propondo-se um instrumento para avaliação da extensão universitária que incorpore a percepção dos discentes com relação às políticas desenvolvidas pela Universidade, buscando com isso, verificar se o esforço institucional de integrar e fortalecer a extensão universitária tem atingido os discentes.

A contribuição acadêmica, portanto, consiste no desenvolvimento de um instrumento para avaliação da extensão universitária, que poderá ser utilizada e aperfeiçoada em novos estudos. Os procedimentos para proposição, aplicação e análise do instrumento para avaliação da percepção dos discentes com relação à extensão busca contribuir, também, para a gestão educacional, que, por meio de técnicas estatísticas e critérios conceituais, agrupa as variáveis pertinentes, o que proporcionará facilidade na interpretação dos resultados quando da aplicação do instrumento, o qual combinado com os demais processos de análises institucionais permitirá visualizar quais são os principais desafios e anacrogias, revelando onde se deve atuar de forma a integrar os discentes aos objetivos institucionais da extensão universitária.

1.2 O problema de pesquisa

Sendo os discentes um dos principais interlocutores da extensão universitária, além de terem um papel efetivo no desenvolvimento histórico da extensão universitária no Brasil, propôs-se nesta pesquisa, a seguinte questão: qual a percepção dos discentes quanto à extensão universitária desenvolvida na UFMG, considerando-se suas políticas, ações e diretrizes?

A partir dessa questão norteadora, pretendeu-se verificar como os discentes têm percebido na Universidade o desenvolvimento da extensão a partir de suas políticas institucionais de extensão, suas ações e diretrizes.

O problema de pesquisa é o passo inicial para o elaborador definir e atingir seus objetivos, quais sejam, encontrar as soluções para ele e, ao encontrá-las, apresentá-las de forma que sejam convincentes não só ao pesquisador, como também à sociedade (BOOTH *et al.*, 2005). Nessa perspectiva, apresentam-se os objetivos que permearão a resolução desse problema.

1.3 Objetivos

Para o desenvolvimento deste trabalho e na busca da resolução do problema apresentado, definiu-se como objetivo geral analisar a percepção dos estudantes quanto à extensão na UFMG, a partir de suas políticas, ações e diretrizes.

Como objetivos específicos, definiram-se:

- identificar e descrever as características da extensão na UFMG, suas diretrizes, políticas e ações;
- identificar, a partir das características percebidas, os construtos e as questões para avaliação da percepção dos discentes;
- propor e aplicar (validação inicial) um instrumento para avaliação da percepção dos discentes com relação à extensão universitária.

Por meio do alcance desses objetivos, procura-se oferecer uma contribuição teórico-empírica para a utilização efetiva de ferramentas de monitoramento e avaliação, que terá como suporte a revisão de literatura, apresentada a seguir, na qual serão relacionados os aspectos conceituais dos processos de avaliação e sua aplicação na extensão universitária, identificando seus principais processos. Serão abordados ainda os principais conceitos de extensão universitária e seus aspectos históricos, o que permitirá definir as características necessárias à avaliação dessas ações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Apresenta-se, nesta etapa, a revisão de literatura com a análise da extensão nas universidades brasileiras, caracterizando-se algumas influências históricas, os principais acontecimentos normativos e seus conceitos, as características e a evolução. Acrescenta-se ainda a avaliação como um mecanismo que subsidia a ação das universidades.

O objetivo é apresentar uma fundamentação teórica contextualizada com a temática deste trabalho, além de corroborar para a análise dos determinantes que influenciaram as práticas atuais da extensão universitária, em consonância com o objetivo principal desta pesquisa, que buscará analisar a percepção dos estudantes quanto à extensão, a partir de suas ações internas como suas políticas, ações e diretrizes.

2.1 A extensão universitária no Brasil

A extensão universitária tratada neste trabalho caracteriza-se como um movimento no âmbito das universidades brasileiras, que, em sua formação e em seu desenvolvimento, passou por várias influências e diretrizes conceituais, não apresentando uma caracterização única, dadas às especificidades e às complexidades que a acompanham, o que coaduna com Silva (2002) que enfatiza a falta de homogeneidade sobre o que seria extensão na história da universidade brasileira.

A universidade brasileira, segundo Cerqueira e Colossi (1998), surgiu com a intenção de permitir a autonomia cultural do povo brasileiro e, a partir do modelo crítico, ela se apresenta como consciente, dinâmica, independente e integrada à sociedade, e a seus problemas. Desse modo, por meio dos currículos integrados, procura captar essa realidade complexa, e, com a participação dos discentes, se

relaciona com a sociedade por meio de atividades denominadas extensão universitária. Isso se reflete na missão da universidade pública descrita a seguir:

A missão da Universidade pública é, antes de qualquer coisa, o compromisso com a produção do conhecimento público, orientado às necessidades populares. A postura dialógica, por outro lado, além de estar em consonância com esse fim, promove o enriquecimento do conhecimento produzido – através da troca entre saberes populares e acadêmicos e da não dissociação entre a teoria e a prática – e contribui para a ampliação da formação de uma cultura política democrática, através da experiência concreta. (DEPIERI *et al.*, 2010, p. 70).

Note-se então, que a universidade apresenta-se em espaços que complementam o ensino e a pesquisa. O ensino universitário se integra à sociedade por meio da extensão, promovendo a troca de conhecimentos e, permitindo uma formação ampla e socialmente responsável. Conheçamos a opinião de Minogue (1981), cuja publicação tenha sido realizada em 1981, ainda guarda conveniência com o pensamento atual:

O conhecimento científico seria “aplicado” ao mundo. O graduado universitário “aplica” o que ele aprendeu, isto é, ele associa seu conhecimento com o problema prático que enfrenta, objetivando encontrar uma solução. E embora exista muita coisa que se aprende nas universidades e que realmente ninguém aplica, não há dúvida de que este conceito descreve de fato, dentro de seus limites, algo verdadeiro. (MINOGUE, 1981, p. 62).

O conceito de “extensão universitária” apresenta-se relacionado às suas características ou ações como a científica, a cultural, a educativa e a social, pois conforme Silva (2002), a extensão configura-se como algo além da união entre a universidade e a sociedade, sendo a universidade uma realidade social e política, na qual expressa a sociedade a que pertence. Alguns momentos de sua conceituação e prática estão classificados no QUADRO 1.

QUADRO 1

Definições conceituais da extensão em relação à sociedade

DEFINIÇÃO	CONCEITO	ATIVIDADE
Via de mão única	A universidade vai à sociedade, levar algo de sua especialidade. A sociedade é apenas receptora.	Assistencialismo, curso, evento, assessoria, prestação de serviço.
Via de mão dupla	A universidade por um lado leva conhecimento para a sociedade e por outro traz o conhecimento.	Por meio da troca de conhecimento pelo diálogo, em termos das demandas da sociedade e da universidade.
Processo educativo, cultural e científico	A extensão como ação cidadã, em que a população também é sujeito do conhecimento	Trabalho continuado, permanente e que contemple as possibilidades do conhecimento teórico.

Fonte: Adaptado de Melo Neto (2001).

Não é possível definir rigidamente o momento que houve uma evolução de mudança conceitual, apresentada no QUADRO 1, até porque esses momentos se sobrepõem, além do que, podemos observar nos dias atuais universidades, ainda, desenvolvendo a extensão pelo viés da “via de mão única”.

O termo “extensão”, caracterizado por Melo Neto (2001) pela definição “via de mão única”, é alvo de críticas em relação à extensão universitária. Freire (1977) ainda, em 1969, ano da primeira publicação, já relatava ser o termo, extensão, um paradoxo, pois revelava uma ação no sentido de estender, transmitir, demonstrando a superioridade de quem leva algo a alguém, sem levar em conta a reciprocidade, demonstrando uma imposição cultural. Freire (1977) questiona, portanto, o termo “extensão” considerando que a universidade deve ser um espaço de reflexão e não imposição, apresentando o termo comunicação como alternativa mais adequada, aproximando-se do que Melo Neto (2001) definiu como “via de mão dupla”.

O conceito de extensão, também, apresenta-se ligado à função social da universidade, integrando um mecanismo de intervenção nos setores sociais, permitindo o apoio à comunidade no enfrentamento de carências, em respostas às suas demandas. Integrando, ainda, a universidade ao contexto regional e à realidade social, promovendo a troca de saberes com a atividade pedagógica, desenvolvendo uma metodologia de ação social na universidade (SILVA, 2002).

As características da extensão apresentadas conceitualmente por alguns autores como Silva (2002) e Nogueira (2005), exprimem a extensão como um espaço para formação acadêmica e o repassar do conhecimento anterior, no qual a universidade assume um compromisso de parceria entre universidade e sociedade de desenvolvimento social. Nogueira (2005) reforça essa ideia, afirmando que o papel social da universidade passa pela extensão, podendo ser entendida como o meio por onde as Instituições de Ensino Superior (IES) podem cumprir seu compromisso social, indo além das atividades precípua relacionadas à sua atividade-fim por meio de seus cursos regulares.

Depieri *et al.* (2010) complementam, caracterizando a extensão como uma universidade prestadora de serviço, no sentido de apenas repassar o conhecimento, sem levar em conta a sua socialização, sendo que a função social da universidade, segundo o autor, deveria se resumir a produzir e a socializar conhecimentos de modo crítico, atuando na formação em diferentes áreas, além de produzir ciência e tecnologia voltadas à sociedade.

Para ampliar a compreensão sobre a extensão universitária apresentam-se a seguir, as influências históricas na Universidade Brasileira, as principais normas e a participação dos principais interlocutores, segundo a literatura pesquisada.

2.1.1 As influências que caracterizaram a extensão universitária no Brasil

Na prática e na literatura observada sobre a extensão universitária brasileira, percebe-se a influência de três vertentes: as universidades populares, que surgiram na Europa (disseminar conhecimento técnico ao povo); o modelo de extensão norte-americano (proposta de prestação de serviço) e o Manifesto de Córdoba (que reivindicava a missão social da universidade). Estas influências foram miscigenadas e desenvolvidas conforme a realidade brasileira, sua cultura, política e processos

sociais. Assim, apresenta-se a seguir uma breve periodização da trajetória da extensão universitária no Brasil.

As universidades populares que surgiram na Europa, no século XIX, buscavam disseminar o conhecimento técnico da academia à população externa, que foi difundido no Brasil por meio dos cursos de extensão, tendo como primeira experiência as conferências e cursos desenvolvidos na Universidade Livre de São Paulo (GURGEL, 1986).

O modelo de extensão norte-americano está associado à ideia de prestação de serviço e assistência técnica, voltadas principalmente para o desenvolvimento das comunidades. As primeiras experiências nos Estados Unidos surgiram a partir da década de 1860, por iniciativa de instituições oficiais, de acordo com duas propostas: a extensão cooperativa e a extensão universitária ou geral. No Brasil, as primeiras experiências inspiradas neste modelo foram desenvolvidas nas Escolas de Agronomia de Lavras e de Viçosa, ambas em Minas Gerais, onde eram prestados serviços na área rural em forma de assistência técnica aos agricultores (GURGEL, 1986).

O Manifesto de Córdoba ocorreu em 1918, por iniciativa dos estudantes, com reivindicação da missão social da universidade. Foi um marco da luta por uma reforma da universidade latino-americana. A partir desse movimento, segundo Sousa (2000), as universidades buscaram um maior compromisso social. No Brasil, os estudantes foram contagiados por este movimento que surgiu na Argentina, e que exigia uma universidade democrática e autônoma, buscava combater o imperialismo e as ditaduras, e, pleiteava entre outras, a gratuidade do ensino, ingresso democrático dos estudantes e melhor qualificação dos docentes (GURGEL, 1986).

Ainda, segundo Gurgel (1986), o Manifesto de Córdoba refletia a preocupação com uma interação permanente entre a universidade e a sociedade, em que a extensão fortaleceria a missão social daquela, que, sensível aos problemas sociais atuaria

ampliando seus benefícios e disseminando cultura a uma camada maior da sociedade. Na prática, a missão social da universidade não se traduziu em programações ou atividades concretas, ficando geralmente no campo da retórica. Apesar disso, seus postulados tiveram grande importância para a época e repercutiram na história da educação brasileira deste período em diante.

As influências destas três vertentes (as universidades populares, o modelo de extensão norte-americano e o Manifesto de Córdoba) estão presentes no cenário brasileiro, desenvolvidas também, em suas atividades e suas normas, conforme se demonstra a seguir.

2.1.2 As principais normas e o desenvolvimento da extensão universitária

A primeira caracterização de extensão universitária no Brasil surgiu com a criação da Universidade Livre de São Paulo, em 1912, que, de acordo com Cunha (2007), foi a primeira instituição de ensino superior no Brasil a desenvolver atividades de extensão, ainda que as atividades apresentadas como extensão por esse autor sejam apenas conferências e cursos. Assim, essa prática desenvolvida pela USP aconteceu, no início, sem características dialógicas, tendo pequena participação popular, principalmente por não representar os anseios populares.

Porém, pela obra de Cunha (2007), nota-se que outras atividades de extensão poderiam estar ocorrendo, anteriormente, caracterizadas como prática acadêmica, o que provavelmente acontecia de forma indissociável ao ensino, principalmente nas graduações que necessitavam da prática (como exemplo, a Medicina), tendo sido considerado como extensão pela literatura, apenas cursos extracurriculares. Possivelmente, isso ocorreu pelo fato de o autor ter realizado sua pesquisa em torno de 1978, há mais de três décadas, podendo-se intuir que o principal motivo foi o conceito da extensão, que passou por várias modificações com o passar do tempo, não sendo um consenso até hoje no meio acadêmico.

Todavia, a extensão universitária somente foi oficializada a partir da primeira referência legal, a publicação do Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto-Lei nº. 19.851, de 11 de abril de 1931, tendo sido, segundo Sousa (2000), a primeira vez que o termo extensão apareceu na legislação educacional brasileira. Neste estatuto, descrevem-se mecanismos operacionais da extensão, como o controle da extensão nas universidades que deveria, a partir de então, estar sob a responsabilidade do Conselho Universitário, em consonância com as unidades acadêmicas (NOGUEIRA, 2005).

Neste estatuto, define-se ainda que, a extensão seria efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, enfatizando que, além da difusão do conhecimento, fossem destinados à solução de problemas sociais e à propagação de ideias que compreendessem os interesses nacionais. Portanto, refletindo a extensão como uma forma de exercer a influência sobre a sociedade e elevar seu nível cultural (NOGUEIRA, 2005).

Percebe-se, neste estatuto, a influência das universidades populares da Europa, descrito por Gurgel (1986) e o conceito de “via de mão única” que Melo Neto (2001) caracteriza como: a universidade levando algo à sociedade de sua especialidade e a sociedade sendo apenas a receptora. No entanto, com o avanço desta concepção, como uma proposta além da promoção de cursos e prestação de serviço, segundo Nogueira (2005), surge no movimento estudantil, na década de 1960, com o movimento relacionado ao compromisso social da universidade.

Ainda na década de 1930, os discentes se organizam e criam a União Nacional dos Estudantes (UNE), uma forma de unificação organizada nacionalmente, de expressão dos estudantes universitários, que lutavam pela concretização de uma universidade a serviço do povo brasileiro. Este movimento foi fortemente influenciado pelos pressupostos do Manifesto de Córdoba (GURGEL, 1986).

Ainda segundo Gurgel (1986), em 1938, ocorreu o segundo Congresso Nacional dos Estudantes, no qual foi aprovado o Plano de sugestões para uma Reforma Educacional Brasileira. No documento evidencia-se a questão da reforma universitária e define-se uma proposta funcional em relação ao ensino, pesquisa e extensão, que, posteriormente, foi consubstancialmente incorporada à Lei nº. 5540, e, estabelece como função da universidade, dentre outras, a promoção e o estímulo à transmissão do conhecimento, o desenvolvimento do saber, a liberdade de pensamento, a difusão da cultura e a integração universidade e sociedade.

A partir do primeiro Estatuto das Universidades brasileiras, em 1931, segundo Gurgel (1986), houve outras tímidas menções sobre a extensão universitária contidas nos dispositivos legais ao longo das décadas, ressurgindo, segundo Sousa (2000), na Lei 5.540 de 1968, documento referente à reforma universitária, que estabelece a obrigatoriedade da extensão em todas as Instituições de Ensino Superior as quais, deveriam estender às comunidades suas atividades de ensino e os resultados de suas pesquisas, por meio de cursos e serviços especiais.

Nogueira (2005, p.107) critica este entendimento da concepção de extensão determinada pela Lei 5.540/68, constatando que: “Entender a extensão apenas enquanto promoção de cursos ou apenas como prestação de serviços é restringi-la a um nível que a impede de alcançar sua dimensão acadêmica.” Tal crítica é avolumada principalmente pela citação na referida lei da extensão ser praticada por discentes sem necessariamente envolver os docentes e desvinculadas da institucionalização departamental.

Evidencia-se na década de 1960, já sob influência da ditadura militar que se instaurou no país após o Golpe de 1964, várias experiências de extensão universitária individualizadas em instituições de ensino superior, de importância marcante, que influenciaram o cenário nacional, entre as quais podemos destacar o Centro Rural Universitário Federal do Rio Grande do Norte (CRUTAC-RN), o Campus Avançado e o Projeto Rondon. Destaca-se a influência do Estado nessas

ações, por meio de incentivos e subsídios, em níveis nacionais, o que, segundo Sousa (2000), foram utilizados como instrumento político desenvolvimentista.

O CRUTAC-RN, com objetivos ousados e amplos, objetivava, a partir do treinamento universitário, desenvolver uma ação comunitária na busca do desenvolvimento regional social, sanitário e intelectual. Posteriormente, influenciou uma dimensão nacional, a criação, em 1969, da comissão Incentivadora dos Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária (CINCRUTAC), que foi a possibilidade de expansão das ideias em prática no CRUTAC-RN. Segundo Gurgel (1986) o objetivo era fortalecer a integração das universidades com as comunidades rurais por meio da extensão, integradas com as atividades de ensino e pesquisa.

O projeto Rondon definiu-se a partir da metodologia do desenvolvimento de comunidades, cuja operação pioneira aconteceu pela primeira vez em 1967, em que um grupo de alunos, com um líder e um coordenador, deslocou-se para Rondônia, desenvolvendo atividades de pesquisa, assistência médica e sanitária. Desse modo, percebe-se que apesar de essas ações apresentarem características da Extensão Universitária, elas eram desvinculadas da institucionalização da universidade, acontecendo principalmente em período de férias, buscando assim, evitar conflitos com as instituições de ensino (GURGEL, 1986).

O Campus Avançado surgiu a partir do amadurecimento da experiência do Projeto Rondon, mais integrado à universidade, funcionando como campo para a prática acadêmica, refletindo a projeção das universidades em outras áreas geoeconômicas e políticas, o que, segundo Gurgel, foi influenciado em sua forma pelo modelo norte-americano e subsidiado pelo Estado: “Vê-se, assim, que a conformação original norte-americana representava uma forma de responder a uma solicitação do Governo para que a universidade se inserisse como agente ativo do processo de desenvolvimento.” (GURGEL, 1986, p. 114).

Com o avanço do número das atividades “extensionistas”, na década de 1970, fomentadas e consolidadas com a participação do Estado, foram propostos, em consonância com o Ministério da Educação (MEC), mecanismos para institucionalizá-los e organizá-los. Criou-se, então, a Coordenação de Atividades de Extensão (CODAE) e, posteriormente, como mecanismo para operacionalização da extensão, o Plano de Trabalho de Extensão Universitária.

O CODAE surgiu com o ideal de ser uma instituição de coordenação nacional da extensão universitária pelo MEC, que centralizaria esforços para articular os programas e projetos governamentais de maior impacto. E, depois de constituído, teve como primeira preocupação elaborar um plano de trabalho. Para realizá-lo, reuniram-se com representantes das instituições universitárias, coordenadores de atividades “extensionistas”, Conselho de Reitores, dentre outros representantes de instituições governamentais (GURGEL, 1986).

O primeiro Plano de Trabalho de Extensão Universitária, elaborado pelo Ministério da Educação, divulgado em 1975, representou, segundo Sousa (2000), a busca do fortalecimento da institucionalização da extensão, que se refere, basicamente, à operacionalização das ações de extensão. Porém, o conceito de extensão apresentado nesta legislação apresenta um avanço conceitual, conforme citação a seguir:

A extensão é a forma através da qual a instituição de ensino superior estende sua área de atendimento às organizações, outras instituições e populações de um modo geral, delas recebendo um influxo no sentido de retroalimentação dos demais componentes, ou seja, o ensino e a pesquisa (BRASIL MEC/DAU, 1975. *apud* GURGEL, 1986, p.139).

Outro avanço no referido plano foi a superação do entendimento contido na Lei 5.540/68, que restringia a extensão à participação de estudantes, procurando envolver também os docentes (NOGUEIRA, 2005). Em relação ao MEC, este plano amplia sua responsabilidade em relação à extensão tomando para si a programação, a supervisão e a avaliação das atividades de extensão, deixando as universidades responsáveis pela execução (SOUSA, 2000). Ainda neste plano,

desenvolveu-se um levantamento das atividades existentes e foi proposta a forma como deveria se desenvolver sua coordenação, buscando articular as experiências desenvolvidas nacionalmente, propondo ainda:

[...] o desenvolvimento de um sistema de bolsas, projetos que integrem escola/empresa/governo, reformulação de currículos, integração das Universidades nas comunidades, implantação gradativa de cursos de curta duração e novas metodologias do ensino superior (BRASIL. MEC/DAU, 1975. *apud* SOUSA, 2000, p. 74).

Na efervescência dos movimentos pela institucionalização, caracterização e operacionalização da extensão, os reitores de extensão das universidades públicas se organizaram a partir de um conselho e, posteriormente, criaram o Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), em 1987, na busca por um fortalecimento nacional. O Fórum se caracterizou como um espaço nacional de comunicação e discussão, apresentando, de forma interinstitucional, as concepções de extensão (GURGEL, 1986; NOGUEIRA, 2000).

No Primeiro Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, definiu-se consensualmente o conceito de extensão universitária, buscando-se unir a teoria à prática educativa, indissociável ao ensino e à pesquisa, compreendendo um processo educativo, cultural e científico, viabilizando a relação transformadora entre universidade e sociedade, enfatizando a interação dialógica entre o conhecimento acadêmico com o popular e prático, conforme citado a seguir:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987, p. 1).

Influenciada pelas normas anteriores, a Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988) define, em seu artigo 207, que as universidades obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Isso permitiu que a universidade fosse além do ensino e da pesquisa, colocando em igual posição a extensão. Porém, segundo Sousa (2000) a constituição vem apenas absorver o que a Lei 5.540/68 já havia apresentado sem qualquer avanço, ou apresentar algo novo, para a sua prática ou sua construção.

Em 1996, foi instituída a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, que, segundo Sousa (2000), é pouco elucidativa quanto à extensão e, não avança na operacionalização desta, generalizando a extensão como um instrumento de difusão das produções e benefícios produzidos pelas universidades à sociedade. Nogueira (2005) coaduna com esta visão generalista da extensão na referida lei, pois reduz a extensão à função de divulgar a pesquisa científica e tecnológica. Percebe-se, nessa lei, o entendimento, ainda, da extensão como no conceito de “via de mão única”, tratado por Melo Neto (2001) como a sociedade sendo apenas receptora, conforme descrito, nas finalidades da educação superior, Artigo 43, da referida Lei: “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (NOGUEIRA, 2005, p. 119).

Em 2001, foram estabelecidas, no Plano Nacional de Educação, na Lei nº. 10.172, as metas para o Ensino Superior e definido, quanto à extensão, que todas as Instituições Federais de Ensino Superior deveriam implantar o Programa de Desenvolvimento da Extensão, estabelecendo-se que 10% dos créditos curriculares fossem reservados para a participação dos graduandos em ações de extensão. (NOGUEIRA, 2005). A seguir, apresenta-se a definição da avaliação para a aplicação em extensão universitária, com objetivo de fundamentar a análise dos resultados.

2.2 Avaliação institucional da extensão universitária

A proposta de avaliação da extensão universitária tratada neste trabalho consiste na autoavaliação institucional, que busca avaliar a percepção de um de seus interlocutores, os discentes, quanto ao alcance de suas ações e políticas institucionais.

Apesar da incontestável utilidade da avaliação para a gestão universitária, Chianca (2001) destaca que a avaliação sistemática ou formal é recente como área de conhecimento específico, tendo seu grande desenvolvimento nas últimas quatro décadas, permitindo aos governos utilizarem a avaliação como fator decisório para tomada de decisão e pressionando os órgãos e instituições, sob sua supervisão ou fiscalização, a adotarem políticas de avaliação institucional que corroborem, como dito, na tomada de decisão, controle da qualidade e transparência.

A implementação da avaliação na educação superior brasileira teve grande influência do mercado seguindo a lógica da produtividade das empresas, estimulada principalmente pelo governo militar brasileiro, de 1964 a 1985, que teve como meta modernizar o país com a noção de que a educação poderia cumprir esse objetivo, a partir de um modelo de eficiência aumentando o número de vagas e reduzindo recursos. Sendo assim, essa avaliação implementada por órgãos governamentais torna-se uma contradição ao modelo de avaliação defendida pela comunidade acadêmica comprometida com o sentido público, autônomo e social da universidade (DIAS SOBRINHO, 2003).

A avaliação teve, ainda, o intuito de justificar a necessidade da universidade pública, resgatando a sua credibilidade e a prestação de contas à sociedade dos recursos públicos utilizados, buscando-se, assim, evitar sua privatização, perspectiva que orientava as tendências do novo cenário político após o esgotamento do regime militar (DIAS SOBRINHO, 2003). Todavia, as avaliações das ações de extensão, que em sua maioria relacionam-se com outras atividades sociais, são pouco controladas e avaliadas institucionalmente, o que significa um problema, pois nem

sempre o investimento em ações sociais ou em ações de extensão é executado da melhor forma possível.

A universidade, no contexto atual de administração gerencial em um Estado burocrático, possui vários mecanismos de controle e avaliação, entre os quais: o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Sistema de Avaliação da Pós-Graduação, implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre vários outros promovidos pelo Ministério da Educação (MEC), em sua grande maioria, relacionados à pesquisa e ao ensino.

O objetivo da avaliação é orientar os dirigentes no planejamento de suas políticas e ações, buscando alcançar a eficácia em suas funções. Quanto ao planejamento, Chianca (2001) destaca que um processo de planejamento adequado contribui para uma avaliação de qualidade, pois, conforme defende Marcovitch (2002) a avaliação não existe em si mesma, mas para servir a um objetivo que deverá estar traçado em seu planejamento.

No planejamento, vigora a organização e a racionalidade na ação, denominada também como *ex-ante*; o monitoramento, etapa que deverá ser feita durante o processo, poderá gerar a retroalimentação do projeto; e a última etapa, ao final do projeto, *ex-post*. (COHEN; FRANCO, 1993). O monitoramento possibilita o acompanhamento das atividades transcorridas, possibilitando a readequação do planejamento, se necessário, a fim de alcançar os objetivos preestabelecidos ou alterá-los, garantindo a possibilidade de acerto de direção para alcançar os resultados almejados inicialmente (CHIANCA, 2001).

Rico (1998) afirma que a avaliação não é atividade apenas técnica, mas, sobretudo, uma atividade política e administrativa, a qual permite cumprir um papel gerencial na busca de eficiência, inovação, controle público e focalização, gerando crescimento e desenvolvimento, dentre outros resultados possíveis.

Quanto aos critérios de avaliação, podemos dividi-los em quatro: eficiência, eficácia, efetividade e impacto. Eficiência refere-se aos custos econômicos da ação em relação aos seus resultados. Eficácia refere-se à análise dos resultados previstos perante os alcançados. Efetividade apresenta os resultados provocados pela intervenção. Impacto analisa as consequências que resultaram da ação de forma direta ou indireta podendo atribuir-se valor (MEIRELLES, 2004).

Bosi e Mercado-Martínez (2011) descrevem modelos de avaliação mais recentes, diferente do modelo tradicional e prescritivo, que busca ser mais inclusivo, participativo, colaborativo, dialógico e democratizante, visando repensar os processos, as formas ou os estilos, baseados na triangulação de métodos, também conhecidos como vertente qualitativo-participativa.

Marback Neto (2007, p. 20) destaca a importância da avaliação institucional para a gestão da universidade como instrumento de qualidade que as mantém competitivas, além de identificar alguns fatores de influência positiva e negativa:

- A utilização da avaliação como instrumento de punição compromete seu potencial para uma gestão eficaz.
- O planejamento estratégico é elaborado desconsiderando os dados obtidos pela avaliação institucional.
- A natureza jurídica da universidade define o grau de utilização dos dados da avaliação em seus processos decisórios.
- A estrutura organizacional, fundamentada nos modelos de decisão, compromete a implantação de uma cultura avaliativa.
- Os resultados da avaliação institucional são um complexo referencial para a gestão, porque espelham a diversidade de expectativas dos grupos que integram a instituição.
- A deficiência no sistema de comunicação da instituição dificulta a implantação da cultura avaliativa. (MARBACK NETO, 2007, p. 20).

Nesse ínterim, a avaliação da extensão universitária apresenta-se como prerrogativa para suas práticas gerenciais, por meio de uma avaliação formativa, em

conformidade com os objetivos da universidade, dentro de suas atribuições e responsabilidades específicas perante a sociedade.

Destaca-se no cenário atual, quanto a avaliação da universidade, incluindo efetivamente a extensão, o desenvolvimento do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que foi criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, sendo que sua avaliação reflete vários aspectos relacionados à extensão. A seguir, algumas das dimensões avaliadas: o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente, a responsabilidade social da instituição, políticas de atendimento aos estudantes e a comunicação com a sociedade (BRASIL, 2004). Para o desenvolvimento da avaliação, são utilizados procedimentos e instrumentos diversificados, dentre os quais a autoavaliação e a avaliação externa *in loco*. Os resultados das avaliações das instituições de ensino superior e de seus cursos são disponibilizados pelo Ministério da Educação publicamente, permitindo que os governos utilizem a avaliação como fator decisório para tomada de decisão (BRASIL, 2004).

Nota-se, a complexidade da avaliação, que permeia várias dimensões como: o âmbito interno ou externo; os sujeitos da avaliação, docente, discente ou comunidade externa; os objetivos, entre outros formativos ou de controle. Além disso, é necessário para o desenvolvimento de um processo de avaliação, que se estabeleçam critérios que contenham padrões e indicadores, o que segundo Oliveira (2011), torna possível a adoção de parâmetros para avaliação por meio das dimensões ou construtos avaliativos.

Os indicadores são mecanismos de aproximação da realidade em que construímos instrumentos para captar esse processo, que está em constante transformação. Baseiam-se na identificação de uma variável, ou seja, algum aspecto que varia de estado ou situação, variação essa que consideramos capaz de expressar um fenômeno que nos interessa (ZIVIANI; MOURA, 2008, p. 3).

A expansão do uso dos indicadores sociais no Brasil aconteceu em meados dos anos 1960, a partir da necessidade da análise das transformações e dos impactos das políticas sociais, numa época em que se buscou demonstrar que o crescimento econômico poderia não estar gerando a melhoria esperada das condições sociais da população. Além disso, os indicadores utilizados como o Produto Interno Bruto (PIB) per capita mostravam-se inadequados para medir o bem-estar social (JANNUZZI, 2006).

O indicador social passou, a partir dos anos 1960, por um desenvolvimento contínuo, conceitual e metodológico, como forma de monitoramento do bem-estar e das mudanças sociais, permitindo uma análise informacional da realidade mais contextualizada e passível de comparação de uma realidade social (JANNUZZI, 2006). Para a pesquisa acadêmica, o Indicador Social é o elo entre os modelos explicativos da Teoria Social e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados. Em uma perspectiva programática, o indicador é um instrumento operacional para monitoramento da realidade social, para fins de formulação e reformulação de políticas públicas (JANNUZZI, 2006, p. 15).

Ziviani e Moura (2008) corroboram com essa ideia de indicador como um dos elementos de aproximação e delineamento da realidade, buscando mensurar e monitorar as atividades ou os fenômenos sociais. Apontam ainda o indicador como uma representação do real, fundamentada na necessidade humana de direcionamento, possibilitando verificar-se a necessidade de intervenção ou o retorno das intervenções, ou ainda, a necessidade de readequação ou de reformulação. Percebe-se a importância dos indicadores nas tomadas de decisões, sendo capazes de responder às necessidades conforme o fenômeno que for necessário à gestão.

Indicador social, segundo Jannuzzi (2006) é um recurso utilizado para tornar concreta uma ideia abstrata ou um conceito importante da realidade de uma família, um grupo, uma região, etc., posto que se trata de uma medida geralmente

quantitativa e sintética cujo objetivo é substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato.

Os indicadores podem ser empregados no processo de análise, formulação e implementação de políticas. Para isso é necessário, quando da sua construção, que se utilizem propriedades adequadas e desejáveis, para que, ao julgar a sua eficácia e o seu sentido, atenda-se aos objetivos propostos. São propriedades desejáveis aos indicadores: relevância social, validade, confiabilidade, cobertura, sensibilidade, especificidade, inteligibilidade, comunicabilidade, factibilidade para obtenção, periodicidade na atualização, desagregabilidade e historicidade (JANNUZZI, 2006).

Detalhando um pouco mais, estas propriedades dizem respeito ao grau de proximidade entre o conceito e a medida, o que seria a validade; à capacidade de refletir mudanças significativas, ou seja, a sensibilidade; à transparência da metodologia para a construção do indicador (inteligibilidade); à durabilidade ou historicidade; e a especificidade que reflete as alterações estritamente ligadas às mudanças da dimensão social de interesse (JANNUZZI, 2006).

A eficácia dos indicadores dependerá do alcance dos atributos, comparabilidade, confiabilidade, padronização e periodicidade, que estão interligados, uma vez que a periodicidade na coleta e a sistematização dos dados são essenciais para processar a comparabilidade, sendo que, por outro lado, a confiabilidade está fortemente relacionada à padronização, já que a qualidade da fonte e origem dos dados interferem diretamente nos padrões (ZIVIANI; MOURA, 2008). É importante frisar que nem sempre todos os indicadores conterão todas essas propriedades, mas quanto maior for o grau de adesão a elas, maior a validade da informação.

Os indicadores de extensão são indicadores sociais, conforme descrito por Jannuzzi (2006), por sua finalidade, pois são subsídios às atividades de planejamento público e formulação de políticas educacionais universitárias. Os indicadores de extensão para as universidades e institutos federais têm sido discutidos e consolidados pelo

FORPROEX (2007) como forma de institucionalizar e reconhecer as atividades de extensão, tanto em âmbito de cada instituição, quanto nacionalmente. Porém, na prática, a utilização desses indicadores tem ocorrido conforme a capacidade e a organização de cada universidade. Isso demonstra que um grande desafio para as instituições é garantir a consolidação de todos os indicadores possíveis, considerando quantidades, variedades e polissemias de ações e atividades de extensão.

Para esta pesquisa, usa-se o procedimento descrito por Costa (2011) de que, em geral, medir é avaliar, e avaliar é atribuir valor. Demonstra-se a partir disso que, dado um objeto ou construto a ser mensurado por um processo de construção de uma escala de mensuração, a escala será gerada a partir de um conjunto de indicadores (ou itens).

A expressão, construto, é usada para se referir a uma característica de um conceito ou objeto que pode ser mensurado, ou seja, o construto apresenta características que permitem quantificações ou classificações, portanto, a escala de mensuração é o instrumental completo, que engloba o instrumento de pesquisa, o conjunto de regras de aplicação, de atribuição e de análise (COSTA, 2011).

É fato que desenvolver instrumentos para avaliação tem sido um desafio, apesar dos inúmeros trabalhos e pesquisas direcionadas a mensurações nas Ciências Sociais e Comportamentais, portanto, o desenvolvimento desta pesquisa procurou contribuir para o aprimoramento da mensuração em extensão universitária, buscando avançar no desenvolvimento de ferramentas mais consistentes para análise e verificação.

3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFMG

Os aspectos relacionados à extensão universitária na UFMG serão apresentados neste tópico por se tratar da unidade de análise deste estudo, cujo objetivo é identificar e descrever as características da extensão na UFMG, seus aspectos políticos e estruturais, ações e diretrizes. Esse entendimento subsidiará a análise dos determinantes que darão embasamento para a compreensão dos resultados desta pesquisa que busca analisar a percepção dos discentes quanto à extensão, a partir das ações internas da UFMG, suas políticas, ações e diretrizes.

A descrição da extensão universitária na UFMG foi desenvolvida a partir dos aspectos relacionados ao trabalho. A intenção não foi descrever todos os aspectos referentes à extensão, mas fazer um recorte necessário à resolução do problema de pesquisa. A descrição foi elaborada por meio de levantamento de informações no site da Pró-Reitoria de Extensão e da UFMG e nos arquivos físicos, como guias, relatórios, planos de gestão e legislações internas.

Em consonância com o cenário nacional e a movimentação para a publicação do Estatuto das Universidades Brasileiras na década de 1930, tem início a extensão na UFMG, ainda que informalmente, com o desenvolvimento, em 1930, de conferências voltadas para a comunidade. Em 1932, as ações de extensão foram institucionalizadas conforme as determinações desse Estatuto, em que o controle das atividades de extensão na UFMG era regulado pelo seu Conselho de Extensão, um órgão integrante da Coordenação de Ensino e Pesquisa (UFMG. PROEX, 2012).

A extensão na UFMG está discriminada em seus documentos institucionais como regimentos e estatutos e integrado a sua missão e finalidades, conforme os termos do seu Estatuto e reeditado em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), citado a seguir:

[...] tem por finalidades precípua a geração, o desenvolvimento, a transmissão e a aplicação de conhecimentos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, compreendidos de forma indissociada e integrados na educação e na formação técnico-profissional dos cidadãos, bem como na difusão da cultura e na criação filosófica, artística e tecnológica. No cumprimento dos seus objetivos, a UFMG mantém cooperação acadêmica, científica, tecnológica e cultural com instituições nacionais e internacionais e constitui-se, também, em veículo de desenvolvimento regional, nacional e internacional (UFMG. PDI, 2012, p. 15).

Destaca-se ainda, a definição da extensão universitária constante no Regimento Geral da UFMG em seu Art. 60, em conformidade com as definições do FORPROEX, conciliando as diretrizes gerais da extensão e seus tipos e características de ações: “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade” (UFMG, 2010, p. 9).

A extensão na UFMG, integrada às suas ações, missões e finalidade institucional, conforme documentos, é um mecanismo de destaque para a institucionalização da extensão universitária, por meio de uma política que inclui: definição e divulgação de conceitos, diretrizes, finalidades, ações de formação (da equipe como multiplicadora), sistema de registro, planejamento, monitoramento e avaliação. Essas ações são desenvolvidas de forma democrática e participativa, normalizadas em instrumentos legais, conforme se demonstra a seguir nos tópicos: as diretrizes da extensão universitária; tipos e características das ações de extensão universitária na UFMG; estrutura geral da extensão na UFMG e os programas de apoio e fomento à extensão universitária na UFMG.

3.1 As diretrizes da extensão universitária

As diretrizes da extensão universitária, adotadas e divulgadas, na UFMG têm como referência as descritas pelo FORPROEX (2007), com base no Plano Nacional de Extensão (1999), que podem ser classificados em quatro eixos: Impacto e transformação, Interação dialógica, Interdisciplinaridade e Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Conforme caracterização a seguir:

Impacto e transformação: estabelecimento de uma relação entre a Universidade e outros setores da Sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e implementadora de desenvolvimento regional e de políticas públicas. Essa diretriz consolida a orientação para cada ação da Extensão Universitária: frente à complexidade e a diversidade da realidade, é necessário eleger as questões mais prioritárias, com abrangência suficiente para uma atuação que colabore efetivamente para a mudança social. Definida a questão, e preciso estudá-la em todos seus detalhes, formular soluções, declarar o compromisso pessoal e institucional pela mudança, e atuar;

Interação dialógica: desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo, pela ação de mão-dupla, de troca de saberes, de superação do discurso da hegemonia acadêmica – que ainda marca uma concepção ultrapassada de extensão: estender à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade – para uma aliança com movimentos sociais de superação de desigualdades e de exclusão;

Interdisciplinaridade: caracterizada pela interação de modelos e conceitos complementares, de material analítico e de metodologias, buscando consistência teórica e operacional que estruture o trabalho dos atores do processo social e que conduza à interinstitucionalidade, construída na interação e inter-relação de organizações, profissionais e pessoas;

Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão: reafirmando a extensão como processo acadêmico – justificando-lhe o adjetivo “universitária” –, em que toda ação de extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação profissional, e de sua formação cidadã – reconhecer-se agente da garantia de direitos e deveres, assumindo uma visão transformadora e um compromisso. Na aplicação dessa diretriz abre-se um capítulo especial, o da participação da Extensão na flexibilização da formação discente, contribuindo para a implementação das diretrizes curriculares nacionais, com reconhecimento de ações de extensão no processo curricular, com atribuição de créditos acadêmicos Universitária. (FORPROEX, 2007, p. 18).

Essas diretrizes estão presentes nos documentos da UFMG que, informam à comunidade acadêmica a maneira que devem ser desenvolvidas as ações de extensão nas guias, relatórios, planos de gestão, editais, entre outros.

Observa-se, ainda, a pertinência dessas diretrizes que estão incorporadas, até mesmo, no Regimento Geral da UFMG, em seu Art. 60, quando trata do conceito de extensão como: “[...] articulado com o ensino e a pesquisa”; “[...] que se refere à indissociabilidade”; “[...] ampliar a relação da Universidade com a sociedade”; “que compreende a interação dialógica” (UFMG, 2010, p. 9).

3.2 Tipos e características das ações de extensão universitária na UFMG

Na UFMG, as atividades de extensão estão assim classificadas em seu Regimento em seu Art. 60, § 1º: “As atividades de extensão, nas áreas técnica, científica, artística e cultural, serão realizadas sob as formas de programas, projetos, cursos, assessoramentos, prestação de serviços e/ou consultorias, entre outras.” (UFMG, 2010, p. 9). Em conformidade com o que preceitua o Fórum de Pró-reitores de Extensão (FORPROEX, 2007), cada uma dessas atividades apresenta características próprias e necessidades de avaliações gerenciais distintas. Vejamos a seguir suas definições.

O conceito de programa de extensão é o conjunto de projetos e outras ações de extensão, não estando explicitadas algumas condicionalidades dessas ações quanto à coordenação, por exemplo: dois projetos coordenados pelo mesmo coordenador poderia ser um programa, estas especificidades não estão contempladas, ou seja, a característica interdisciplinar da ação. Assim, o conceito é pouco focado e muito genérico, dificultando sua compreensão.

Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo. (FORPROEX, 2007, p. 35)

O projeto de extensão, de acordo com o Fórum, é uma: “ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”, podendo ser vinculado ou não a um programa interno de extensão, além de ter outras ações vinculadas a ele, como cursos, prestação de serviços e eventos (FORPROEX, 2007, p. 35). Esse conceito não abarcou o princípio da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa contemplados no conceito de programa.

Enquanto o curso de extensão é uma “ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou à distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos”; evento é uma ação da mesma natureza do curso, porém podendo ter menos de oito horas, que segundo o Fórum caracteriza-se como: “ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade” (FORPROEX, 2007, p. 36).

De acordo com o FORPROEX (2007, p. 39), a definição de prestação de serviço, assessorias e consultorias se fundem no termo prestação de serviço que são: “realização de trabalho oferecido pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público, etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem.”.

Esse conceito amplo e abstrato, da prestação de serviço, que não inclui a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, nem a interação dialógica, tem apresentado um grande obstáculo para a Universidade, onde ações totalmente desvinculadas das diretrizes da extensão têm se registrado como prestação de serviço. Botomé (1996) complementa que, assumir atividades características de outras instituições sociais leva a uma perda da responsabilidade institucional, típica da universidade, tendendo a desagregar os esforços para realizar o trabalho de sua responsabilidade fundamental e específica.

Percebe-se, a partir dessas caracterizações, que, das ações de extensão, o projeto reflete o conceito de projeto social, por estar em consonância com os problemas sociais e com suas ações voltadas a essa realidade, dialogicamente com a função pedagógica que, preferencialmente, deve ocorrer de forma interdisciplinar. O projeto pode contemplar todas as outras ações de extensão, pois, a sua articulação irá formar um programa e, entre suas atividades, poderá contemplar cursos e prestação de serviços.

Na UFMG as ações de extensão são propostas, por docentes ou por funcionários técnico-administrativos, com nível superior, e, registradas no Sistema de Informação da Extensão (SIEX), por meio de um *login* de servidor, essas ações são categorizadas por tipo: curso, evento, prestação de serviços, projeto e programa. Esse sistema, segundo o manual de orientação, se apresenta como:

O SIEX é o sistema de dados e informação da Extensão da UFMG. Ele é um sistema on-line em rede que permite o registro e disponibilização dos dados dos Programas, Projetos, Cursos, Eventos, Prestação de serviços e produções da extensão, inclusive de forma georreferenciada. O SIEX/UFMG permite a identificação e o acompanhamento das ações de extensão pela PROEX e pelos CENEX, bem como a construção dos relatórios para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira MEC-INEP, para a Avaliação Institucional da UFMG, para a Pró-reitoria de Planejamento da UFMG e para a Comissão Permanente de Pessoal Docente. O sistema é alimentado a partir do preenchimento dos formulários por servidores docentes e técnicos da UFMG. A consulta a esse banco de dados é aberta a comunidade, sem a necessidade de cadastro prévio, código ou senha. (UFMG, 2012, p. 20)

Por meio desse sistema é possível procurar ações de sua área de interesse, por assunto, localização, unidade, departamento ou área temática, o que facilita a comunidade a conhecer o que está sendo desenvolvido pela universidade de forma transparente, além de fornecer aos gestores uma forma de acompanhar a evolução das ações, por tipo de atividades, conforme GRAF. 1.

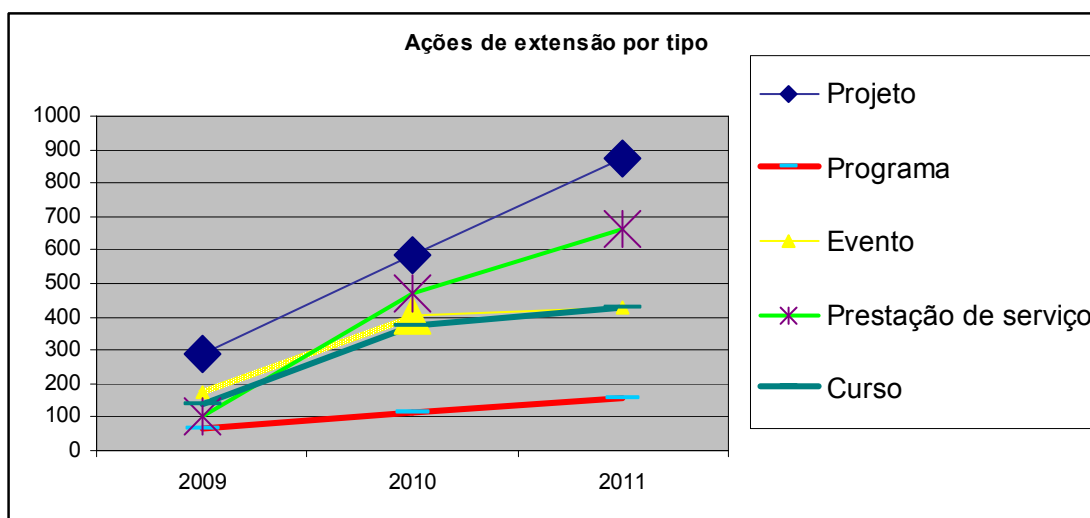


GRÁFICO 1 - Número de ações de extensão realizadas pela UFMG de 2009 a 2011
 Fonte: Sistema de Informações de Extensão e Relatórios da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG.

Por meio dos dados do GRAF. 1, percebe-se a evolução do número de projetos que são desenvolvidos na Universidade, motivados, em alguns casos, por programas de fomento internos e, por meio do crescente número de editais públicos, externos a Universidade, voltados a fomentar essas atividades de extensão.

Apenas para o ano de 2011, a UFMG distribuiu 692 bolsas de extensão (quota mensal), pelo Programa de Bolsas de Extensão (PBEXT), para os discentes de graduação da Universidade, e, externamente arrecadou um montante de recursos de R\$1.400.381,42 (um milhão, quatrocentos mil, trezentos e oitenta e um reais e quarenta e dois centavos) pelo Edital PROEXT do Ministério da Educação (MEC), para fomento de projetos e programas de extensão aprovados. O PROEXT abrange a participação de programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na inclusão social, tendo como objetivo fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito das Instituições Federais e Estaduais de Ensino Superior (UFMG. PROEX, 2012).

Na Universidade essas ações de extensão são caracterizadas a partir de regimentos, estatutos e outros instrumentos, desenvolvidos com intuito de fortalecê-las de acordo com a missão institucional. Estes instrumentos são implementados e desenvolvidos por meio de uma estrutura da qual se trata a seguir.

3.3 Estrutura organizacional na UFMG

A estrutura geral da UFMG a ser abordada, neste trabalho, será citada de forma sucinta, enfatizando apenas as considerações do Regimento Geral em relação às competências da extensão universitária. Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), de 2008 a 2012, a estrutura organizacional e instâncias de decisão que compõem a UFMG, são os órgãos, distribuídos de acordo com suas esferas de competência a saber: **Deliberação Superior** (Conselho Universitário e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão); **Fiscalização** (Conselho de Curadores); **Administração Superior** (Reitoria e seus órgãos auxiliares e o Conselho de

Diretores); **Ensino, Pesquisa e Extensão** (Unidades Acadêmicas; Unidades Especiais; Órgãos Suplementares); **Consulta** (Conselho de Integração Comunitária).

Ao **Conselho Universitário**, órgão de deliberação superior, incumbe formular a política geral da Instituição nos planos acadêmico, administrativo, financeiro, patrimonial e disciplinar e, segundo o Regimento Geral da UFMG (Art. 62): “Caberá ao Conselho Universitário regulamentar a prestação de serviços, a propriedade intelectual e a proteção ao conhecimento gerado na Universidade.” (UFMG, 2010, p. 9)

O **Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE)**, órgão de deliberação superior, é órgão técnico de supervisão e de deliberação em matéria de ensino, pesquisa e extensão, que segundo o Art. 61 do Regimento Geral da UFMG (UFMG, 2010), é responsável por estabelecer instrumentos e diretrizes para fomentar e disseminar as atividades de extensão na Universidade, e, segundo o PDI, tem como função:

[...] estabelecer as diretrizes do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade; submeter ao Conselho Universitário proposta de criação de Câmaras Acadêmicas; manifestar-se sobre criação, desmembramento, fusão e extinção, pelo Conselho Universitário, de Unidades Acadêmicas, Unidades Especiais, Departamentos ou estruturas equivalentes; estabelecer as condições para criação e atribuição de atividades acadêmicas curriculares; fixar número de vagas; aprovar o currículo, o projeto de funcionamento e o regulamento de cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado, bem como de cursos seqüenciais que conduzam a diploma e outros; e determinar a localização dos Colegiados de Curso, por proposta das respectivas Câmaras, observado o disposto no Estatuto da UFMG. (UFMG. PDI, 2012, p. 21).

A **Câmara de Extensão**, órgão auxiliar do CEPE, é um colegiado encarregado de acompanhar a implementação das políticas gerais da extensão, definidas pelo CEPE, e sob a responsabilidade da Pró-reitoria de Extensão (PROEX), reúne-se ordinariamente uma vez ao mês e, extraordinariamente, quando convocada, assessora diretamente a PROEX no acompanhamento e no controle das ações de extensão (UFMG. PROEX, 2010).

A **Pró-reitoria de Extensão (PROEX)**, órgão da administração superior, criada em 1969, tem como objetivo articular e coordenar as atividades de Extensão universitária da instituição, e apoiar o desenvolvimento de programas, projetos, atividades e publicações. Assim, cabe à Pró-reitoria de Extensão o fomento, o acompanhamento, a avaliação, a articulação e a divulgação das atividades de extensão da Universidade (UFMG. PROEX, 2012).

A PROEX, portanto desenvolve suas atividades extensão com a colaboração dos Centros de Extensão (CENEX), no qual suas atividades englobam: coordenar, induzir e articular as ações, no âmbito das unidades acadêmicas (Plano de Gestão da Pró-reitoria de Extensão da UFMG 2010-2014). Torna-se imprescindível o vínculo permanente entre a PROEX e os Centros de Extensão, que objetiva a consolidação do padrão exigido pela UFMG e sua política de extensão em cada unidade acadêmica envolvida nos projetos.

Os **Centros de Extensão (CENEX)** das unidades, órgãos de assessoria da Pró-Reitoria de Extensão, da Câmara de Extensão e da Direção das Unidades, são responsáveis pela colaboração na gestão, divulgação e intercâmbio das ações de extensão no âmbito universitário. E, segundo recomendações, expostas na Resolução 01/2002 da Câmara de Extensão deverão funcionar como:

[...] órgão de planejamento, divulgação, assessoramento, apoio, acompanhamento e organização de todas as atividades de extensão das unidades universitárias, representadas no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG (CEPE), programadas pelos Departamentos ou outras formas de organização da Unidade ou setor, atuando, quando necessário, como elemento intermediário entre a PROEX e demais órgãos envolvidos naquelas atividades, favorecendo contatos, convênios e captação de recursos para o andamento dos trabalhos de extensão. Parágrafo primeiro - Os Centros de Extensão adotarão a sigla CENEX, seguido da sigla da Unidade para funcionar como elemento de comunicação e promoção do órgão. (UFMG. PROEX, 2002, p. 1)

Pelas dificuldades estabelecidas na Universidade, devido à descentralização por unidades, os CENEX auxiliam na integração das ações e atividades de extensão, tanto entre as próprias Unidades, quanto da PROEX com as unidades, subsidiando

na comunicação, promoção de eventos, troca de experiências, multiplicadores de conceitos e modelos, entre outros. Em 2011, existiam na UFMG 27 CENEX, com instalações e equipamentos próprios para funcionamento nessas unidades.

Além das atividades descritas, o CENEX é responsável pela aprovação do cadastro das ações de extensão de sua unidade no Sistema de Informação da Extensão (SIEEX), sendo que a unidade da ação de extensão é a unidade de atuação à qual o coordenador está vinculado. A aprovação é concedida quando da conferência do correto preenchimento dos campos do banco de dados do sistema, da apresentação das aprovações e das autorizações.

As ações coordenadas por docentes ou técnicos devem ser autorizadas pelo Departamento ou chefia do órgão ao qual o coordenador está vinculado, sendo posteriormente homologada pela Congregação da Unidade. Segundo o Regimento Geral da UFMG em seu Art. 62 (UFMG, 2010, p. 9): “o Colegiado Superior de cada Unidade estabelecerá formas de aprovação e acompanhamento das atividades de pesquisa e extensão e da prestação de serviços em seu respectivo âmbito”.

Conforme se demonstrou, a estrutura organizacional relacionada à extensão tem como função, entre outras, estabelecer instrumentos e diretrizes para fomentar e disseminar essas atividades na Universidade. A seguir, apresentam-se alguns dos instrumentos desenvolvidos na UFMG para estímulo das ações de extensão, além de alguns mecanismos de fomentos externos, utilizados como incentivos pela Universidade à participação dos coordenadores dessas ações.

3.4 Programas de apoio e fomento a extensão universitária

A PROEX é responsável também, pela secretaria do Programa de Apoio Integrado a Eventos (PAIE), que é mantido pelas pró-reitorias acadêmicas da universidade. O PAIE objetiva apoiar financeiramente, a realização de eventos acadêmicos para as

diferentes áreas do conhecimento. Os eventos apoiados pelo PAIE, segundo as instruções normativas, devem estar registrados no sistema de informação da extensão e realizar-se no âmbito da UFMG ou no Estado de Minas Gerais com participação majoritária da UFMG, de interesses técnicos, científicos, esportivos e artísticos (UFMG, PROEX, 2012).

O Programa de Bolsas de Extensão (PBEXT) visa apoiar o desenvolvimento de Programas e Projetos de Extensão, por meio da concessão de bolsas de Extensão, em que a bolsa consiste em uma remuneração paga a título de ajuda de custo, pela participação do discente, matriculado na graduação da UFMG, que se integra como bolsista nos programas e projetos da extensão. Os programas e projetos devem se desenvolver de acordo com as diretrizes de extensão da UFMG.

O PBEXT objetiva, ainda, estimular a participação dos alunos nas ações de extensão; ampliar e fortalecer a interação da universidade com a sociedade, e; contribuir na formação técnico-científica, pessoal e social dos discentes. O Edital 06 que normatiza a apresentação dos programas e projetos para concorrer ao PBEXT é anual e a Câmara de Extensão é responsável pelo julgamento dos processos para concessão de bolsas. (UFMG. PROEX, 2011).

3.5 A participação dos discentes nas ações de extensão

Todos os discentes da Universidade podem participar de ações de extensão, como voluntários ou bolsistas. Cabe ao coordenador da ação de extensão selecionar os discentes que participarão da ação, cuja seleção deve acontecer de forma pública e transparente. Em caso de seleção para distribuição de bolsa, deverá ser precedida por edital, sendo de responsabilidade do coordenador, ainda, acompanhar a orientação e a supervisão do(s) bolsista(s) no desenvolvimento de suas ações nas atividades de extensão. Os discentes selecionados deverão assinar um documento chamado termo de adesão, para voluntários, ou termo de compromisso, no caso de bolsistas (UFMG. PROEX, 2012).

Os discentes selecionados para participação em ações de extensão deverão receber orientação para participação por meio de um plano de trabalho, elaborado pelo coordenador, com todas as atividades a ele atribuídas, tornando-se, também, responsável pelo desenvolvimento da ação. O discente deverá participar dos processos de avaliação da extensão, além de participar da organização e da divulgação da produção acadêmica, decorrente do trabalho desenvolvido (UFMG. PROEX, 2012).

Os discentes poderão receber créditos curriculares pela participação em ações de extensão, desde que as ações estejam regulares, aprovadas e registradas no SIEX e contenham um Plano de Trabalho para o discente, o qual tenha sido acompanhado e avaliado pelo coordenador da ação ou por um professor orientador. A solicitação de créditos deverá ser solicitada, pelo discente ao Colegiado de Curso da Unidade Acadêmica, que a analisará observando o projeto didático-pedagógico do curso do discente, e, então, atribuir crédito(s) e definir como poderão ser integralizados no percurso acadêmico do discente.

Cumpriu-se nessa descrição da extensão universitária na UFMG, o primeiro dos objetivos específicos, desta pesquisa: “identificar e descrever as características da extensão na UFMG, suas políticas, ações e diretrizes”. A seguir, apresentam-se os aspectos metodológicos aplicados no desenvolvimento da pesquisa, as técnicas, os procedimentos empregados e as características peculiares do campo da pesquisa.

4 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos colimados para o presente trabalho, quanto à avaliação da extensão universitária, a partir de suas políticas, ações e diretrizes, e, por ser um tema extenso e complexo, fizeram-se necessários alguns recortes metodológicos para tornar a pesquisa viável. Entre eles, o foco da pesquisa será a percepção dos estudantes quanto à extensão na UFMG. Para isso, será proposto e validado um instrumento de avaliação da percepção dos discentes, por meio de um pré-teste, com a aplicação do questionário para testes estatísticos de confiabilidade.

4.1 Tipo de pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios

A metodologia da pesquisa quanto aos fins foi a descritiva, na qual as variáveis são observáveis, mas não manipuláveis, cujo objetivo, segundo Vergara (2006), é descrever as características de determinada população ou fenômeno, registrando as variáveis, buscando ampliar o conhecimento e não generalizá-lo.

Para realização do estudo buscou-se analisar e sistematizar os dados percebidos, por meio de uma pesquisa documental que, de acordo com Vergara (2006) são classificados como secundários. O objetivo foi identificar e descrever as características da extensão na UFMG, suas políticas, ações e diretrizes, visando identificar construtos, indicadores e variáveis. Este desenvolvimento foi fundamental para definir as diretrizes do trabalho e as questões para avaliação da percepção dos estudantes. A partir dessa etapa, foi desenvolvido um instrumento, para levantamento de dados primários, que buscou cumprir o terceiro objetivo específico da pesquisa: propor e aplicar, para validação inicial, pré-teste, um instrumento para avaliação da percepção dos discentes com relação à extensão universitária.

Sendo o objeto de estudo a extensão universitária, utilizou-se como meio de investigação a pesquisa de campo, que de acordo com Vergara (2006), busca analisar o fenômeno diretamente no local onde ele ocorre, identificando suas características. Analisou-se, portanto, a percepção de um dos interlocutores da extensão universitária, os discentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quanto à extensão nesta instituição, a partir de suas políticas, ações e diretrizes.

4.2 Unidade de análise

A unidade de análise definida para a pesquisa foi a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por ser historicamente uma das universidades envolvidas no processo de institucionalização nacional da extensão, com grande reflexão e avanço em seu processo de avaliação e monitoramento em extensão. Seus dirigentes têm se relacionado e assumido papel de destaque no cenário nacional de discussão em fóruns sobre a extensão, tendo abrigado e mantido até 2010, um sistema nacional de informação da extensão (SIEXBRASIL) com mais de 10 mil ações inscritas, no qual um coordenador de extensão, de universidades cadastradas, pode registrar suas ações de extensão, podendo seus dirigentes, a partir destes registros, conhecer e divulgar de forma sistemática as ações de sua unidade. Além desse sistema, inaugurou-se, em 2008, um novo sistema, mais robusto, como forma de institucionalizar e monitorar as ações existentes na universidade.

A extensão universitária na UFMG se encontra articulada como um conjunto de princípios e diretrizes que norteiam sua implantação; suas ações se caracterizam como uma atividade acadêmica identificada com os fins da universidade, o que pode observado segundo o Regimento Geral da UFMG, Art. 60: “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade”. Suas ações ou atividades de extensão, nas áreas técnica, científica,

artística e cultural são dispostas como: programas, projetos, cursos, assessoramentos, eventos e prestação de serviços (UFMG, 2010, p. 9).

A avaliação da extensão na UFMG tem sido orientada pelo Fórum Nacional de Extensão dos Pro-Reitores de Extensão (FORPROEX) que tem como objetivo realizar a permanente avaliação institucional das atividades de extensão universitária. Alinhado a essa proposta, a UFMG tem desenvolvido, desde 2001, o processo de avaliação do Programa de Bolsas de Extensão (PBEXT), que é orientado pelas diretrizes nacionais de extensão e pela política institucional da UFMG, cujo objetivo é aferir resultados das ações desenvolvidas, subsidiando a gestão da extensão, bem como possibilitar a revisão de diretrizes, prioridades, estratégias e procedimentos.

4.3 As técnicas de coletas de dados e o universo da amostra

A pesquisa contou como metodologia para a análise dos dados primários, a abordagem qualitativa e quantitativa, buscando a resolução do problema de pesquisa: “Qual a percepção dos discentes quanto à extensão universitária desenvolvida na UFMG, considerada em suas políticas, objetivos, ações e diretrizes?”.

O instrumento utilizado, para levantamento de dados primários, foi o formulário de pesquisa, denominado questionário, que de acordo com Malhotra (2006) é um dos instrumentos mais utilizados em pesquisa de percepção, sendo um método de coleta de dados que apresenta diversas vantagens: a aplicação é simples; confiabilidade dos dados obtidos pela limitação das alternativas sendo que a predeterminação de respostas fixas reduz a variabilidade nos resultados; praticidade e uma relativa simplicidade para codificação, análise e interpretação dos dados.

O instrumento foi formulado a partir dos construtos levantados pela pesquisa documental e revisão de literatura. Posteriormente, foi analisado por um painel de especialistas, definido *a priori* pela equipe da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, em um total de catorze técnicos, os quais contribuíram com análises e sugestões ao instrumento desenvolvido para a pesquisa.

Posteriormente a esta etapa, o instrumento foi reelaborado conforme sugestões e testado por um grupo de discentes, público-alvo da pesquisa, em um total de oito estudantes, que testaram a compreensão do instrumento, sendo o mesmo reelaborado, e, retirada uma questão por apresentar dúbio entendimento.

O questionário contemplou variáveis quantitativas e qualitativas (APÊNDICE 1). As variáveis qualitativas são aquelas cujos valores representam atributos e ou qualidades. São variáveis qualitativas as questões 1, 15, 27, 39 a 47. A questão 1 é dissertativa e questiona a opinião do discente sobre o que é extensão universitária; as questões 15 e 27 são atributos que direcionam o preenchimento do questionário conforme a resposta do respondente; e, as questões de 39 a 47 referem se ao perfil sociodemográfico e escolar dos discentes.

As questões 2 a 14, 16 a 26 e, 28 a 37 do instrumento de pesquisa são variáveis quantitativas discretas (APÊNDICE 1). Elas são de natureza numérica e foram mensuradas na escala tipo *Likert* de quatro pontos (não, nunca - pouco, às vezes - frequentemente - sim, sempre).

Optou-se por uma escala de quatro pontos, forçando o respondente a se posicionar em relação às questões conforme sua percepção, por considerar que todos teriam conhecimento dos itens do questionário. Utilizou-se o método de direcionamento para que os respondentes preenchessem apenas as questões que refletiam seu conhecimento em relação às questões do instrumento.

O universo da amostra para a aplicação do instrumento foi o corpo discente da UFMG, sendo que a população universitária de alunos em curso nesta instituição era: Graduação (presencial e a distância): 30.957; Especialização: 7.061; Residência Médica: 402; Mestrado: 3.936; Doutorado: 3.439; Educação básica e profissionalizante: 1.694; Outros (cursos sem oferta regular): 1.765. Em um total de alunos da UFMG: 49.254 (UFMG, 2012).

Os procedimentos de seleção da amostra foram não probabilísticos, por acessibilidade, desenvolvido de duas formas. A primeira foi entregar o questionário impresso diretamente aos discentes, com as recomendações e instruções por escrito, na Biblioteca Central da UFMG, *campus* Pampulha-BH, pela heterogeneidade, percebida, de discentes no local, pela acessibilidade e adequação do ambiente favorável à leitura e anotação. A segunda opção foi enviar o questionário por *e-mail* aos discentes, também, com as recomendações e instruções.

Na primeira etapa foi distribuído um total de 250 questionários e o retorno foi de 75,6%, completando um total de 189 respondentes, nos turnos diurno e noturno. Enquanto que na segunda etapa o questionário foi enviado por *e-mail* para 1.500 alunos, sendo que apenas, 136 responderam, perfazendo um total de 325 questionários recebidos.

4.4 Técnicas de análise dos dados

Para a análise das variáveis quantitativas, as questões foram divididas em três partes. A primeira parte refere-se aos itens comuns a todos os discentes (2 a 14). A segunda parte foi respondida somente pelos que conheciam alguma ação de extensão da UFMG (16 a 26) e, a terceira parte foi preenchida pelos que conheciam e participavam de alguma ação de extensão (28 a 37).

Quanto à dimensionalidade definiram-se previamente as dimensões de análise para, posteriormente, definir-se também o instrumento de pesquisa a partir dos critérios conceituais e definições relacionadas à etapa do instrumento e suas questões (QUADRO 2).

QUADRO 2

Dimensões conceituais do questionário de avaliação da pesquisa

CONSTRUTO		DEFINIÇÃO / ORIGEM CONCEITUAL	QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO
1ª parte do questionário	Acesso e participação	Refere-se à participação e conhecimento dos discentes quanto as atividades de extensão/ Regimento da UFMG	2-3- 5- 6-7-11
	Comunicação e informação	Refere-se a transmissão adequada e oportuna de uma informação útil a um público (OLIVEIRA; DIAS. 2011).	4-8-9-10-12-13-14
2ª parte do questionário	Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.	Conhecimento sobre as diretrizes da extensão na Universidade em quatro eixos: Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Diretrizes da extensão na UFMG. (UFMG. PROEX, 2012)	16-17-18-26
	Impacto e transformação	- Diretrizes da extensão na UFMG. (UFMG. PROEX, 2012)	21-22-23
	Interdisciplinaridade e Interação dialógica	- Diretrizes da extensão na UFMG. (UFMG. PROEX, 2012)	19- 20-24-25
3ª parte do questionário	Impacto na formação	Conhecimento sobre a diretriz da extensão impacto na formação. - Diretrizes da extensão na UFMG. (UFMG. PROEX, 2012)	28-29-30-31
	Integralização curricular	Participação de discentes em atividades de extensão, computada para fins de integralização curricular - Regimento da UFMG	34-35
	Orientação e acompanhamento	Atenção individualizada e/ou em grupo aos discentes.	32-33
	Seleção e contribuições das bolsas de extensão	Refere-se a seleção e contribuições das bolsas de extensão para participantes de projetos e programas de extensão - Regulamento do Programa de Bolsa de Extensão	36-37

Fonte: Dados da pesquisa elaborados pela autora.

As três partes do instrumento, demonstradas no QUADRO 2, foram criadas para que os discentes fossem direcionados a responderem de acordo com o seu conhecimento sobre a extensão. Sendo que, a primeira parte do questionário, a qual

se refere aos itens comuns a todos os discentes, teve como objetivo analisar a participação dos discentes, a comunicação e as informações recebidas e o interesse dos participantes na busca por informações da extensão.

A segunda parte do questionário referiu-se a questões respondidas apenas, por quem conhecia algum tipo de ação de extensão. O objetivo foi analisar a percepção dos discentes quanto às características das ações de extensão, de acordo com os requisitos estipulados pela gestão da Universidade tais como: suas diretrizes, a interdisciplinaridade, a interação dialógica, o impacto social e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A terceira etapa do questionário foi direcionada aos discentes que conheciam e participavam de alguma ação de extensão. O objetivo foi analisar o impacto da participação em ações de extensão na formação do discente, a orientação recebida, a integralização curricular e os benefícios da bolsa de extensão.

É comum em pesquisas, cujo instrumento de pesquisa é o questionário auto-aplicado, que alguns respondentes deixem de responder alguns itens do instrumento por não desejarem responder, por não saberem a resposta ou simplesmente por esquecimento (FREITAS; RODRIGUES, 2005). Nestes casos, os participantes que apresentaram mais de três questões não preenchidas no conjunto das questões comuns a todos os discentes (Q2 a Q14) e aqueles que apresentaram mais de três campos não preenchidos nos itens de caracterização do perfil do discente (Q39 a Q47) tiveram todos os julgamentos eliminados da análise.

A partir desse critério de exclusão, foram desconsiderados 11 questionários (3,4%) restando 314 questionários para análise de dados. Os demais campos em branco nos quesitos mensuráveis foram substituídos pela média dos julgamentos do respectivo item. De acordo com Freitas e Rodrigues (2005), esse é o procedimento mais utilizado e adequado para o tratamento de situações em que há a ausência de valores.

A técnica de análise de conteúdo foi aplicada na abordagem da questão 1 (discursiva), buscando-se verificar as diferenças e as semelhanças entre as respostas dos discentes com suas características e o conceito estabelecido pelo Regimento Geral da UFMG, em seu Art. 60: “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade”. (UFMG, 2010, p. 9).

A análise fatorial exploratória foi utilizada para identificação dos fatores que agrupam os critérios de avaliação. Utilizou-se o método os fatores principais (*Principal Axis Factoring*) e rotação não ortogonal *Oblimin*. Adicionalmente, realizou-se a análise de confiabilidade dos construtos, via *Alpha de Cronbach*, com o objetivo de estimar a confiabilidade por consistência interna do questionário. A consistência interna está relacionada com a coerência dos resultados da avaliação de itens de uma pesquisa. (FREITAS; RODRIGUES, 2005, p. 2).

O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (Medida de Adequação da Amostra - MSA) foi aplicado para indicar o grau de explicação dos dados a partir dos fatores encontrados na análise fatorial. Valores de MSA superiores a 0,50 indicam que o modelo de análise fatorial é válido para a amostra, podendo ser confirmado pelo teste de esfericidade de *Bartlett*.

Após definição dos construtos pela análise fatorial e verificação da validade do modelo, determinou-se a média das respostas dos construtos e procedeu-se à comparação das médias entre as características sociodemográficas consideradas mais relevantes. O método estatístico aplicado foi à análise de variância, com 95% de confiança.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos resultados dessa pesquisa são apresentadas em consonância com a metodologia aplicada que, em conformidade com o instrumento desenvolvido para a pesquisa, contemplou variáveis qualitativas e quantitativas.

Inicialmente apresentam-se as variáveis qualitativas que, para análise neste trabalho, foram consideradas como aquelas cujos valores representam atributos e, ou qualidades. Esta análise foi dividida em três etapas. Primeiramente, realizou-se a estatística descritiva das questões 39 a 47 do instrumento de pesquisa, buscando caracterizar o perfil dos respondentes. Em seguida, relacionaram-se essas variáveis com as questões 15 e 27, que são atributos que direcionam o preenchimento do questionário, e também com a questão 38, que investiga o motivo que dificulta a participação em atividades de extensão. Posteriormente, também foram feitas essas relações com a questão um (dissertativa), que ainda, teve suas respostas analisadas pela técnica de análise de conteúdo.

As variáveis consideradas neste trabalho como quantitativas, foram mensuradas na escala tipo *Likert* de quatro pontos (não, nunca - pouco, às vezes - frequentemente - sim, sempre). As questões 2 a 14 foram destinadas a todos os respondentes, as questões 16 a 26 foram respondidas somente pelos que declararam conhecer alguma ação de extensão da UFMG e as questões 28 a 37 foram preenchidas somente pelos respondentes que declararam conhecer e ter participado de alguma ação de extensão.

Para a análise e discussão das variáveis quantitativas, os construtos foram definidos e interpretados com base nos resultados da análise fatorial e da análise de confiabilidade pelo coeficiente *a-Cronbach*. A análise fatorial foi aplicada separadamente em cada parte do questionário, pois o número de respondentes de acordo com tais partes foi diferente.

Em seguida, demonstrou-se a percepção dos respondentes em relação aos construtos identificados. Por fim, realizou-se a comparação das percepções dos respondentes, nos construtos, em relação às variáveis qualitativas mais relevantes.

5.1 Análise das variáveis

Nesta etapa de análise dos resultados da pesquisa, buscou-se analisar descritivamente as variáveis do instrumento de pesquisa. Em primeiro lugar, foi descrita a análise das variáveis categóricas, referentes às questões 39 a 47, buscando-se caracterizar a amostra da pesquisa. Em seguida, realizou-se a análise das questões 15 e 27, relacionando-as com as variáveis categóricas e com a questão 1 (discursiva) que, também, foi analisada pela técnica de análise de conteúdo. E, para finalizar, foi realizada a análise descritiva das questões, consideradas nesta pesquisa como quantitativas.

5.1.1 Análise descritiva

Inicialmente foi caracterizado o perfil sociodemográfico e escolar dos participantes, conforme definido na metodologia, quais sejam, os discentes da UFMG, um dos principais interlocutores da unidade de análise definida para a pesquisa. Destaca-se que a amostragem para a pesquisa utilizou a coleta de dados não probabilísticos. Nesse procedimento, a seleção dos respondentes é definida por acessibilidade, o que impede generalizações dos resultados.

Após aplicação do critério de exclusão, eliminaram-se 11 dos 325 questionários recebidos (3,4%). A análise dos dados foi realizada com o total final de 314 respostas.

Os cursos de graduação representam majoritariamente a amostra. Ao todo foram 287 discentes graduandos e graduados (91%) sendo Engenharia e Medicina os cursos de maior representação, conforme pode ser observado no QUADRO 3.

QUADRO 3
Cursos de graduação representados na pesquisa

Cursos que os respondentes frequentam na UFMG	n	%	Cursos que os respondentes frequentam na UFMG	n	%
Administração	8	2,5	Estatística	1	0,3
Agronomia	2	0,6	Farmácia	12	3,8
Antropologia	1	0,3	Filosofia	3	1,0
Arquitetura e Urbanismo	3	1,0	Física	4	1,3
Arquivologia	2	0,6	Fisioterapia	4	1,3
Artes visuais	5	1,6	Geografia	5	1,6
Automação	1	0,3	Geologia	2	0,6
Biblioteconomia	8	2,5	História	1	0,3
Biologia	12	3,8	Letras	9	2,9
Biomedicina	3	1,0	Matemática	5	1,6
Ciência da Computação	1	0,3	Medicina	17	5,4
Ciências do Estado	2	0,6	Museologia	1	0,3
Ciências Sociais	7	2,2	Música	1	0,3
Ciências Socioambientais	6	1,9	Odontologia	13	4,1
Comunicação Social	12	3,8	Psicologia	9	2,9
Conservação e Restauração de bens culturais móveis	2	0,6	Química	9	2,9
Contabilidade	7	2,2	Relações Econômicas Internacionais	4	1,3
Controladoria e Finanças	4	1,3	Sistema de Informação	2	0,6
Design	3	1,0	Terapia Ocupacional	2	0,6
Direito	6	1,9	Zootecnia	1	0,3
Economia	10	3,2	Cursos técnicos	3	1,0
Educação Física	5	1,6	Cursos de pós-graduação	21	6,7
Enfermagem	3	1,0	Em branco	40	12,7
Engenharias	32	10,2	TOTAL	314	100

Fonte: Dados da pesquisa.

A amostra foi bastante concentrada e homogênea, quanto ao nível de ensino dos discentes, o turno, o estado civil e a idade. Caracterizando um perfil dos respondentes, em mais de 75% em cada um desses itens, como sendo graduando, do período diurno, solteiro e entre 18 e 25 anos. Essa combinação de respostas foi verificada em 155 respondentes (49%).

Em relação ao nível de ensino (GRAF. 2), 85% dos respondentes estavam cursando a graduação, enquanto 5,41% já eram graduados e 6,69% estavam cursando pós-graduação. Apenas três respondentes disseram estar em curso médio/profissional e, um único respondente não preencheu essa opção.

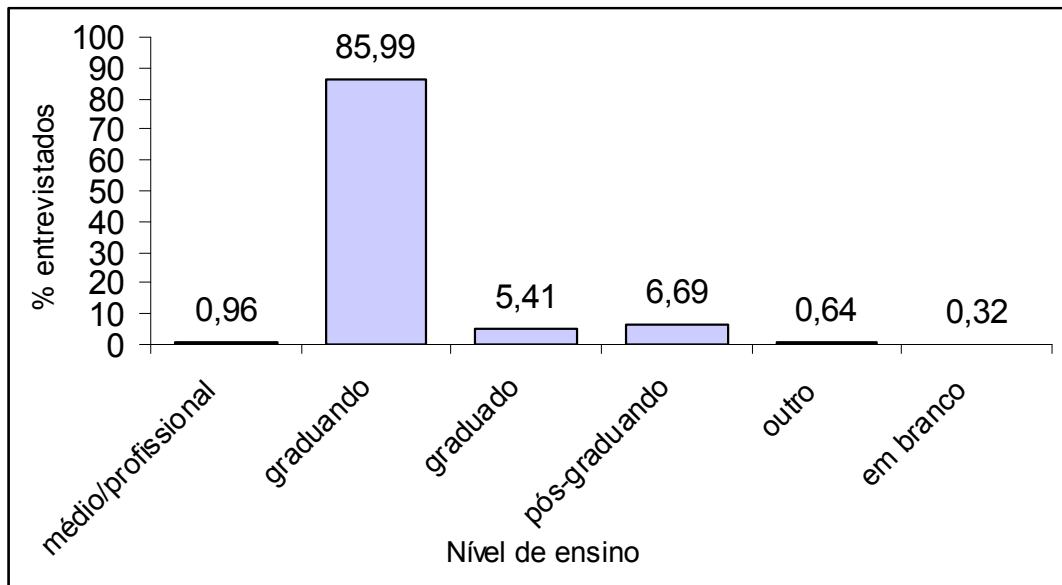


GRÁFICO 2 - Nível de ensino dos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao turno em que os respondentes frequentam as aulas, 74% apontaram o período diurno e 23% o turno noturno, sendo que seis respondentes da amostra não responderam a essa questão. Especula-se que o motivo seja que esses respondentes tenham aulas nos dois turnos.

O estado civil dos respondentes está ilustrado no GRAF. 3. Observou-se que a maioria são solteiros. Apenas 30 respondentes disseram ser casados ou conviver em união estável. Essa informação agrega muita importância ao relacioná-la com a participação em atividades de extensão, uma vez que se questiona se o estado civil interfere na participação dessas atividades.

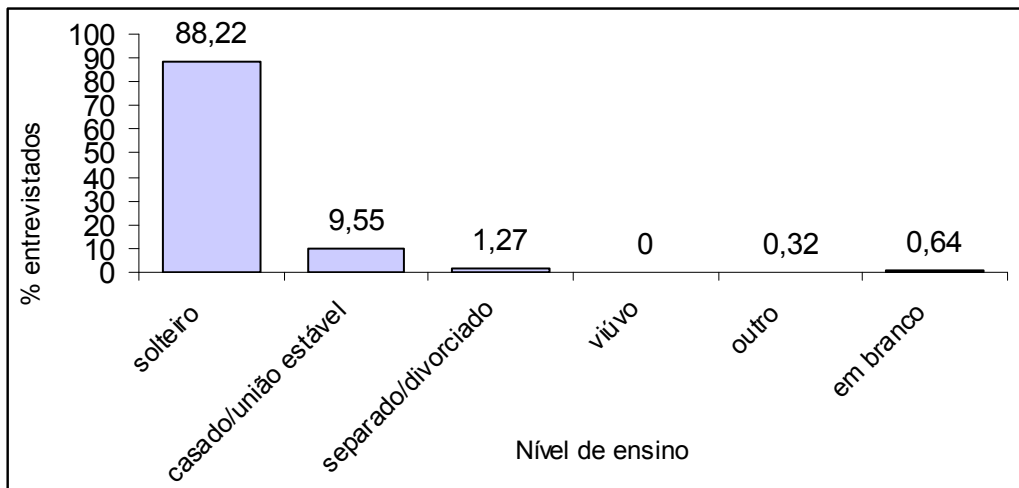


GRÁFICO 3 - Estado civil dos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

No GRAF. 4, observou-se a predominância da idade entre 18 a 21 anos (142 respondentes) e 22 e 25 anos (101 respondentes). A soma dessas duas categorias resulta na faixa etária de 18 a 25 anos, com 77% da amostra. Tanto a faixa de 26 a 29 e a faixa de 30 anos ou mais tiveram aproximadamente 10% dos respondentes cada.

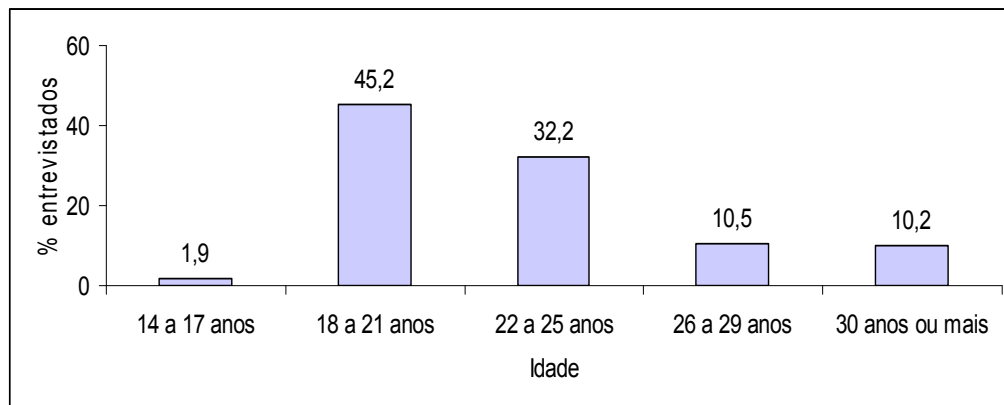


GRÁFICO 4 - Idade dos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre as outras características, a amostra apresentou-se bastante equilibrada e heterogênea, o que é importante para a representatividade, pois, é desejável que a amostra reflita a percepção dos mais diversos públicos do universo da população alvo. Estas questões foram relacionadas à origem escolar, ao tempo de estudo na UFMG, ao gênero e à cor/raça.

O GRAF. 5 não demonstra predominância na origem escolar, pois, apesar de 49% responderem ser de escolaridade pública, um grande número de participantes respondeu ser de escola particular e pública e particular, que somados perfazem um total de 48% dos respondentes.

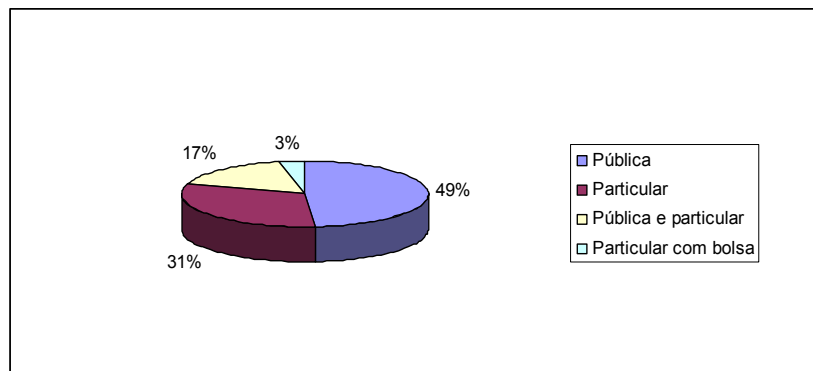


GRÁFICO 5 - Origem escolar dos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

O tempo de estudo dos discentes na UFMG também, se mostrou muito equilibrada, conforme GRAF. 6.

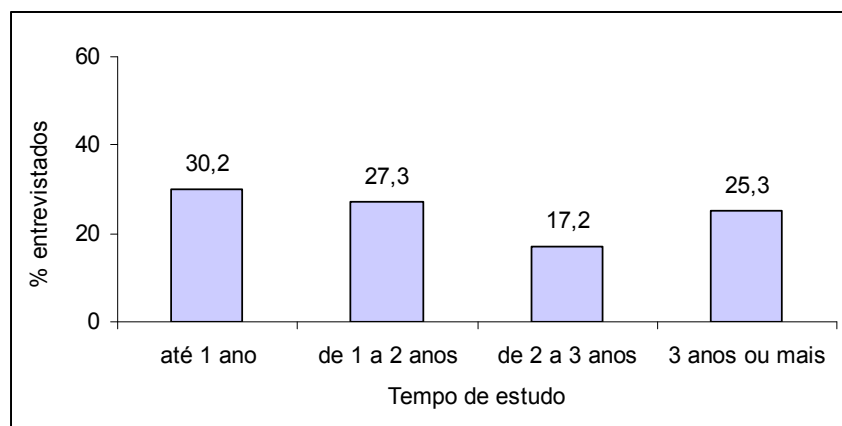


GRÁFICO 6 - Tempo de estudo na UFMG
Fonte: Dados da pesquisa

A questão de gênero demonstrou que a amostra ficou com porcentagens iguais, sendo que foi composta por 154 respondentes masculinos e 156 feminino, ou seja, correspondem aproximadamente a 50% de cada gênero. Nessa questão, apenas quatro participantes não responderam.

A questão racial, conforme GRAF. 7, predominantemente, foram entre branca e parda.

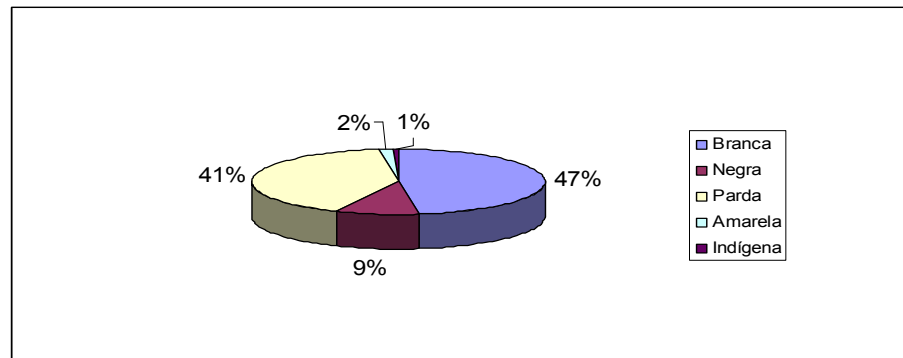


GRÁFICO 7 - Cor/Raça dos participantes da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

No QUADRO 4, temos a síntese dos dados sociodemográficos para ilustrar, de forma completa, as quantidades, as porcentagens, além das questões em branco. Destaca-se que na questão relacionada à idade nenhum dos respondentes a deixou em branco. A análise da quantidade de questões em branco é importante, pois reflete o entendimento ou discordância dos respondentes quanto às opções da questão. Analisando a síntese da amostra, observou-se que em nenhuma das questões a abstenção foi superior a 2% do total de respondentes.

QUADRO 4

Síntese do perfil sociodemográfico e escolar

SÍNTESE DOS DADOS SÓCIOS DEMOGRÁFICOS			
Total de respondentes 314			
Questões	Opções	Quantidade	%
Q39 - Quanto ao nível de ensino	médio/profissional	3	0,96
	graduando	270	85,99
	graduado	17	5,41
	pós-graduando	21	6,69
	outro	2	0,64
	em branco	1	0,32
Q40 - Quanto à origem escolar	pública	151	48,09
	particular	97	30,89
	pública e particular	52	16,56
	particular com bolsa supletivo público ou particular	10	3,18
	outro	0	0,00
	outro	1	0,32
	em branco	3	0,96
Q41 - Quanto ao turno	diurno	234	74,52
	noturno	74	23,57
	branco	6	1,91
Q43 - Quanto ao tempo de estudo na UFMG	até 1 ano	93	29,62
	de 1 a 2 anos	84	26,75
	de 2 a 3 anos	53	16,88
	3 anos ou mais	78	24,84
	em branco	6	1,91
Q44 - Quanto ao gênero	masculino	154	49
	feminino	156	50
	em branco	4	1
Q45 - Quanto ao estado civil	solteiro	277	88,22
	casado/união estável	30	9,55
	separado/divorciado	4	1,27
	viúvo	0	0,00
	outros	1	0,32
	em branco	2	0,64
Q46 - Quanto à cor/raça	branca	147	46,82
	negra	28	8,92
	parda	126	40,13
	amarela	5	1,59
	indígena	2	0,64
	em branco	6	1,91
Q47 - Quanto à idade	14 a 17 anos	6	1,91
	18 a 21 anos	142	45,22
	22 a 25 anos	101	32,17
	26 a 29 anos	33	10,51
	30 anos ou mais	32	10,19
	em branco	0	0,00

Fonte: Dados da pesquisa elaborados pela autora.

Observadas as análises das variáveis categóricas, busca-se, a seguir, relacioná-las com as demais variáveis qualitativas da pesquisa: com as questões 15 e 27; e, posteriormente, com a questão 01, que é uma questão dissertativa, e, que será analisada a partir da técnica de análise de conteúdo.

A questão classificada no instrumento de pesquisa como questão 15 questiona ao respondente se conhece alguma(s) ação(ões) de extensão da UFMG, em que as opções de resposta eram “sim” ou “não”. Dos 314 respondentes da pesquisa, 40% disseram não conhecer nenhum tipo de ação de extensão, o que representa uma expressão grande da amostra, e, 60% responderam que conheciam.

Para entender se os discentes, além de conhecer, também participavam da extensão, analisaram-se mais três questões: a participação em eventos, cursos e programas ou projetos.

A participação em **eventos** de extensão da UFMG (questão 5) foi respondida com os atributos “sempre e frequentemente” por apenas 18,79% dos respondentes. A participação em **cursos** de extensão (questão 6) teve 23,89% da amostra com as respostas “sempre e frequentemente”. Quanto à participação em **programas ou projetos de extensão** (questão 27), verificou-se que 35,99% dos respondentes afirmaram que participam ou participaram dessas atividades.

Com essa análise preliminar dos dados, induz-se que existe um problema de aproximação da extensão com um dos seus principais interlocutores: os discentes. Há de se falar que a extensão depende basicamente de três principais interlocutores, de acordo com a revisão de literatura: os coordenadores (técnicos ou docentes), os discentes e a comunidade. A extensão, a partir de suas diretrizes, deveria estar vinculada ao aluno, senão, voltemos ao conceito:

Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão: reafirmando a extensão como processo acadêmico – justificando-lhe o adjetivo “universitária” –, em que toda ação de **extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista** de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação profissional, e de sua formação cidadã – reconhecer-se agente da garantia de direitos e deveres, assumindo uma visão transformadora e um compromisso. Na aplicação dessa diretriz abre-se um capítulo especial, o da participação da Extensão na flexibilização da formação discente, contribuindo para a implementação das diretrizes curriculares nacionais, com reconhecimento de ações de extensão no processo curricular, com atribuição de créditos acadêmicos Universitária. (FORPROEX, 2007, p. 18. **Grifo nosso**).

Para aprofundar a compreensão sobre a percepção dos discentes sobre as ações de extensão, procurou-se comparar o nível de ensino dos respondentes com o conhecimento de ações de extensão, conforme GRAF. 8.

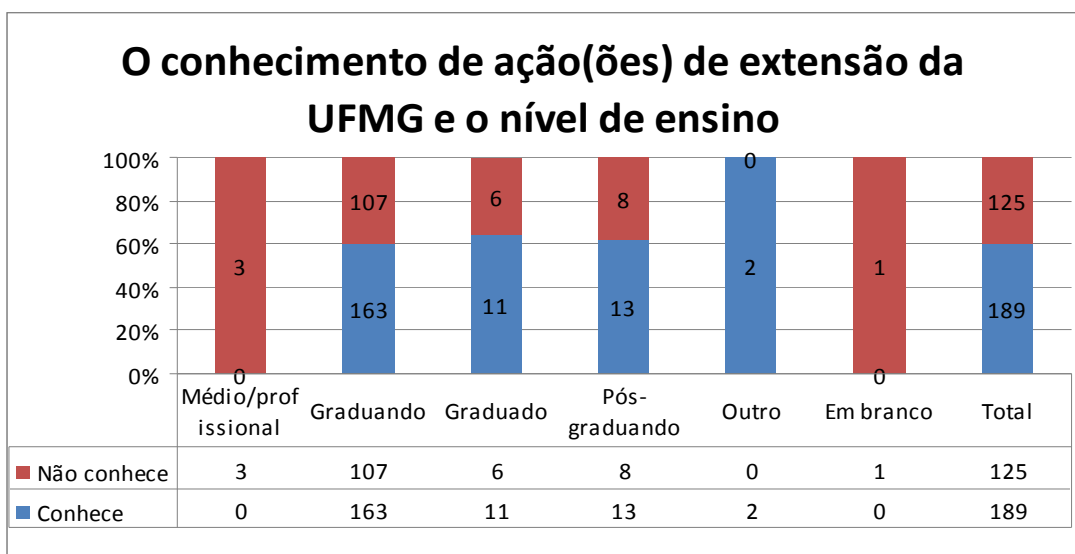


GRÁFICO 8 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG X o nível de ensino
Fonte: Dados da pesquisa.

No GRAF. 8, destaca-se os respondentes da amostra que cursavam o ensino médio/profissional, apenas três respondentes, verifica-se que nenhum deles conhecia algum tipo de ação de extensão. Os graduandos que representam 86% da amostra refletiram o mesmo resultado do total da amostra, ou seja, 40% não conhecem ações de extensão. A pós-graduação, que representou uma pequena parte da amostra, teve 62% de respondentes que conheciam as ações de extensão.

Analisou-se, também, a comparação entre o conhecimento de ações de extensão, porém, agora, com o tempo de estudo (GRAF. 9), observando-se a permanência na universidade representaria maior conhecimento dessas ações.

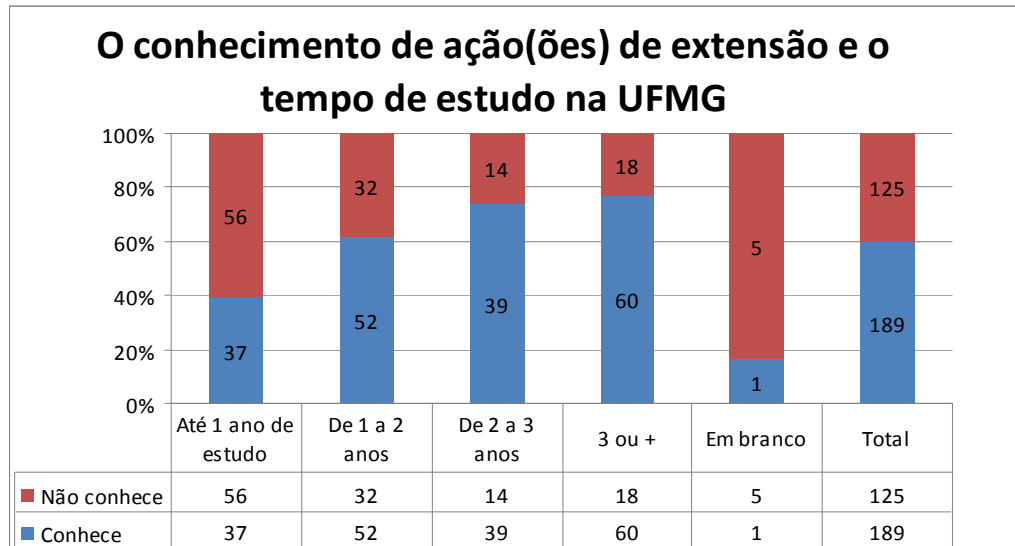


GRÁFICO 9 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG e o tempo de estudo
Fonte: Dados da pesquisa.

O GRAF. 9, demonstrou que quanto mais tempo o aluno permanece na universidade, há uma propensão a conhecer as ações de extensão, com destaque para o período de três anos ou mais, em que 77% dos respondentes conhecem alguma ação de extensão, superando a média total da amostra que é de 60%.

Na análise da participação dos respondentes em programas ou projetos de extensão, buscou-se relacioná-la com a idade dos respondentes, além de verificar se existe alguma relação. Conforme GRAF. 10, percebe-se que, a participação tem ligeiramente aumentado conforme aumenta a idade, com exceção da categoria de 26 a 29 anos que, representou apenas 11,6% do total da amostra.

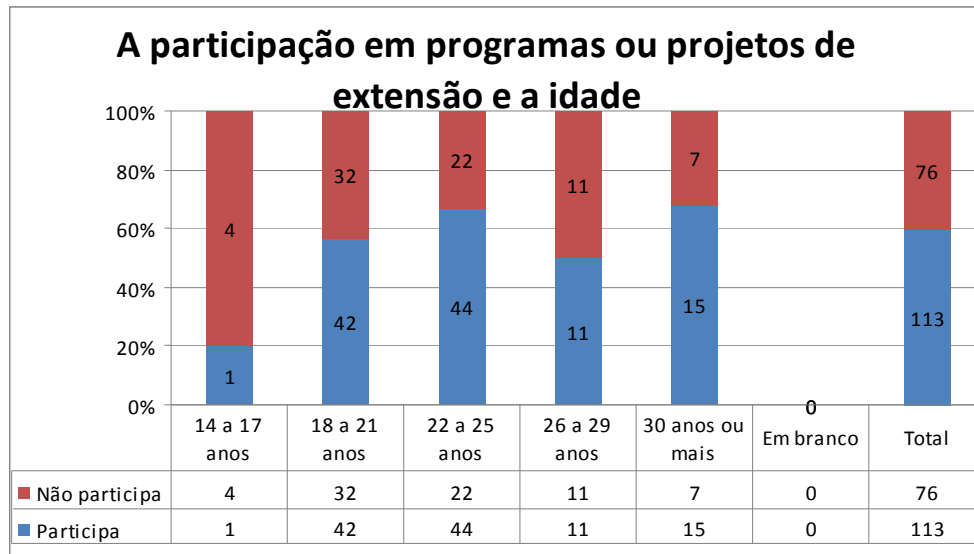


GRÁFICO 10 - A participação em programas ou projetos de extensão e a idade
Fonte: Dados da pesquisa.

Na análise da participação dos respondentes em programas ou projetos de extensão relacionada com a origem escolar, não se observou nenhuma predominância, sendo o resultado bastante homogêneo. Os respondentes que estudaram apenas em escolas públicas tiveram uma participação em programas ou projetos de 63% dos respondentes; na particular, 57% de participação; na mista, com pública e particular 54% participam dessas ações, enquanto que os advindos de particular com bolsa foram de 63% de participação. Nenhum dos respondentes selecionou a opção, supletivo ou outro. A análise da participação em programas ou projetos, também, foi comparada ao turno escolar, conforme GRAF. 11.

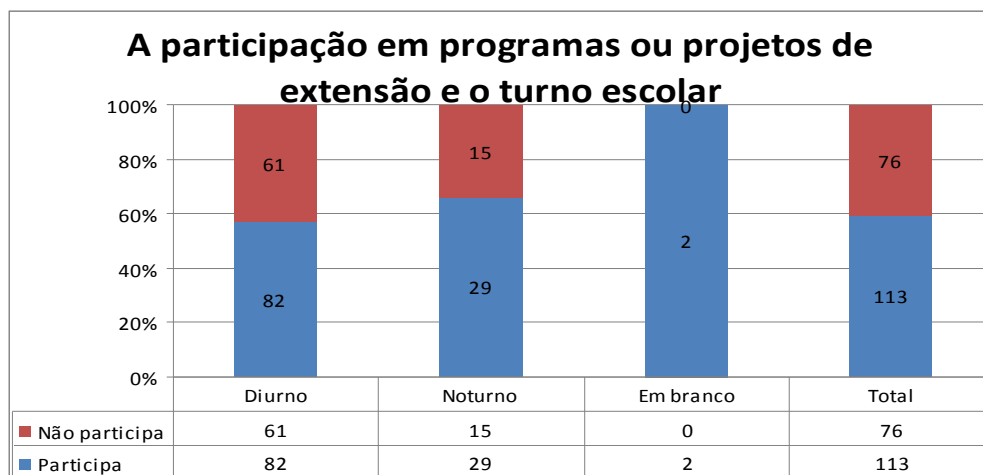


GRÁFICO 11 - A participação em programas ou projetos de extensão e o turno escolar
Fonte: Dados da pesquisa.

No GRAF. 11, nota-se que o turno diurno, que representa 75,7% da amostra, teve 57% de participação em atividades de extensão, contra 66% de participação dos discentes do noturno; a diferença foi relativamente pequena para maiores considerações. Porém, intui-se que os discentes do noturno teriam mais disponibilidade de horário para atividades extras, porém seria necessário outros estudos mais amplos para confirmar se os discentes do noturno realmente participam mais de ações de extensão e, se, o motivo é o tempo disponível.

No GRAF. 12, observa-se, ainda, a participação em programas e projetos de extensão, porém em comparação com a raça/cor, declarada pelos respondentes.

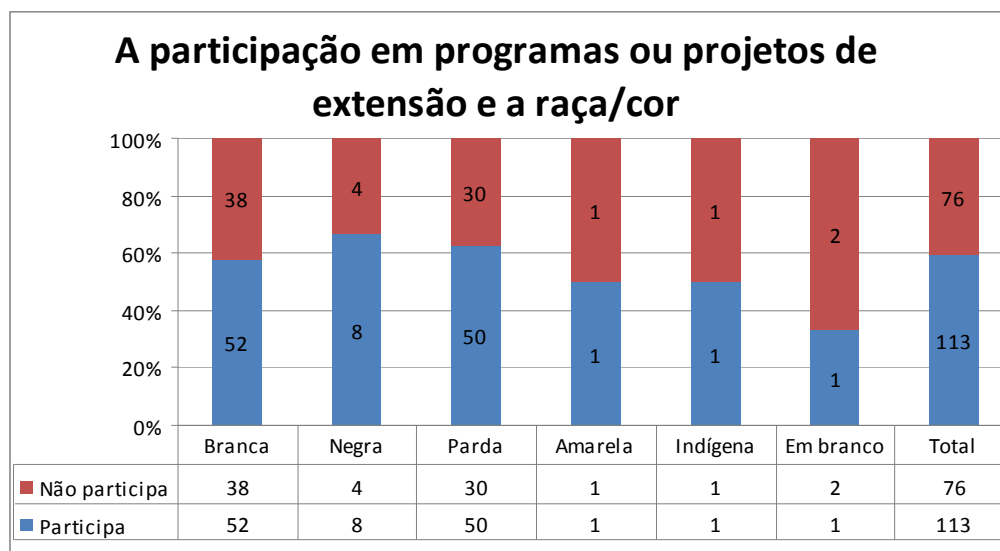


GRÁFICO 12 - O conhecimento de ação(ões) de extensão da UFMG X O nível de ensino
Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao GRAF. 12, não se percebe nenhuma predominância, mantendo uma homogeneidade nos resultados apresentados, ou seja, o maior número de respondentes definiu-se como Branco (47,6%) ou Pardo (42,3%), sendo que, 58% dos discentes denominados como raça branca, responderam que participam de programas ou projetos de extensão, enquanto que os denominados pardos somaram 62,5%. A diferença foi relativamente pequena para maiores considerações.

Partindo dos resultados encontrados, 60% dos respondentes afirmaram que **conhecem as ações** de extensão, porém apenas, 35,99% **participam ou participaram de programas ou projetos** de extensão; e, a participação em **eventos e cursos** de extensão, respondida com os atributos “sempre e frequentemente”, totalizou, respectivamente, apenas, 18,79% e 23,89%.

Buscou-se analisar o motivo que tem dificultado a participação em ações de extensão por todos os respondentes da pesquisa, conforme QUADRO 5.

QUADRO 5

Motivos que dificultam(aram) a participação em ações de extensão

O PRINCIPAL MOTIVO QUE DIFICULTA(OU) A PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES DE EXTENSÃO	%
Tempo disponível para conciliar aula e outras atividades	40
Informações sobre as ações de extensão	14
Falta de apoio financeiro ou o apoio é insuficiente (bolsas, passagens e outros)	13
Orientação sobre como funciona a participação dos alunos	11
Não percebo nenhuma dificuldade para participar de ações de extensão	6
Falta de ações de extensão na minha área de formação	4
Não participo(ei) porque não tenho interesse	4
O processo de seleção	3
Outros	2
Não preencheu	4
TOTAL	100

Fonte: Dados da pesquisa elaborados pela autora

Relacionando o resultado do QUADRO 5 com a revisão de literatura, notamos que o resultado contradiz uma das diretrizes da extensão (a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão), pois, o principal motivo de dificuldade para participação em ações de extensão, relacionado por 40% dos respondentes, foi o tempo disponível para conciliar aula e as atividades de extensão, como se a extensão fosse totalmente desvinculada academicamente.

Apresenta-se no próximo item, a análise da questão aberta do instrumento, a partir da técnica de análise de conteúdo, conforme descrito na metodologia, cujo objetivo é

avaliar a percepção dos discentes sobre o que é extensão universitária em correlação com as características e o conceito estabelecido pela UFMG.

5.1.2 Análise de conteúdo da percepção dos discentes sobre o conceito de extensão universitária

A partir dos conceitos percebidos por meio da pesquisa documental, foi elaborada a seguinte questão aberta: “Gostaria de começar sabendo a sua opinião sobre o que é extensão universitária”. Ela foi propositalmente colocada em primeiro lugar, para que as demais questões, não influenciassem, demasiadamente, no conceito preestabelecido, dos discentes, sobre o assunto. O objetivo foi avaliar a percepção dos discentes sobre o que é extensão universitária, como eles compreendem e definem a extensão e, se, o que descrevem, está correlacionado com as características e o conceito estabelecidos pela UFMG. Portanto, a análise dessas respostas, teve como base a definição estabelecida no Regimento Geral da UFMG:

Art. 60. A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade.

§ 1o As atividades de extensão, nas áreas técnica, científica, artística e cultural, serão realizadas sob as formas de programas, projetos, cursos, assessoramentos, prestação de serviços e/ou consultorias, entre outras.

§ 2o As atividades de extensão integrarão os planos de trabalho tanto dos docentes envolvidos em sua realização, como das Unidades que as promovem. (UFMG, 2010, p. 9).

A partir da análise, com base no conceito descrito acima, foi possível classificar as respostas dos participantes da pesquisa, em cinco dimensões, conforme descritas no QUADRO 6.

QUADRO 6

Dimensões do conceito de extensão determinados pelos discentes

DIMENSÕES	TOTAL DE RESPONDENTES
5.1.2.1 Extensão como dimensão social / relação universidade e sociedade	84
5.1.2.2 Extensão como dimensão acadêmica/ Prática acadêmica	84
5.1.2.3 Extensão como a dimensão das atividades de extensão	25
5.1.2.4 Extensão como dimensão da pesquisa	3
5.1.2.5 Extensão como ações sociais, artísticas e culturais	12
TOTAL DE RESPONDENTES	208

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Das 314 respostas válidas, 13 respostas não permitiram a classificação e 93 deixaram essa questão em branco, ou seja, quase 30% dos respondentes, um número expressivo. Infere-se que o motivo seja por ser uma questão aberta, o que, muitas vezes, desestimula os respondentes a dissertarem, ou apenas, por não terem conhecimento mesmo sobre o assunto. Comparou-se o preenchimento dessa questão, com a questão 15 do questionário: “Você conhece alguma(s) ação(ões) de extensão da UFMG”, conforme QUADRO 7.

QUADRO 7

Relação entre os discentes que declararam conhecer a extensão e os que responderam a questão aberta

	Não preencheu a questão 1	Preencheu a questão 1	Total
Não conhece ação(ões) de extensão da UFMG	51 (16%)	74 (24%)	125 (40%)
Conhece alguma ação(ões) de extensão da UFMG	42 (13%)	147 (47%)	189 (60%)
Total	93 (30%)	221(70%)	314 (100%)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Verifica-se que 16% dos respondentes não opinaram sobre o que é extensão universitária e não conhecem ações de extensão. Estima-se que esse grupo realmente, não tenha nenhum conhecimento sobre extensão. Já o número de respondentes que opinaram sobre o que é extensão, mesmo sem conhecer

nenhuma ação, mostrou-se relevante (24%) e apenas 47%, menos da metade dos respondentes, conhecem ações de extensão e a conceituaram.

Passa-se a seguir, à análise de conteúdo das dimensões, descritas anteriormente, no QUADRO 6, classificadas a partir das respostas dos discentes à questão 1, referente à opinião dos respondentes sobre o que é extensão universitária.

5.1.2.1 Extensão como dimensão social / relação universidade e sociedade

A dimensão social apresentada refere-se a aspectos relacionados à relação da universidade com a sociedade. Esta foi a dimensão que apresentou um maior número de referência pelos discentes e se apresenta em consonância com o conceito utilizado pela UFMG em seu regimento, apresentado anteriormente e destacado aqui “[...]cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade”.

Dos 208 respondentes dessa questão, 84 apontaram a relação da universidade com a sociedade e; 15 discentes apontaram a dimensão social juntamente com a dimensão acadêmica, ou seja, um total de 99 discentes fizeram menção a essa dimensão ao opinar sobre o que é extensão universitária, sendo um percentual expressivo de respondentes (47%), possibilitando assim, classificar as respostas conforme definidas conceitualmente na revisão de literatura sobre a extensão e a relação com a sociedade, com base na obra de Melo Neto (2001), descritas anteriormente no QUADRO 1.

Portanto, as respostas dessa dimensão “extensão como dimensão social” foram classificadas em três tipos: 1) as que evidenciaram apenas o envolvimento da Universidade com a sociedade; 2) o envolvimento da Universidade com a sociedade

pela via de mão única; e 3) o envolvimento da Universidade com a sociedade pela via de mão dupla.

- **1) Envolvimento da Universidade com a sociedade**, respostas que apresentaram um conceito sobre a relação da universidade com a sociedade de uma maneira geral, conforme se destacam algumas respostas dos discentes a seguir: “Atividades que integram a universidade com a sociedade”; fala da relação entre a Universidade e a sociedade, mas, sem maiores detalhes do que seja e como seria essa integração; outro discente também aponta a integração, porém, muito genericamente: “Atividades que buscam a integração da sociedade com o ambiente acadêmico”. Evidenciou-se na resposta de um dos respondentes a relação com a comunidade, acrescentando a relação com outros setores da Universidade, demonstrando o conceito relacionado à interdisciplinaridade: “Extensão são as práticas realizadas pela universidade que propiciam contato com a comunidade em geral ou outros setores da universidade”; outro discente também evidenciou algo semelhante: “É o envolvimento da universidade e seus membros com a comunidade em geral”.

- **2) Envolvimento da Universidade com a sociedade pela via de mão única.** Entendido como o ato da universidade ir até a sociedade, levar algo de sua especialidade e a sociedade sendo, apenas, receptora. Do total de respostas desta dimensão da extensão como dimensão social (84 respondentes), mais da metade dos respondentes em um total de 47, foram classificadas nessa categoria, evidenciando dois aspectos desse envolvimento: um relacionado a levar conhecimento à comunidade que foi a grande maioria dos respondentes (38), e o outro relacionado à extensão como um mecanismo de auxílio social à comunidade, conforme apresentados a seguir.

- Levar conhecimento para a comunidade externa a Universidade: descrito por alguns dos respondentes como uma forma de disponibilizar, transferir o conhecimento desenvolvido na Universidade à sociedade:

“É uma forma de disponibilizar conhecimento para a comunidade.” (Respondente 262).

“São projetos e/ou ações que visam levar o conhecimento produzido na faculdade até a comunidade onde a mesma está inserida.” (Respondente 113).

“Programa universitário que visa levar os conhecimentos desenvolvidos na faculdade para a comunidade, promovendo sua melhora.” (Respondente 28).

“Extensão universitária é uma atividade que permite levar o conhecimento da universidade para a sociedade, através de ações que leve o conhecimento produzido na universidade a grupos sociais que não teriam acesso a esse conhecimento de outra forma.” (Respondente 64).

“Se trata de um dos pilares básicos para que se sustente o status de universidade em uma instituição de ensino superior. É o braço da universidade que se estende para fora dela e leva o conhecimento produzido dentro dela para setores da sociedade fora dela.” (Respondente 314).

“Extensão Universitária é o conjunto de ações promovidas por uma universidade junto à comunidade com o objetivo de transferir o conhecimento a população.” (Respondente 49).

- A extensão como um mecanismo de auxílio social a comunidade: os respondentes enfatizam a contribuição da Universidade com a melhoria das condições sociais da sociedade:

“Extensão Universitária são os projetos que a universidade desenvolve para a sociedade, como meio de aprendizado aos graduandos e fornecendo auxílio à sociedade.” (Respondente 47).

“É a possibilidade da Universidade em contribuir de diversas formas na melhoria de condições diversas da comunidade através de sua produção de conhecimento, é a universidade se fazendo presente no cotidiano das pessoas.” (Respondente 254).

“A extensão universitária é o setor da universidade responsável por estender o alcance dos conhecimentos e dos trabalhos ali produzidos para a comunidade externa, com o objetivo de maior transmissão do conhecimento e menor desigualdade cultural na nossa sociedade.” (Respondente 308).

“São programas oferecidos aos alunos da universidade com o objetivo de aprimorar o conhecimento prático, além disso, tem um caráter social, visam melhorar a vida de pessoas economicamente prejudicadas, por exemplo.” (Respondente 290).

Intui-se a partir das questões apresentadas neste tópico que, muitos discentes compreendem a extensão de uma maneira geral e conceitual relacionada à

sociedade, porém, de uma maneira muito genérica, basicamente como se a extensão fosse responsável, apenas, por levar o conhecimento e, dessa forma, impactar significativamente a sociedade. Percebe-se a falta de exposição dos discentes de como se desenvolveria esse tipo de atividade, intui-se que o motivo seja a falta de conhecimento prático em atividades de extensão, desse grupo de discentes que tiveram suas respostas classificadas nessa dimensão.

- 3) **Envolvimento da Universidade com a sociedade pela via de mão dupla.**

Entendido como o ato de a Universidade que, por um lado, levar conhecimento para a sociedade e, por outro, trazer um conhecimento, uma relação dialógica, conforme algumas citações dos respondentes:

“A extensão universitária é o momento de diálogo da universidade e dos saberes acadêmicos com a sociedade. É o momento em que a universidade cumpre sua função social, além de, uma ótima oportunidade de vivência profissional dos graduandos.” (Respondente 217).

“Acredito que extensão universitária diz respeito à atuação da universidade junto à sociedade, a um conjunto de ações acadêmicas que se estendem para o ambiente não acadêmico, com a participação de pessoas não vinculadas ao meio científico, que desenvolvem ações de integração social, compartilhamento de ações e conhecimentos, desenvolvimento social, etc.” (Respondente 195).

“Um dos três pilares da universidade que fomenta o acesso ao ensino e também à pesquisa. Além de ser uma grande ponte de retribuição da universidade para a sociedade e um importante fomentador de novos conhecimentos.” (Respondente 229).

“É uma oportunidade de aprendizado, aliado a responsabilidade social, pois possibilita experiência prática que permite enriquecer o conteúdo ofertado pela graduação, além de favorecer o diálogo entre a universidade e a comunidade.” (Respondente 258).

A partir das questões apresentadas neste tópico, desenvolvido por apenas 12 dos respondentes, percebe-se que eles compreendem a extensão de uma maneira mais prática, relacionando a teoria com a prática das ações; relacionando ainda, o impacto social e o acadêmico das atividades de extensão. Alguns dos respondentes apresentaram a relação com a sociedade descrita nesse tópico com a dimensão acadêmica desenvolvida a seguir.

5.1.2.2 Extensão como dimensão acadêmica

A dimensão acadêmica foi descrita por um total de 84 (40%) dos 208 respondentes, definindo a extensão como um espaço para o desenvolvimento da prática profissional, aquisição de experiência e capacitação.

Alguns dos discentes responderam que a extensão é um meio ou uma oportunidade para desenvolver a prática profissional, a experiência na sua área de formação.

“Proporciona uma aproximação do graduando com a comunidade que tem a oportunidade de desenvolver na prática sua escolha profissional.” (Respondente 77).

“São projetos voltados para o envolvimento de alunos e professores com atividades extracurriculares oferecendo a oportunidade de se adquirir experiências que não estão previstas nos cursos de graduação ou de pós graduação.” (Respondente 78).

“É uma área que colabora para a experiência profissional dos alunos.” (Respondente 74).

“Na minha opinião, a prática da extensão universitária é uma ferramenta de extrema importância para os alunos de graduação, pois permite a este a vivência na prática de sua futura profissão, além de proporcionar ao pesquisador uma troca de experiências enorme entre a sociedade e a universidade, havendo somente ganhos entre ambas.”(Respondente 231).

Outros discentes confundiram a extensão com estágio, conforme descrição a seguir:

“De acordo com minha experiência em projeto de extensão, acredito ser como estágios que auxiliam nos créditos curriculares e conhecimentos extras.” (Respondente 99).

“A extensão é como se fosse um estágio para mim. O professor orientador é quem nos ensina vários conhecimentos de nossa área que são trabalhados com a perspectiva de atender o público que procura os serviços da extensão.” (Respondente 225).

“Extensão universitária, na minha opinião, é uma forma que a universidade criou de desenvolver a área que cada universitário estuda, além de garantir-lhe experiência antes da graduação por si. Funciona como um estágio, mas, nesse caso, as ações se tornam via de mão dupla, pois ajudam a instituição, e os alunos.”(Respondente 285).

Alguns discentes, ainda, relacionaram a extensão à aplicação dos conhecimentos adquiridos na Universidade.

“Projetos desenvolvidos fora da universidade, aplicando conhecimentos adquiridos na vida acadêmica.” (Respondente 24).

“Acredito que a Extensão é uma oportunidade, que os graduandos têm para colocarem em prática, os conhecimentos adquiridos e as pesquisas realizadas durante o curso.” (Respondente 202).

“A Extensão universitária é uma oportunidade de aperfeiçoamento e aprofundamento no campo de estudos escolhido pelo graduado.”(Respondente 104).

Mas, entre os respondentes tiveram alguns que demonstraram que a extensão seria uma forma de aumentar o conhecimento dos estudantes, vejamos algumas citações:

“É uma parte da universidade que cuida da vivência do aluno fora das salas de aula, enriquecendo o conhecimento do aluno, ajudando na vida profissional.” (Respondente 75).

“Sistema que permite ao aluno buscar algo a mais além da graduação, ampliando seus horizontes e dando oportunidades para crescimento profissional e novos conhecimentos e ideias.” (Respondente 176).

“Deve ser projetos na área acadêmica, os quais visam enriquecer a vida acadêmica do aluno.”(Respondente 18).

5.1.2.3 Extensão como a dimensão de atividades

Essa dimensão diz respeito à opinião dos discentes sobre o que é extensão, descrito por eles como sendo as atividades ou a forma como é realizada a extensão, relacionando-a como sendo cursos, eventos e prestação de serviço. Conforme algumas respostas descritas a seguir:

“Acredito que são cursos oferecidos pelas faculdades para fortalecer a formação dos estudantes.” (Respondente 09).

“Atividades extras curriculares formais que a universidade oferece como meio de complementar a formação universitária ou como meio de se estender a comunidade em geral, oferecendo cursos de capacitação ou de qualificação para a população em geral.” (Respondente 192).

“São cursos oferecidos pelos núcleos de extensão de cada graduação, por exemplo, o curso de letras tem cursos de extensão em várias línguas estrangeiras.” (Respondente 313).

“É um lugar onde a faculdade oferta cursos para público externo ou mesmo interno.” (Respondente 286).

“Extensão universitária são programas culturais, cursos e eventos que são oferecidos à sociedade e aos alunos que podem prestar serviços além de ampliar os conhecimentos.”(Respondente 54).

Além dos cursos e eventos, alguns discentes relacionaram a extensão como sendo serviços ou atividades de prestação de serviços à comunidade, conforme descritas a seguir:

“Serviços prestados à população pela comunidade da UFMG.” (Respondente 36).

“A extensão universitária refere-se a serviços prestados fora da academia.” (Respondente 148).

“No meu entender, são atividades que a universidade faz envolvendo a comunidade externa, oferecendo cursos, serviços (médico, veterinário, odontológico, consultorias, etc.) ou atividades culturais.” (Respondente 216).

“É a maneira pelo qual a universidade presta serviço (ainda que receba por isso) à comunidade diretamente ligada à ela e à comunidade em geral, exercendo dessa forma, sob meu ponto de vista, um papel social o qual não é mais do que seu dever perante a sociedade, visto sua competência para tal, e visto a defasagem de cursos/atendimentos médicos/lazer ofertados diretamente por programas e logísticas do governo (municipal, estadual e federal).”(Respondente 282).

Esse entendimento tem relação com o conceito de extensão da UFMG, porém, equivocadamente a extensão não se define por suas atividades, essas são as formas de realização da extensão conforme descrito no Regimento Geral da UFMG em seu Art. 60. § 1º, destacado e grifado a seguir: “**As atividades** de extensão, nas áreas técnica, científica, artística e cultural, serão realizadas sob as formas de **programas, projetos, cursos, assessoramentos, prestação de serviços e/ou consultorias, entre outras**” (UFMG, 2010, p. 9).

5.1.2.4 Extensão como dimensão da pesquisa

Essa dimensão foi definida a partir das respostas definidas, equivocadamente, como a extensão sendo uma pesquisa. Conforme citado a seguir:

“É uma pesquisa na área da Saúde ou Educação e ensino, entre outros que o estudante faz junto com um professor, mas não tenho certeza.” (Respondente 55).

“Programa de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento.” (Respondente 76).

“Ação que permite a sociedade em que a Universidade está inserida, de fazer parte de seus projetos de pesquisa.” (Respondente 253).

Apesar de a extensão estar estabelecida em seu Regimento Geral (Art. 60), sendo indissociável ao ensino e à pesquisa, a pesquisa e a extensão têm características e conceitos próprios, conforme já apresentado neste tópico.

5.1.2.5 Extensão como ações sociais, artísticas e culturais

Essa dimensão foi relacionada pelos discentes à função social, atividades artísticas e culturais. Destacam-se algumas respostas que refletem essa dimensão respondida por alguns discentes:

“São programas de incentivo à vida acadêmica, à cultura e a todos os aspectos sociais.” (Respondente 19).

“Projetos que ultrapassam a finalidade da graduação e da pesquisa e que podem fornecer conhecimentos extras, bem como entretenimento e cultura, aos alunos.” (Respondente 205).

“Atividades que possuem um direcionamento maior a comunidade externa da UFMG, como a discussão sobre temas de saúde, visitas a museus da universidade, atendimento social, divulgação científica, etc.” (Respondente 218).

Essa dimensão aproxima-se muito do conceito estabelecido pelo Regimento da UFMG, Art. 60 (UFMG, 2010, p.9): “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade”. Alguns alunos descreveram o que seria a extensão em conformidade com esse conceito, integrando as ações, a sociedade e ensino e a pesquisa:

“Extensão universitária é uma ação da faculdade junto a sociedade como um todo propiciando o desenvolvimento social e a integração do saber.” (Respondente 212).

“São atividades de enriquecimento cultural, que visam entre outras coisas a ligação interdisciplinaridade entre os cursos de graduação.”(Respondente 129).

Porém, apenas 12 discentes tiveram suas respostas classificadas nessa dimensão. Como o discente é parte essencial para o desenvolvimento das atividades da Universidade, sendo indispensável a sua participação nas ações de extensão por sua característica constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, intui-se a necessidade de aprofundar a difusão das políticas e ações de extensão junto aos discentes, pois, poucos deles conseguiram definir a extensão conforme estabelecido pelo Regimento Geral da UFMG. Alguns relacionaram a extensão à relação com a sociedade, mas, não abrangeram os outros aspectos. Outros denominaram a extensão como sendo a prática ou o estágio acadêmico, e até mesmo alguns afirmaram que a extensão seria um curso ou uma atividades de pesquisa; além disso, 105 alunos não responderam a essa questão.

No QUADRO 8, apresenta-se a síntese das dimensões do conceito de extensão determinados pelos discentes, que foram apresentadas nesse capítulo referente a análise qualitativa da percepção dos discentes sobre o conceito de extensão universitária.

QUADRO 8
Síntese dimensões do conceito de extensão determinados pelos discentes

DIMENSÕES		EXEMPLOS OBSERVADOS	TOTAL DE RESPONDENTES
5.1.2.1 Extensão como dimensão social	Envolvimento da Universidade com a sociedade (25 respostas)	“É o envolvimento da universidade e seus membros com a comunidade em geral.”	84
	Envolvimento da Universidade com a sociedade pela via de mão única (47 respondentes)	“São projetos e/ou ações que visam levar o conhecimento produzido na faculdade até a comunidade onde a mesma está inserida.”	
	Envolvimento da Universidade com a sociedade pela via de mão dupla (12 respondentes)	“A extensão universitária é o momento de diálogo da universidade e dos saberes acadêmicos com a sociedade. É o momento em que a universidade cumpre sua função social, além de, uma ótima oportunidade de vivência profissional dos graduandos.”	
5.1.2.2 Extensão como dimensão acadêmica/ Prática acadêmica		“Proporciona uma aproximação do graduando com a comunidade que tem a oportunidade de desenvolver na prática sua escolha profissional.”	84
5.1.2.3 Extensão como a dimensão das atividades de extensão.		“Acredito que são cursos oferecidos pelas faculdades para fortalecer a formação dos estudantes.”	25
5.1.2.4 Extensão como dimensão da pesquisa		“Ação que permite a sociedade em que a Universidade está inserida, de fazer parte de seus projetos de pesquisa.”	3
5.1.2.5 Extensão como ações sociais, artísticas e culturais.		“São programas de incentivo à vida acadêmica, à cultura e a todos os aspectos sociais.”	12
TOTAL			208

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

5.1.3 Análise descritiva das questões quantitativas

Busca-se nessa etapa verificar as estatísticas descritivas dos dados, observando a média e o desvio padrão da amostra das questões quantitativas definidas na pesquisa.

Destaca-se que, as menores médias foram observadas na primeira parte do questionário, nos itens 5, 6, 12, 13 e 14, os quais se referem ao acesso, à participação e à informação da extensão universitária. Isso pode indicar uma pequena participação dos alunos nos eventos e cursos de extensão e a falta de divulgação das informações referentes às ações e a falta de pró-atividade desses alunos em buscar informações relacionadas a extensão na UFMG.

Na TAB. 1, destaca-se ainda que a questão 11 foi a que apresentou a maior frequência de falta de preenchimento, o que demonstra pertinência, pois, após a aplicação do instrumento percebeu-se que esta questão se adequaria melhor na terceira parte do questionário, em que as questões são referentes à participação em atividades de extensão, uma vez que a questão não se enquadra a pessoas que não apresentam conhecimento sobre atividades de extensão. Os desvios padrão dessa etapa foram considerados baixos, sendo o maior de 1,16, o que indica baixa variabilidade na percepção dos discentes quanto às questões abordadas.

TABELA 1

Análise descritiva dos dados - primeira parte do questionário – n: número de respondentes, valor mínimo e máximo observado, média e desvio padrão.

Questões	Míni mo	Máxi mo	Média	Desvio padrão	Em branco
1ª parte: questões comuns a todos os respondentes (n=314)					
2- Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG?	1	4	1,97	0,83	7
3- Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros?	1	4	2,34	0,99	3
4- Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG?	1	4	2,59	0,89	5
5- Você participa dos eventos de extensão da Universidade?	1	4	1,86	0,86	3
6- Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG?	1	4	1,81	1,05	6
7- Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG?	1	4	2,26	1,15	2
8- Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade?	1	4	2,44	1,16	7
9- Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG?	1	4	2,57	1,00	2
10- As informações recebidas sobre a extensão atenderam as suas necessidades?	1	4	2,11	0,97	14
11- Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?	1	4	2,52	1,07	48
12- Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?	1	4	1,80	0,93	4
13- Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão (www.ufmg.br/proex)?	1	4	1,58	0,80	2
14- Você busca(ou) informações no SIEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)?	1	4	1,34	0,69	12

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Na segunda parte do questionário, direcionada para quem conhece algum tipo de ação de extensão, avaliam-se as características como: a interdisciplinaridade, a interação dialógica, o impacto social e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Todas as médias nessa parte do instrumento, conforme TAB. 2, foram acima de 2,60, sendo que o mínimo é representado como: 1 e refere-se a “não

percebi”; 2 “pouco, às vezes”; 3 “frequentemente” e 4 “sim, sempre”, portanto. Essa média indica que os discentes têm percebido essas características nas ações de extensão.

Destaca-se que, a maior média e o menor desvio padrão foram observados no item 17, o que indica a percepção dos discentes quanto à contribuição das ações de extensão para a formação acadêmica.

TABELA 2

Análise descritiva dos dados - segunda parte do questionário – n: número de respondentes, valor mínimo e máximo observado, média e desvio padrão

Questões	Míni mo	Máxi mo	Média	Desvio padrão	Em branco
2ª parte: questões aos respondentes que conhecem alguma ação de extensão na UFMG (n=189)					
16- Estão articuladas com a pesquisa e o ensino	1	4	3,12	0,79	1
17- Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos	1	4	3,47	0,66	0
18- Contribuem para a democratização do ensino	1	4	2,92	0,91	3
19- Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento	1	4	3,15	0,81	0
20- Contribuem para inter-relação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos	1	4	2,92	0,92	1
21- Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade	1	4	2,95	0,91	1
22- Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão	1	4	2,62	0,95	2
23- Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	1	4	2,60	0,96	2
24- Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade	1	4	3,02	0,86	0
25- Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	1	4	2,75	1,00	0
26- A participação em ações pode ser computada para integralização curricular	1	4	3,03	0,96	4

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Na TAB. 2, destaca-se ainda que, os desvios padrão dessa etapa foram os mais baixos das três etapas, sendo o maior desvio padrão de 1,00 o que indica baixa variabilidade na percepção dos discentes quanto a essas questões.

Na terceira parte do questionário, preenchida pelos que participavam de alguma ação de extensão, os respondentes avaliaram o impacto em sua formação, a

orientação recebida, a integralização curricular e os benefícios. As médias foram mais altas nas questões, 28, 29 e 31, que estão relacionadas ao impacto na formação, o que reafirma a percepção dos discentes na 2ª etapa do instrumento de pesquisa, quanto à contribuição das ações de extensão para a formação acadêmica. Na TAB. 3, observam-se os desvios padrão dessa etapa, que também, representou baixa dispersão dos respondentes.

TABELA 3

Análise descritiva dos dados – terceira parte do questionário – n: número de respondentes, valor mínimo e máximo observado, média e desvio padrão

3ª parte: questões aos respondentes que conhecem e participam de alguma ação de extensão na UFMG (n=113)					
Questões	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Em branco
28- Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico	1	4	3,34	0,87	0
29- Contribui(u) para a inserção profissional	1	4	3,08	0,95	0
30- Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas	1	4	2,67	1,05	1
31- Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	1	4	3,21	0,79	2
32- Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe	1	4	3,05	1,04	1
33- Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	1	4	2,76	1,16	0
34- Você teve a sua participação integralizada curricularmente	1	4	2,46	1,26	2
35- Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação	1	4	2,01	1,14	4
36- Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso	1	4	2,71	1,04	1
37- A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade	1	4	2,86	1,04	3

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Portanto, nota-se que em todas as etapas apresentadas, os desvios-padrão das respostas, foram considerados baixos, sendo que o maior foi de 1,26 demonstrando baixa dispersão na avaliação das questões. Destaca-se, ainda que, os aspectos negativos apontados pela análise referem-se ao acesso, à participação e à informação da extensão universitária, e, os aspectos positivos percebidos pelos discentes referem-se à contribuição da extensão para a formação acadêmica.

5.2 Análise fatorial das variáveis

A análise fatorial foi utilizada para definição dos construtos, a partir das respostas dos discentes. Concomitantemente, determinou-se o coeficiente *a-Cronbach* dos construtos para estimar a confiabilidade. A análise foi realizada separadamente em cada parte do instrumento de pesquisa, utilizando-se o método dos componentes principais com rotação Oblimin e normalização Kaiser (FREITAS; RODRIGUES, 2005; MINGOTI, 2007).

5.2.1 A Análise da primeira parte do questionário

A primeira parte refere-se aos itens comuns a todos os discentes, portanto, composta por toda a amostra (n=314). Foi utilizado o critério de Kaiser, em que o número de fatores é estimado com o número de autovalores da matriz de correlação amostral que são maiores que 1. Aplicando-se esse critério, foram extraídos três fatores que são capazes de explicar aproximadamente 57% da variância total da primeira parte do questionário (TAB. 4).

TABELA 4
Fatores extraídos pelo critério de Kaiser

Componentes	Soma dos fatores extraídos pelo critério de Kaiser		
	Total	% da variância	% acumulada
1	4,903	37,718	37,718
2	1,435	11,040	48,758
3	1,107	8,519	57,276

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise fatorial foi válida para os itens da primeira parte do questionário; o ajuste do modelo foi verificado pelo teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO = 0,866$), que verificou a adequação da amostragem e foi confirmada pelo teste de esfericidade de *Bartlett* ($p < 0,01$). Coeficientes de *KMO* superiores a 0,5 são desejáveis para adequação da amostra à análise fatorial. O teste de esfericidade de *Bartlett* tem como objetivo verificar a suposição de que as variáveis sejam correlacionadas entre si. Para que o modelo de análise fatorial seja bem ajustado, o teste qui-quadrado deve rejeitar a hipótese de igualdade entre a matriz de correlação populacional com a matriz identidade, ou seja, a probabilidade e significância deverão ser próximas de zero ($p < 0,05$).

A confiabilidade dos fatores (construção dos construtos) foi avaliada pelo coeficiente *a-Cronbach*. Esse coeficiente é utilizado como estimativa da confiabilidade de consistência interna. Ele é calculado a partir da relação entre a variância dos itens individuais e das covariâncias entre os itens. Podem ser considerados satisfatórios valores de $\alpha > 0,60$ (FREITAS; RODRIGUES, 2005). No QUADRO 9 estão apresentados os coeficientes *a-Cronbach* por fator e o *a-Cronbach* do fator, caso o item for excluído.

QUADRO 9
Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	a-Cronbach se o item for excluído	a-Cronbach
Fator 1	4- Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG?	0,795	0,809
	7- Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG?	0,799	
	8- Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade?	0,784	
	9- Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG?	0,751	
	10- As informações recebidas sobre a extensão atenderam as suas necessidades?	0,776	
	11- Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?	0,813	
	12- Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?	0,783	
Fator 2	2- Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG?	0,633	0,744
	3- Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros?	0,752	
	5- Você participa dos eventos de extensão da Universidade?	0,616	
	6- Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG?	0,736	
Fator 3	13- Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão?	-	0,708
	14- Você busca(ou) informações no SIEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)?	-	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Os coeficientes *a-Cronbach* foram considerados satisfatórios, pois apresentaram valores de $\alpha > 0,60$ para todos os fatores. Em dois itens (11 e 3), o coeficiente do fator a que pertencem aumenta se forem excluídos. Entretanto, o aumento não é significativo.

5.2.2 Análise da segunda parte do questionário

A segunda parte foi respondida somente pelos que declararam conhecer alguma ação de extensão da UFMG (n=189). A análise fatorial foi realizada, fixando-se o número de fatores em quatro na tentativa de facilitar a interpretação dos construtos. O modelo obtido explica 74% da variância total, conforme TAB. 5. A análise fatorial

foi válida para os itens da segunda parte do questionário, (KMO=0,866 e teste de *Bartlett*, $p < 0,01$).

TABELA 5
Fatores extraídos pelo critério de Kaiser

Componentes	Soma dos fatores extraídos pelo critério de Kaiser		
	Total	% da variância	% acumulada
1	5,252	47,741	47,741
2	1,149	10,443	58,184
3	1,065	9,686	67,870
4	,706	6,419	74,289

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Analisou-se o coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores, fixando-se o número de fatores em quatro conforme QUADRO 10.

QUADRO 10
Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	α -Cronbach se o item for excluído	α -Cronbach
Fator 1	19- Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento	0,795	0,826
	20- Contribuem para interrelação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos	0,796	
	24- Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade	0,772	
	25- Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	0,754	
Fator 2	16- Estão articuladas com a pesquisa e o ensino	0,654	0,725
	17- Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos	0,590	
	18- Contribuem para a democratização do ensino	0,679	
Fator 3	26- A participação em ações pode ser computada para integralização curricular	-	-
Fator 4	21- Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade	0,843	0,857
	22- Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão	0,729	
	23- Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	0,821	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O fator 3 foi composto por apenas um item, o que tornava inaplicável o cálculo do coeficiente *a-Cronbach*. Procedeu-se, então, à integração do item 26, ao fator 2, para melhorar a interpretação na construção dos construtos. Como era de se esperar, a confiabilidade do fator 2 reduziu, de 0,725 para 0,682, mas, ainda assim, continuou satisfatório diante do parâmetro estabelecido, $\alpha > 0,60$, conforme observa-se no QUADRO 11.

QUADRO 11
Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
Fator 1	19- Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento	0,795	0,826
	20- Contribuem para interrelação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos	0,796	
	24- Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade	0,772	
	25- Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	0,754	
Fator 2	16- Estão articuladas com a pesquisa e o ensino	0,614	0,682
	17- Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos	0,574	
	18- Contribuem para a democratização do ensino	0,543	
	26- A participação em ações pode ser computada para integralização curricular	0,725	
Fator 3	21- Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade	0,843	0,857
	22- Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão	0,729	
	23- Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	0,821	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise do coeficiente *a-Cronbach*, dos itens da segunda parte do questionário, foram considerados satisfatórios, pois apresentaram valores de $\alpha > 0,60$, para todos os fatores determinados. Apenas, a questão 26, aumentaria o *a-Cronbach* se fosse excluído do fator, porém, foi mantido por melhorar a interpretação, como descrito anteriormente.

5.2.3 Análise fatorial da terceira parte do questionário

A terceira parte foi preenchida pelos que declararam conhecer e ter participado de alguma ação de extensão (n=113).

A análise fatorial foi realizada fixando o número de fatores em 4. Com esse modelo, explica-se 70% da variância total, conforme se demonstra no TAB. 6. A análise é considerada válida (KMO= 0,771 e teste de *Bartlett*, $p < 0,01$).

TABELA 6
Fatores extraídos pelo critério de Kaiser

Componentes	Soma dos fatores extraídos pelo critério de Kaiser		
	Total	% da variância	% acumulada
1	3,739	37,387	37,387
2	1,275	12,752	50,139
3	1,097	10,968	61,107
4	0,909	9,088	70,195

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Na análise dos coeficientes *a-Cronbach* (QUADRO 12) percebe-se que o fator 3 é composto por apenas um item, o que torna inaplicável o cálculo do coeficiente. O fator 4 não apresentou *a-Cronbach* considerável ($\alpha < 0,60$). A baixa confiabilidade do fator 4 pode estar relacionada à ocorrência de respostas impulsivas e relapsas por se tratarem dos últimos itens do questionário. Quando o questionário ou o tempo de aplicação é longo existe uma tendência dos respondentes em abandonar o comprometimento, o que pode gerar redução da confiabilidade de consistência interna (FREITAS; RODRIGUES, 2005).

QUADRO 12

Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
Fator 1	28- Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico	0,721	0,794
	29- Contribui(u) para a inserção profissional	0,738	
	30- Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas	0,814	
	31- Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	0,702	
Fator 2	32- Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe	0,419	0,668
	33- Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	0,418	
	34- Você teve a sua participação integralizada curricularmente	0,833	
Fator 3	35- Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação	-	-
Fator 4	36- Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso		0,597
	37- A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade		

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Observa-se que a confiabilidade do fator 2 melhora com a exclusão do item 34. Incluiu-se, então, o item 34 no fator 3 por estar com uma interpretação mais próxima (QUADRO 13).

QUADRO 13

Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
Fator 1	28- Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico	0,721	0,794
	29- Contribui(u) para a inserção profissional	0,738	
	30- Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas	0,814	
	31- Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	0,702	
Fator 2	32- Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe	-	0,833
	33- Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	-	
Fator 3	34- Você teve a sua participação integralizada curricularmente	-	0,103
	35- Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação	-	
Fator 4	36- Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso	-	0,597
	37- A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade	-	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O fator 3, do QUADRO 13, com os itens 34 e 35, apresentou alta inconsistência, mesmo com uma interpretação aparentemente semelhante. Um item questiona se o discente teve a participação integralizada e o outro se teve dificuldade para integralizar créditos. A sugestão para pesquisas futuras é que a questão 35 seja reformulada ou excluída do instrumento, pois, essa questão não se adequou a todos os respondentes da pesquisa, sendo que, alguns discentes poderiam, ainda, não ter solicitado a integralização curricular.

5.3 Definição dos construtos

Os construtos foram definidos com base na análise fatorial, demonstrada na sessão anterior, pela interpretação dos fatores baseada nas dimensões definidas previamente, a partir dos critérios conceituais e, nessa etapa, acrescenta-se a análise descritiva dos resultados encontrados. A definição dos fatores será demonstrada nas três etapas do instrumento que foram criadas, com o objetivo de direcionar os discentes a responderem conforme seu conhecimento sobre extensão.

5.3.1 Construtos da primeira etapa do instrumento

O objetivo foi analisar a participação dos discentes em atividades e espaços da extensão, além da comunicação e das informações recebidas sobre a extensão. Nas dimensões definidas previamente, eram estabelecidas apenas duas dimensões “Acesso e participação” (com as questões 2, 3, 5, 6, 7, 11) e; “Comunicação e informação” (com as questões 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14). Porém, pela análise estatística realizada optou-se por manter três construtos, conforme QUADRO 14.

QUADRO 14

Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	Fator 1 4- Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG?	0,795	0,813
	7- Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG?	0,799	
	8- Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade?	0,784	
	9- Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG?	0,751	
	10- As informações recebidas sobre a extensão atenderam as suas necessidades?	0,776	
	12- Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?	0,783	
ACESSO E PARTICIPAÇÃO	Fator 2 2- Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG?	0,633	0,744
	3- Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros?	0,752	
	5- Você participa dos eventos de extensão da Universidade?	0,616	
	6- Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG?	0,736	
INTERESSE	Fator 3 13- Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão (www.ufmg.br/proex)?	-	0,708
	14- Você busca(ou) informações no SIEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)?	-	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Retirou-se a questão 11 (“Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?”), do fator 1, por apresentar um grande número de falta de preenchimento, além de não se enquadrar a etapa da pesquisa que contemplam, também, pessoas que não tem conhecimento sobre atividades de extensão, conforme descrito na análise descritiva dos dados. Por outro lado, a confiabilidade aumentou, com a sua retirada, de 0,809 para 0,813.

5.3.2 Construtos da segunda etapa do instrumento

A segunda parte do questionário, conforme descrito anteriormente, foi respondida apenas, por quem declarou conhecer algum tipo de ação de extensão. O objetivo foi analisar a percepção dos discentes quanto às características das ações de extensão, de acordo com os requisitos estipulados pela gestão da Universidade como suas diretrizes, a interdisciplinaridade, a interação dialógica, o impacto social e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As dimensões definidas previamente foram mantidas, após as análises estatísticas. As dimensões poderiam ter sido estipuladas em duas, mas, para uma interpretação em consonância com os critérios conceituais e sem prejuízo as análises de confiabilidade. Optou-se por manter as três dimensões definidas previamente, conforme QUADRO 15.

QUADRO 15

Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
Fator 1 INTERDISCIPLINARI- DADE E INTERAÇÃO DIALÓGICA	19- Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento	0,795	0,826
	20- Contribuem para interrelação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos.	0,796	
	24- Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade	0,772	
	25- Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	0,754	
Fator 2 INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	16- Estão articuladas com a pesquisa e o ensino	0,614	0,682
	17- Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos	0,574	
	18- Contribuem para a democratização do ensino	0,543	
	26- A participação em ações pode ser computada para integralização curricular	0,725	
Fator 3 IMPACTO SOCIAL	21- Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade	0,843	0,857
	22- Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão	0,729	
	23- Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	0,821	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O item 26, apesar de aumentar o *a-Cronbach* se excluído, foi mantido, pois ainda assim continua satisfatório diante do parâmetro estabelecido, $\alpha > 0,60$, e, este item está adequado ao conceito do construto 2.

5.3.3 Construtos da terceira etapa do instrumento

Esta terceira etapa do questionário foi respondida pelos que declararam conhecer e participar de alguma ação de extensão, tendo como objetivo analisar o impacto da participação em ações de extensão na formação do discente, a orientação recebida, a integralização curricular e os benefícios da bolsa de extensão. As dimensões definidas previamente, também, foram mantidas, após as análises estatísticas. As dimensões poderiam ter sido mantidas em três ou quatro, sem perda de confiabilidade, porém, optou-se por manter as quatro dimensões em conformidade com os critérios conceituais preestabelecidos, conforme QUADRO 16.

QUADRO 16

Coeficiente *a-Cronbach* dos itens separados por fatores (construtos)

Construtos	Itens	<i>a-Cronbach</i> se o item for excluído	<i>a-Cronbach</i>
Fator 1 - IMPACTO NA FORMAÇÃO	28- Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico	0,721	0,794
	29- Contribui(u) para a inserção profissional	0,738	
	30- Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas	0,814	
	31- Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	0,702	
Fator 2 - ORIENTAÇÃO	32- Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe	-	0,833
	33- Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	-	
Fator 3 - INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR	34- Você teve a sua participação integralizada curricularmente	-	-
Fator 4 – QUANTO ÀS BOLSAS DE EXTENSÃO	36- Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso	-	0,597
	37- A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade	-	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Sugere-se que a questão 35, do fator 3 (“Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação”), seja excluída para próximas pesquisas pois, o agrupamento dos itens 34 e 35 apresentaram alta inconsistência, mesmo apresentando uma interpretação próxima, a principal razão é que essa questão não se adequou a todos os respondentes da pesquisa, sendo que, alguns discentes poderiam, ainda, não ter solicitado a integralização curricular. Definido os construtos para avaliação quantitativa, passa-se a análise descritiva dos dados.

5.4 Análise descritiva a partir dos construtos

As respostas de cada questão foram agrupadas nos fatores obtidos na etapa, definição dos construtos para avaliação quantitativa, descrita anteriormente, com base na análise fatorial, análise de confiabilidade e interpretação dos fatores. Apresenta-se agora a percepção dos respondentes, por meio da média e desvio padrão, em cada um desses construtos definidos, conforme TAB. 7.

TABELA 7

Percepção dos respondentes em relação aos construtos – n: número de respondentes, valor mínimo e máximo observado, média e desvio padrão

	Construto	n	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
1ª Parte	Fator 1: Comunicação e informação	314	1,00	4,00	2,33	0,69
	Fator 2: Acesso e participação	314	1,00	4,00	1,99	0,70
	Fator 3: Interesse	314	1,00	4,00	1,46	0,65
2ª Parte	Fator 1: Interdisciplinaridade e interação dialógica	189	1,00	4,00	2,96	0,73
	Fator 2: Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão	189	1,00	4,00	3,14	0,60
	Fator 3: Impacto social	189	1,00	4,00	2,72	0,82
3ª Parte	Fator 1: Impacto na formação	113	1,00	4,00	3,07	0,72
	Fator 2: Orientação	113	1,00	4,00	2,91	1,02
	Fator 3: Integralização curricular	113	1,00	4,00	2,23	0,86
	Fator 4: Quanto às bolsas de extensão	113	1,00	4,00	2,78	0,87

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Na TAB. 7, demonstra-se a percepção dos construtos, por meio da análise descritiva do agrupamento das perguntas em fatores oriundos da análise fatorial; a média representa as respostas dos discentes em cada pergunta, mensuradas na escala de *Likert* de quatro pontos, em que “não, nunca” refere-se a 1; “pouco, às vezes” refere-se a 2; “frequentemente” refere-se a 3; e “sim, sempre”, refere-se a 4.

A primeira etapa do questionário refere-se às questões 2 a 14, relativas aos itens comuns a todos os discentes, contando com um total de 314 respondentes, cujo objetivo foi analisar a participação dos discentes, a comunicação e as informações recebidas e o interesse dos participantes na busca por informações da extensão.

Na definição dos construtos para avaliação da primeira etapa, foram definidos três construtos: o acesso e a participação dos discentes em atividades e ações de extensão; a comunicação e as informações referentes à extensão universitária e suas atividades; e, o interesse dos participantes na busca por informações da extensão.

Destaca-se que as médias e os desvios-padrão, dessa primeira parte, foram os menores das três etapas. Sendo que os construtos: acesso e participação e, interesse, apresentaram média inferior a 2, podendo-se inferir que os discentes participam pouco das atividades de extensão, refletindo no baixo interesse em buscar informações sobre a extensão, assim como na percepção dos discentes quanto às informações e comunicação recebidas referentes à extensão e suas atividades, em que a média = 2,33 pode representar que consideram poucas as informações e comunicações recebidas. O desvio padrão=0,69 confirma que houve homogeneidade entre os respondentes quanto a essa resposta.

A segunda etapa do questionário que se refere às questões 16 a 26, respondido por quem declara conhecer algum tipo de ação de extensão, contou com um total de 189 respondentes. O objetivo foi analisar as características das ações de extensão, de acordo com as características estipuladas pela gestão da Universidade como:

suas diretrizes, a interdisciplinaridade, a interação dialógica, o impacto social e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Na definição dos construtos para avaliação da segunda etapa, foram definidos três construtos: Interdisciplinaridade e interação dialógica; Integração entre ensino, pesquisa e extensão; e Impacto social. Destaca-se que as médias, dessa segunda parte, ficaram entre 2,72 e 3,14, ou seja, evidencia que os respondentes frequentemente tem percebido estas características das diretrizes nas ações que conhecem.

Dos três fatores dessa etapa, o fator impacto social apresentou a menor média 2,72, ou seja, entre pouco (2) e frequentemente (3), o que é plausível, pois, dos três fatores é o mais difícil de ser percebido pelos discentes, por apresentar questões complexas como: transformação e impacto social; desigualdades e exclusão; desenvolvimento solidário, democrático e sustentável. Em consonância com o conceito descrito na revisão de literatura, que reapresenta-se a seguir:

Impacto e transformação: estabelecimento de uma relação entre a Universidade e outros setores da Sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e implementadora de desenvolvimento regional e de políticas públicas. Essa diretriz consolida a orientação para cada ação da Extensão Universitária: frente à complexidade e a diversidade da realidade, é necessário eleger as questões mais prioritárias, com abrangência suficiente para uma atuação que colabore efetivamente para a mudança social. Definida a questão, e preciso estudá-la em todos seus detalhes, formular soluções, declarar o compromisso pessoal e institucional pela mudança, e atua. (FORPROEX, 2007, p. 18).

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão apresentou uma média de 3,14, ou seja, entre frequentemente (3) e sempre (4). Com isso percebemos que no grupo pesquisado, frequentemente, eles têm percebido as características da indissociabilidade nas ações de extensão que conhecem.

A interdisciplinaridade e a interação dialógica apresentaram uma média de 2,96, ou seja, no grupo pesquisado, frequentemente, os discente têm percebido nas ações a relação entre a Universidade e outros setores da sociedade por meio de ações que permitam a troca recíproca de conhecimento e a articulação de saberes.

A terceira etapa do questionário abarca as questões 28 a 37, respondidas pelos que conheciam e participavam de alguma ação de extensão, contando com um total de 113 respondentes. O objetivo foi analisar o impacto da participação em ações de extensão na formação do discente, a orientação recebida, a integralização curricular e os benefícios da bolsa de extensão.

Na definição dos construtos para avaliação quantitativa da terceira etapa, foram definidos quatro construtos: Impacto na formação; Orientação; Integralização curricular; Benefícios. Destaca-se que as médias, dessa segunda parte, ficaram entre 2,23 e 3,07, ou seja, isso evidencia que os respondentes acreditam que a participação nas atividades de extensão, frequentemente, tem proporcionado um impacto positivo em sua formação, conforme construto “Impacto na formação”, média= 3,07.

O construto “Orientação”, também, ficou com uma média alta (2,91), induzindo à avaliação de que os discentes que participam das ações de extensão têm recebido, frequentemente, acompanhamento pedagógico com incentivo na participação efetiva nas atividades das ações.

No construto “integralização curricular”, a média = 2,46 sugere que os discentes têm tido a participação em atividades de extensão integralizadas curricularmente, entre pouco (2) e frequentemente (3). Acreditava-se inicialmente que a média para esta questão seria baixa, pois a creditação é avaliada por cada colegiado de curso, sendo uma política em desenvolvimento na Universidade. A constatação de heterogeneidade pode ser percebida pelo desvio padrão = 1,26 que foi o maior em relação a todos os outros construtos.

O construto “Benefícios” evidencia que, frequentemente, os discentes acreditam que a bolsa de extensão tem contribuído para a permanência dos discentes na Universidade e consideram que as seleções para essas bolsas são adequadas e asseguram igualdade no acesso.

5.4.1 Comparação da percepção de acordo com as características sociodemográficas

Buscou-se nesta etapa, comparar as percepções por construtos em relação às características sociodemográficas da amostra. Utilizou-se como método de comparação a análise de variância fator único ($\alpha=0,05$).

A análise de variância foi aplicada para verificar a significância estatística das diferenças observadas entre os dados. O fundamento do teste consiste em verificar a razão entre as variâncias intergrupos e intragrupos (F). A variância intergrupos é estimada pela média das amostras e a variância intragrupos é estimada pela média das variâncias. Assim, para diferenciar os tratamentos, ou seja, afirmar que existe uma diferença entre os grupos que estamos comparando, a variação intergrupos deve ser maior que a variação intragrupos. As seguintes hipóteses são testadas:

H_0 = não há diferença entre as médias dos grupos.

H_1 = existe pelo menos uma média diferente das demais

Se, $F \geq F$ crítico, rejeita-se a hipótese nula. Nesse caso, conclui-se que existe pelo menos uma média diferente das demais.

Considerando um nível de confiança de 95%, caso a significância do teste seja inferior a 5%, rejeita-se a hipótese nula (MALHOTRA, 2006).

Valor $p \geq 0,05$ não rejeita a hipótese nula.

Valor $p < 0,05$ rejeita a hipótese nula.

Verificou-se uma diferença de percepção sobre o construto de acesso e participação em relação ao tempo de estudo dos respondentes ($p < 0,001$). Ocorreram também diferenças de percepção sobre os construtos “interdisciplinaridade e interação dialógica” ($p=0,003$) e “impacto social” ($p=0,009$) em relação à variável idade. No próximo tópico, serão analisados estes construtos que apresentaram diferença estatisticamente significativa. Para as demais comparações não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$) (TAB. 8).

TABELA 8
Comparações das percepções entre grupos por p-valores

Construto	Nível de ensino	Origem escolar	Tempo de estudo	sexo	Estado civil	cor	idade
Comunicação e informação	0,680	0,198	0,145	0,806	0,560	0,560	0,722
Acesso e participação	0,309	0,395	<0,001	0,225	0,373	0,749	0,134
Interesse	0,343	0,559	0,375	0,084	0,862	0,507	0,232
Interdisciplinaridade e interação dialógica	0,660	0,462	0,135	0,327	0,274	0,274	0,003
Integração entre ensino, pesquisa e extensão	0,251	0,372	0,096	0,784	0,423	0,513	0,068
Impacto social	0,319	0,330	0,257	0,812	0,746	0,229	0,009
Impacto na formação	0,864	0,685	0,990	0,512	0,704	0,688	0,406
Orientação	0,190	0,527	0,311	0,819	0,712	0,214	0,919
Integralização curricular	0,453	0,299	0,410	0,370	0,293	0,176	0,688
Benefícios	0,663	0,537	0,272	0,487	0,792	0,128	0,410

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

No caso da variável sexo temos apenas dois grupos: feminino e masculino. A comparação entre as médias foi realizada pelo teste t considerando variâncias iguais. No teste t temos:

H_0 = não há diferença entre as médias dos grupos

H_1 = As médias das amostras são diferentes

Considerando um nível de confiança de 95%, a conclusão também pode ser feita pela interpretação do valor p:

Valor $p \geq 0,05$ não rejeita a hipótese nula.

Valor $p < 0,05$ rejeita a hipótese nula.

Conforme a tabela anterior, TAB. 8, percebe-se que, para variável sexo, houve diferença de percepção, apenas, sobre o construto integralização curricular. Sendo valor $p < 0,05$, o que indica que a percepção entre os dois grupos não são iguais. As mulheres apresentaram uma percepção mais positiva (média = 2,39) do que os homens (média = 2,04) para esse construto.

5.4.2 Discriminação das médias

Para a discriminação das médias nos grupos que comparados apresentaram diferença, utilizou-se o teste de Bonferroni, que realiza comparações individuais entre as médias de cada grupo. Foram três os grupos que apresentaram diferenças. Em relação ao tempo de estudo dos respondentes o construto de “acesso e participação”, e, em relação à variável idade, os construtos “interdisciplinaridade e interação dialógica” e “impacto social”. Apresentam-se a seguir as análises.

5.4.2.1 Construto de acesso e participação por tempo de estudo

Na TAB. 9, apresenta-se a análise de Bonferroni do construto acesso e participação por tempo de estudo.

TABELA 9

Teste de Bonferroni do construto “Acesso e participação” por tempo de estudo

Teste de Bonferroni do construto “Acesso e participação” por tempo de estudo						
Tempo de estudo por grupos (A)	Tempo de estudo por grupos (B)	Diferença média (A-B)	Std. Erro	Sig.	95% intervalo de confiança	
					mínimo	máximo
Grupo 1 = Até 1 ano	2	-0,28711*	0,10256	0,033	-0,5595	-0,0147
	3	-0,40320*	0,11727	0,004	-0,7146	-0,0918
	4	-0,39053*	0,10461	0,001	-0,6683	-0,1127
Grupo 2 = De 1 a 2 anos	1	-0,28711*	0,10256	0,033	0,0147	0,5595
	3	-0,11609	0,11952	1,000	-0,4335	0,2013
	4	-0,10342	0,10714	1,000	-0,3879	0,1811
Grupo 3 = De 2 a 3 anos	1	-0,40320*	0,11727	0,004	0,0918	0,7146
	2	0,11609	0,11952	1,000	-0,2013	0,4335
	4	0,01267	0,12129	1,000	-0,3094	0,3348
Grupo 4 = 3 anos ou mais	1	-0,39053*	0,10461	0,001	0,1127	0,6683
	2	0,10342	0,10714	1,000	-0,1811	0,3879
	3	-0,01267	0,12129	1,000	-0,3348	0,3094

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Observando-se os resultados do teste de Bonferroni, conclui-se que o grupo 1 apresenta uma média de notas significativamente diferente dos demais grupos ($p < 0,05$). Sendo que a média das notas dos discentes em tempo de estudo de até 1 ano é menor do que aquelas atribuídas pelos respondentes com tempo de estudo, a partir de 1 ano na comparação da percepção sobre acesso e participação.

Na TAB. 10, percebe-se que o número de respondentes em cada segmento do tempo de estudo é homogêneo, demonstrando um balanceamento da amostra, e reforçando a veracidade do teste.

TABELA 10

Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo

Grupo	Contagem	Soma	Média	Variância
Até 1 ano	93	163,2375	1,755242	0,416421
De 1 a 2 anos	84	171,5575	2,042351	0,546265
De 2 a 3 anos	53	114,3975	2,158443	0,562385
3 anos ou mais	78	167,37	2,145769	0,366699

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O resultado do teste confirma os resultados encontrados na análise descritiva, evidenciando que quanto mais tempo na universidade maior conhecimento das ações de extensão, com destaque para o segmento de 3 anos ou mais, que demonstrou que 77% dos respondentes conhecem alguma ação de extensão. Essa constatação está em conformidade com o esperado, pois, quanto mais tempo na universidade maior a probabilidade de ter contato com atividades de extensão.

5.4.2.2 Construto sobre interdisciplinaridade e interação dialógica por idade

Na análise de Bonferroni do construto “interdisciplinaridade e interação dialógica” por idade, TAB. 11, a diferença é estatisticamente significativa somente na comparação da percepção entre os grupos 1 e 2.

TABELA 11

Teste de Bonferroni do construto “interdisciplinaridade e interação dialógica” por idade

Teste de Bonferroni do construto “interdisciplinaridade e interação dialógica” por idade						
IDADE por grupos (A)	IDADE por grupos (B)	Diferença média (A-B)	Std. Erro	Sig.	95% intervalo de confiança	
					mínimo	máximo
Grupo 1= 14 a 17 anos	2 - 18 a 21 anos	-0,94865*	0,32729	0,042	-1,8786	-0,0187
	3 - 22 a 25 anos	-0,77322	0,32854	0,197	-1,7067	0,1603
	4 - 26 a 29 anos	-0,52727	0,35092	1,000	-1,5243	0,4698
	5 - 30 anos ou +	-0,49318	0,35092	1,000	-1,4902	0,5039
Grupo 2= 18 a 21 anos	1 - 14 a 17 anos	0,94865*	0,32729	0,042	0,0187	1,8786
	3 - 22 a 25 anos	0,17543	0,11992	1,000	-0,1653	0,5162
	4 - 26 a 29 anos	0,42138	0,17200	0,152	-0,0673	0,9101
	5 - 30 anos ou +	0,45547	0,17200	0,088	-0,0332	0,9442
Grupo 3= 22 a 25 anos	1 - 14 a 17 anos	0,77322	0,32854	0,197	-0,1603	1,7067
	2 - 18 a 21 anos	-0,17543	0,11992	1,000	-0,5162	0,1653
	4 - 26 a 29 anos	0,24595	0,17437	1,000	-0,2495	0,7414
	5 - 30 anos ou +	0,28004	0,17437	1,000	-0,2154	0,7755
Grupo 4= 26 a 29 anos	1 - 14 a 17 anos	0,52727	0,35092	1,000	-0,4698	1,5243
	2 - 18 a 21 anos	-0,42138	0,17200	0,152	-0,9101	0,0673
	3 - 22 a 25 anos	-0,24595	0,17437	1,000	-0,7414	0,2495
	5 - 30 anos ou +	0,03409	0,21356	1,000	-0,5727	0,6409
Grupo 5= 30 anos ou mais	1 - 14 a 17 anos	0,49318	0,35092	1,000	-0,5039	1,4902
	2 - 18 a 21 anos	-0,45547	0,17200	0,088	-0,9442	0,0332
	3 - 22 a 25 anos	-0,28004	0,17437	1,000	-0,7755	0,2154
	4 - 26 a 29 anos	-0,03409	0,21356	1,000	-0,6409	0,5727

*The mean difference is significant at the 0.05 level

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Entretanto, percebe-se que não existe diferença das médias entre esses dois grupos comparados com os demais. Nesse caso, a diferença encontrada pode estar relacionada ao desbalanceamento da amostra. No grupo 1, existe um pequeno quantitativo de respondentes e uma variância maior (TAB. 12). No outro extremo, o Grupo 2 é aquele com a quantidade mais expressiva de respondentes. O descompasso entre os grupos diminui a potência do teste estatístico aplicado (MONTGOMERY; RUNGER, 2009).

TABELA12

Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo

Grupo	Contagem	Soma	Média	Variância
14 a 17 anos	5	11	2,2	0,98125
18 a 21 anos	74	233	3,148649	0,472464
22 a 25 anos	66	196,2325	2,97322	0,408334
26 a 29 anos	22	60	2,727273	0,493506
30 anos ou mais	22	59,25	2,693182	0,809118

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

5.4.2.3 Construto do impacto social por idade

Semelhantemente ao resultado anterior, a análise de Bonferroni das notas do construto “impacto social” por idade, observou-se diferença significativa apenas entre as médias dos grupos 1 e 2 (TAB. 13).

TABELA13

Teste de Bonferroni do construto “impacto social” por idade

Teste de Bonferroni do construto “impacto social” por idade						
(A) IDADE	(B) IDADE	Diferença média (A-B)	Std. Error	Sig.	95% intervalo de confiança	
					mínimo	máximo
Grupo 1= 14 a 17 anos	2 - 18 a 21 anos	-1,16881*	0,37166	0,019	-2,2248	-0,1128
	3 - 22 a 25 anos	-0,99997	0,37308	0,080	-2,0600	0,0601
	4 - 26 a 29 anos	-0,78345	0,39849	0,508	-1,9157	0,3488
	5 - 30 anos ou +	-0,80436	0,39849	0,450	-1,9366	0,3279
Grupo 2= 18 a 21 anos	1 - 14 a 17 anos	1,16881*	0,37166	0,019	0,1128	2,2248
	3 - 22 a 25 anos	0,16884	0,13618	1,000	-0,2181	0,5558
	4 - 26 a 29 anos	0,38536	0,19532	0,500	-0,1696	0,9403
	5 - 30 anos ou +	0,36445	0,19532	0,636	-0,1905	0,9194
Grupo 3= 22 a 25 anos	1 - 14 a 17 anos	0,99997	0,37308	0,080	-0,0601	2,0600
	2 - 18 a 21 anos	-0,16884	0,13618	1,000	-0,5558	0,2181
	4 - 26 a 29 anos	0,21652	0,19801	1,000	-0,3461	0,7791
	5 - 30 anos ou +	0,19561	0,19801	1,000	-0,3670	0,7582
Grupo 4= 26 a 29 anos	1 - 14 a 17 anos	0,78345	0,39849	0,508	-0,3488	1,9157
	2 - 18 a 21 anos	-0,38536	0,19532	0,500	-0,9403	0,1696
	3 - 22 a 25 anos	-0,21652	0,19801	1,000	-0,7791	0,3461
	5 - 30 anos ou +	-0,02091	0,24251	1,000	-0,7100	0,6681
Grupo 5= 30 anos ou +	1 - 14 a 17 anos	0,80436	0,39849	0,450	-0,3279	1,9366
	2 - 18 a 21 anos	-0,36445	0,19532	0,636	-0,9194	0,1905
	3 - 22 a 25 anos	-0,19561	0,19801	1,000	-0,7582	0,3670
	4 - 26 a 29 anos	0,02091	0,24251	1,000	-0,6681	0,7100

* The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

TABELA 14:
Percepção sobre acesso e participação relacionada com o tempo de estudo

Grupo	Contagem	Soma	Média	Variância
14 a 17 anos	5	8,666667	1,733333	0,8
18 a 21 anos	74	214,6667	2,900901	0,565387
22 a 25 anos	66	180,3333	2,732323	0,705025
26 a 29 anos	22	55,33333	2,515152	0,505051
30 anos ou mais	22	55,81333	2,53697	0,86105

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Os dois grupos não apresentaram diferenças quando comparados aos demais. O pequeno número de respondentes com idade de 14 a 17 anos, frente aos demais grupos, conforme TAB. 14, sugere um forte desbalanceamento no teste estatístico e limita a conclusão efetiva sobre a comparação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou desenvolver um instrumento para avaliação da percepção dos discentes com relação à extensão universitária na UFMG, a partir de suas políticas, ações e diretrizes. Para alcançar esse objetivo, inicialmente, realizou-se uma pesquisa secundária por meio de levantamento de dados e informações referentes à extensão na UFMG, buscando desenvolver as dimensões necessárias à avaliação. Alcançando-se, assim, o primeiro dos objetivos específicos, desta pesquisa: “identificar e descrever as características da extensão na UFMG, suas políticas, ações e diretrizes”.

A partir da análise das características da extensão na UFMG, alcançou-se como resultado a identificação de nove construtos para desenvolver a avaliação: Acesso e participação; Comunicação e informação; Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; Impacto e transformação; Interdisciplinaridade e interação dialógica; Impacto na formação; Integralização curricular; Orientação e acompanhamento; Seleção e contribuições das bolsas de extensão. A partir, desses construtos foram desenvolvidas as questões e os construtos para avaliação, os quais foram analisados por um painel de especialistas e testados com um grupo de discentes, público-alvo da pesquisa. Alcançou-se, nessa etapa, o segundo objetivo específico: “Identificar, a partir das características percebidas na UFMG, as questões e os construtos para avaliação da percepção dos discentes.”

O último objetivo específico, propor e aplicar, para validação inicial, um instrumento para avaliação da percepção dos discentes com relação à extensão universitária, foi alcançado ao desenvolver-se um instrumento para avaliação com questões que permitissem uma análise quantitativa e qualitativa. Os resultados desta pesquisa demonstram o perfil dos respondentes, que se caracterizou em mais de 75%, em cada um desses itens, como sendo graduando (a), do período diurno, solteiro (a) e entre 18 e 25 anos; essa combinação de respostas foi verificada em 49% dos respondentes. Porém, com relação às questões referentes à origem escolar, ao

tempo de estudo na UFMG, ao gênero e à cor/raça, a amostra apresentou-se bastante equilibrada e heterogênea.

A partir da análise descritiva das questões do instrumento de pesquisa consideradas como qualitativas, inferiu-se que, nesta amostra pesquisada, existe um problema de aproximação da extensão com um número grande de entrevistados, pois 40% dos respondentes afirmaram não conhecer nenhum tipo de atividade de extensão. Além disso, o número de respondentes que participam ou participaram de projetos, programas, cursos e eventos, foi considerado pequeno (35,99%). A questão que mereceu destaque foi a que buscou questionar o motivo que tem dificultado a participação em ações de extensão, verificando-se que o resultado contradiz uma das diretrizes da extensão (a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão), pois o principal motivo de dificuldade para participação em ações de extensão, relacionado por 40% dos respondentes, foi o tempo disponível para conciliar as aulas e as atividades de extensão, como se a extensão fosse totalmente desvinculada do contexto acadêmico.

A questão dissertativa que compôs o instrumento de pesquisa, analisada pela técnica de análise de conteúdo, verificou a opinião dos respondentes sobre o que é extensão universitária. Percebeu-se que poucos discentes conseguiram definir a extensão em conformidade com conceito estabelecido pelo Regimento Geral da UFMG. Além disso, quase 30% dos respondentes deixaram essa questão em branco. Como o discente é parte essencial para o desenvolvimento das atividades da universidade, sendo indispensável a sua participação nas ações de extensão pela sua característica constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, intui-se a necessidade de se aprofundar a difusão da extensão, suas políticas e ações de extensão junto aos discentes.

Quanto às análises estatísticas realizadas, a fatorial foi utilizada para definição dos construtos a partir das respostas dos discentes, as dimensionalidades pré-definidas foram mantidas e somente um construto, “interesse”, foi acrescentado na primeira

parte do questionário. Verificou-se a adequação da amostragem, confirmada pelo teste de esfericidade de *Bartlett*.

Com relação à análise descritiva das questões e dos construtos, que permitiam uma análise quantitativa, destacou-se que as menores médias foram observadas na primeira parte do questionário, sendo que os construtos, acesso e participação, e; interesse, apresentaram média inferior a 2. Este dado permite inferir que os discentes conhecem e participam pouco das atividades de extensão, além da falta de divulgação das informações referentes às ações, assim como, a falta de proatividade desses alunos em buscar informações.

Na segunda parte do questionário, respondida somente pelos que conheciam alguma ação de extensão, avaliaram-se as características como: a interdisciplinaridade, a interação dialógica, o impacto social e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As médias nessa parte do instrumento indicaram que os respondentes, frequentemente, têm percebido essas características nas ações de extensão. Já na terceira parte do questionário, preenchida pelos que participavam de alguma ação de extensão, as médias foram mais altas nas questões relacionadas ao impacto na formação,

Quanto às limitações da pesquisa, como o instrumento de pesquisa foi dividido em três partes, notou-se que isso gerou variações no quantitativo total de respondentes, dependendo de qual parte do questionário o construto foi extraído. Outra questão importante é a falta de homogeneidade no número de respondentes entre as características da população. Em muitos casos, observou-se uma concentração de respondentes com certa característica, como por exemplo, em relação ao nível de ensino. A maioria dos respondentes são graduandos, e, portanto, tem-se um grande desequilíbrio da distribuição da amostra nessa característica (desbalanceamento).

Em pesquisas futuras, seria recomendado fazer uma amostra balanceada que permitisse uma análise por grupos. Outras limitações são devidas ao próprio instrumento de pesquisa, que limita as conclusões de resultado, segundo as

dimensões tratadas para este estudo. Desse modo, sugere-se para pesquisas futuras, a incorporação de novas dimensões de análise que possam explorar a relação do discente com a sociedade ou com o público-alvo das ações de extensão.

Conclui-se, finalmente, que esta pesquisa contribui para o desenvolvimento de um instrumento para avaliação da extensão universitária, que poderá ser utilizada e aperfeiçoada em novos estudos. Além de ser válida, também, para a gestão educacional, que, por meio de técnicas estatísticas e critérios conceituais, agrupa as variáveis pertinentes, o que proporciona facilidade na interpretação dos resultados quando da aplicação do instrumento, o qual combinado com os demais processos de análises institucionais permitirão visualizar quais são os principais desafios e anacrogias, revelando onde se deve atuar de forma a integrar os discentes aos objetivos institucionais da extensão universitária.

REFERÊNCIAS

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Maria Lucia M.; MERCADO-MARTÍNEZ, Francisco J. Avaliação de políticas, programas e serviços de saúde: modelos emergentes de avaliação e reformas sanitárias na América Latina. In: CAMPOS, Rosana Onocko; FURTADO, Juarez Pereira. **Desafios da avaliação de programas e serviços em saúde**: novas tendências e questões emergentes. Campinas: Unicamp, 2011.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante** – o equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BRASIL. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. MEC/DAU. **Plano de trabalho da extensão universitária**. Brasília, abril/1975 *Apud* GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária**: comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez, 1986.

BRASIL. MEC/DAU. **Plano de trabalho da extensão universitária**. Brasília, abril/1975 *Apud* SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

BRASIL. Lei nº 10.861, de 14 de Abril de 2004. **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior** – SINAES. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/leisinaes.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Perfil da extensão universitária no Brasil**: relatório da comissão nacional de extensão. Brasília: Ministério da Educação, 1995.

CERQUEIRA, Sebastião Ailton da Rosa; COLOSSI, Nelson. Estudo da função extensionista e assistencial do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. In: SILVEIRA, A.; COLOSSI, N.; SOUSA, C. G. **Administração universitária**: estudos brasileiros. Florianópolis: Insular, 1998. p. 177-212.

CHIANCA, Thomaz. Avaliando programas sociais: conceitos, princípios e práticas. In: CHIANCA, Thomaz; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. **Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil**. São Paulo: Global, 2001.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis: Vozes, 1993.

COSTA, José Francisco da. **Mensuração e Desenvolvimento de Escalas: aplicações em administração**. 1. ed. Porto Alegre: Ciência Moderna, 2011.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DEPIERI, Adriana *et al.* Universidade e movimentos populares: diálogo urgente e necessário. In: ONÇA, Luciano Alves; CAMARGO, Eder dos Santos; PIERO, Alexandre. **Cultura e extensão universitária: a democratização do conhecimento**. São João Del-Rei: Malta, 2010. p. 68-76.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior**. São Paulo: Cortez, 2003.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão universitária: organização e sistematização**. Organização de Edison José Corrêa. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **I ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA**. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Brasília: UNB, 1987. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

FREITAS, André Luís Policani. RODRIGUES, Sidilene Gonçalves. **A avaliação da confiabilidade de questionários: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach**. XII SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 7 a 9 de Novembro de 2005.

FURTADO, Juarez Pereira; LAPERRIÈRE, Hélène. A avaliação da avaliação. In: CAMPOS, Rosana Onocko; FURTADO, Juarez Pereira. **Desafios da avaliação de programas e serviços em saúde**: novas tendências e questões emergentes. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária**: comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez, 1986.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores sociais no Brasil**: conceitos, fontes de dados e aplicações. 3. ed. Campinas: Alínea, 2006.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. Trad. Laura Bocco. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARBACK NETO, Guilherme. **Avaliação**: instrumento de gestão universitária. Vila Velha: Hoper, 2007.

MARCOVITCH, Jacques. A informação e o conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 4, out. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MEIRELLES, Fernando Setembrino Cruz. O papel da universidade na interação com a sociedade. **Administração no Milênio**, Porto Alegre, v. 7, p. 18-18, 15 abr. 2004.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

MINGOTI, Sueli Aparecida. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

MINOGUE, Kenneth R. **O conceito de universidade**. Trad. Jorge Eira Garcia Vieira. Brasília: Editora UnB, 1981.

MONTGOMERY, Douglas C.; RANGER, George C. **Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora LCT, 2009.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades públicas Brasileiras**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Teresinha Rodrigues de. **Diferenças e convergências dos processos de avaliação da educação superior na Argentina, Brasil e Uruguai**: uma perspectiva comparada. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, IX, 2009, Florianópolis. Disponível em <http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/coloquio9/IX-1060.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

OLIVEIRA, Eliana Alves de. **Assistência estudantil**: percepção dos estudantes dos *campi* I e II do CEFET MG. – Belo Horizonte: FNH, 2011. 117 f.

RICO, Elizabeth Melo (Org.). **Avaliação de políticas sociais**: uma questão em debate. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, Enio Waldir da. O papel da extensão no cumprimento da função social da universidade. In: FRANTZ, Walter; SILVA, Enio Waldir da. **O papel da extensão e a questão das comunitárias**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. **Regimento Geral da UFMG**. Boletim encarte, 2010. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1697/img/REGIMENTO_GERAL.pdf> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, 2008-2012**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/conheca/pdi_ufmg.pdf> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. **UFMG em números, população universitária**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/conheca/nu_index.shtml> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **Apresenta textos sobre o histórico da extensão universitária na UFMG**. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/historico.php>> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **Apresenta textos sobre a extensão universitária na UFMG**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/duvidas.php>> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **Diretrizes da extensão na UFMG**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/politicas.php>> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **Manual do Sistema de Informação da Extensão (SIEX)**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/arquivos/manual_siex_ufmg.pdf> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **Plano de Gestão da Pró-Reitoria de Extensão - 2010 a 2014, 2010**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/arquivos_banco/tb_noticias/Plano_de_gestao_da_Proex_UFMG_%202010_2014.pdf> Acesso em: 20 jun. 2012.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. Desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. **RESOLUÇÃO 01/2002 - Câmara de Extensão, 2002**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/arquivos/resolucao_cenex.pdf> Acesso em: 20 jun. 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZIVIANI, Paula; MOURA, M. A. **A consolidação dos indicadores culturais no Brasil: uma abordagem informacional**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, IX, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ECA/USP, 2008.

APÊNDICE 1- Questionário de avaliação da extensão universitária

QUESTIONÁRIO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Prezado aluno(a), sou mestranda em administração pela FUMEC – Fundação Mineira de Educação e Cultura e gostaria de contar com a sua colaboração preenchendo o questionário a seguir sobre Extensão Universitária. O objetivo é avaliar a percepção dos alunos com relação à extensão na UFMG. Todas as informações fornecidas neste questionário são consideradas estritamente confidenciais e os dados reservados para uso exclusivo da pesquisa. Esclarecimentos e dúvidas, estarei a disposição no e-mail valeconomia@hotmail.com e telefone: 9115-3556. Agradeço antecipadamente. Atenciosamente, Valeska Cristina Barbosa.

1) Gostaria de começar perguntando a sua opinião sobre o que é extensão universitária:

AGORA, RESPONDA AS QUESTÕES A SEGUIR, MARCANDO APENAS UMA OPÇÃO

	NÃO, NUNCA	POUCO, ÀS VEZES	FREQUEN- TEMENTE	SIM, SEMPRE
2) Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG?				
3) Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros?				
4) Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG?				
5) Você participa dos eventos de extensão da Universidade?				
6) Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG?				
7) Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG?				
8) Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade?				
9) Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG?				
10) As informações sobre a extensão universitária na UFMG atendem as suas necessidades?				
11) Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?				
12) Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?				
13) Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão (www.ufmg.br/proex)?				
14) Você busca(ou) informações no SIEEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)?				
15) Você conhece alguma(s) ação(ões) de extensão da UFMG: () NÃO, passe para a questão 38. () SIM, marque qual tipo de ação de extensão que conhece, pode ser mais de uma: () programa () projeto () prestação de serviço () cursos () eventos				

Quanto às ações de extensão da UFMG que conhece, você percebe que:

	NÃO PERCEBI	POUCO, ÀS VEZES	FREQUEN- TEMENTE	SIM, SEMPRE
16) Estão articuladas com a pesquisa e o ensino				
17) Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos				
18) Contribuem para a democratização do ensino				
19) Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento				
20) Contribuem para interrelação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos				
21) Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade				
22) Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão				
23) Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável				
24) Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade				
25) Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo				
26) A participação em ações pode ser computada para integralização curricular				

Quanto a sua participação em ações de extensão, você concorda que:				
	NÃO, NUNCA	POUCO, ÀS VEZES	FREQUEN- TEMENTE	SIM, SEMPRE
Quanto à participação em programa e projeto:				
27) Você participa(ou) de algum programa ou projeto de extensão:				
<input type="checkbox"/> NÃO, passe para a questão 38.				
<input type="checkbox"/> SIM, continue respondendo as questões a seguir				
28) Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico				
29) Contribui(u) para a inserção profissional				
30) Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas				
31) Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática				
32) Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe				
33) Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão				
34) Você teve a sua participação integralizada curricularmente				
35) Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação				
36) Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso				
37) A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade				
38) AGORA MARQUE COM "X" NO PRINCIPAL MOTIVO (APENAS UM) QUE DIFICULTA(OU) A SUA PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES DE EXTENSÃO:				
1 - Informações sobre as ações de extensão				
2 - Orientação sobre como funciona a participação dos alunos				
3- Tempo disponível para conciliar aula e outras atividades				
4- O processo de seleção				
5- Falta de ações de extensão na minha área de formação				
6- Falta de apoio financeiro ou o apoio é insuficiente (bolsas, passagens e outros)				
7- Não participo(ei) porque não tenho interesse				
8- Não percebo nenhuma dificuldade para participar de ações de extensão				
9- Outro, qual:				
PARA FINALIZAR, RESPONDA ALGUNS DADOS SÓCIOS DEMOGRÁFICOS				
39- Qual seu nível de ensino: <input type="checkbox"/> Médio/profissional <input type="checkbox"/> graduando <input type="checkbox"/> graduado <input type="checkbox"/> pós-graduando <input type="checkbox"/> Outro, qual _____				
40- Qual a sua origem escolar: <input type="checkbox"/> pública <input type="checkbox"/> particular <input type="checkbox"/> pública e particular <input type="checkbox"/> particular com bolsa <input type="checkbox"/> supletivo público <input type="checkbox"/> supletivo particular <input type="checkbox"/> Outro				
41- Qual o turno em que frequenta as aulas: <input type="checkbox"/> Diurno <input type="checkbox"/> Noturno				
42- Qual o curso está frequentando na UFMG:				
43- Há quanto tempo estuda na UFMG: <input type="checkbox"/> Até 1 ano <input type="checkbox"/> De 1 a 2 anos <input type="checkbox"/> De 2 a 3 anos <input type="checkbox"/> 3 anos ou mais				
44- Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino				
45- Estado civil: <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado/união estável <input type="checkbox"/> separado/divorciado <input type="checkbox"/> viúvo <input type="checkbox"/> Outro				
46- Como declara a sua cor / raça? <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Negra <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Indígena				
47- Qual sua idade: <input type="checkbox"/> 14 a 17 anos <input type="checkbox"/> 18 a 21 anos <input type="checkbox"/> 22 a 25 anos <input type="checkbox"/> 26 a 29 anos <input type="checkbox"/> 30 anos ou mais				
48- Nome (opcional):				
49- Telefone e e-mail (opcional):				
REGISTRE OBSERVAÇÕES OU COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES (OPCIONAL):				

APÊNDICE 2- Questões para avaliação a partir dos construtos

CONSTRUTO	QUESTÕES	DEFINIÇÃO / ORIGEM CONCEITUAL
Acesso e participação	2) Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG? 3) Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros? 5) Você participa dos eventos de extensão da Universidade? 6) Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG? 7) Você conhece(ou) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG? 11) Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos 27) Você participa(ou) de algum programa ou projeto de extensão: 38) AGORA MARQUE COM "X" NO PRINCIPAL MOTIVO QUE DIFICULTA(OU) A SUA PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES DE EXTENSÃO	Refere-se a participação e conhecimento dos discentes quanto as atividades de extensão Regimento da UFMG
Comunicação e informação	4) Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG? 8) Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade? 9) Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG? 10) As informações recebidas sobre a extensão atenderam as suas necessidades? 12) Você recebe(ou) informações dos professores sobre a extensão universitária? 13) Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão (www.ufmg.br/proex)? 14) Você busca(ou) informações no SIEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)? 15) Você conhece alguma(s) ação(ões) de extensão da UFMG:	Refere-se a “transmissão adequada e oportuna de uma informação útil a um público específico” (CRUZ e SEGATTO, 2009 p. 435 <i>apud</i> Oliveira e Dias. 2011).
Seleção e contribuições das bolsas de extensão	36) Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso 37) A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade	Refere-se a seleção e contribuições das bolsas de extensão para participação em ações de extensão. Regulamento do Programa de Bolsa de Extensão
Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.	16) Estão articuladas com a pesquisa e o ensino 17) Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos 18) Contribuem para a democratização do ensino 28) Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico 29) Contribui(u) para a inserção profissional 30) Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas 31) Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	Conhecimento sobre as diretrizes da extensão na Universidade em 4 eixos: Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; Interdisciplinaridade; Impacto e transformação; Interação dialógica. - Diretrizes da extensão na UFMG. http://www.ufmg.br/proex/politicas.php
Interdisciplinaridade	19) Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento 20) Contribuem para inter-relação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos	
Impacto e transformação	21) Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade 22) Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão 23) Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	
Interação dialógica	24) Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade 25) Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	
Orientação e acompanhamento	32) Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe 33) Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	Atenção individualizada e/ou em grupo ao discente.
Integralização curricular	26) A participação em ações pode ser computada para integralização curricular 34) Você teve a sua participação integralizada curricularmente 35) Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação	Participação de discentes em atividades de extensão, para fins de integralização curricular. Regimento da UFMG

APÊNDICE 3 - Análise descritiva das variáveis quantitativas

Pergunta	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Em branco
1ª parte: questões comuns a todos os respondentes (n=314)					
2- Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na UFMG?	1	4	1,97	0,83	7
3- Você conhece(ou) os espaços sociais mantidos pela UFMG, como museus, centro cultural, conservatório, entre outros?	1	4	2,34	0,99	3
4- Você fica(ou) sabendo das atividades sociais e culturais de extensão que são realizadas pela UFMG?	1	4	2,59	0,89	5
5- Você participa dos eventos de extensão da Universidade?	1	4	1,86	0,86	3
6- Você participa(ou) de cursos de extensão da UFMG?	1	4	1,81	1,05	6
7- Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na UFMG?	1	4	2,26	1,15	2
8- Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na Universidade?	1	4	2,44	1,16	7
9- Você já foi informado ou tomou conhecimento sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na UFMG?	1	4	2,57	1,00	2
10- As informações recebidas sobre a extensão atenderam as suas necessidades?	1	4	2,11	0,97	14
11- Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?	1	4	2,52	1,07	48
12- Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?	1	4	1,80	0,93	4
13- Você acessa o site da Pró-Reitoria de extensão (www.ufmg.br/proex)?	1	4	1,58	0,80	2
14- Você busca(ou) informações no SIEX – UFMG (Sistema de Informação da extensão)?	1	4	1,34	0,69	12
2ª parte: questões aos respondentes que conhecem alguma ação de extensão na UFMG (n=189)					
16- Estão articuladas com a pesquisa e o ensino	1	4	3,12	0,79	1
17- Contribuem de alguma forma para a formação acadêmica dos alunos	1	4	3,47	0,66	0
18- Contribuem para a democratização do ensino	1	4	2,92	0,91	3
19- Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento	1	4	3,15	0,81	0
20- Contribuem para inter-relação de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos	1	4	2,92	0,92	1
21- Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade	1	4	2,95	0,91	1
22- Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão	1	4	2,62	0,95	2
23- Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento solidário, democrático e sustentável	1	4	2,60	0,96	2
24- Contribuem para a troca de saberes entre a Universidade e outros setores da sociedade	1	4	3,02	0,86	0
25- Estão interligadas a setores sociais estimulando o diálogo	1	4	2,75	1,00	0
26- A participação em ações pode ser computada para integralização curricular	1	4	3,03	0,96	4
3ª parte: questões aos respondentes que conhecem e participam de alguma ação de extensão na UFMG (n=113)					
28- Contribuí(u) para um melhor desempenho acadêmico	1	4	3,34	0,87	0
29- Contribuí(u) para a inserção profissional	1	4	3,08	0,95	0
30- Proporciona(ou) participar da produção de artigos, livros ou outras produções científicas	1	4	2,67	1,05	1
31- Contribuí(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática	1	4	3,21	0,79	2
32- Você recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe	1	4	3,05	1,04	1
33- Você colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	1	4	2,76	1,16	0
34- Você teve a sua participação integralizada curricularmente	1	4	2,46	1,26	2
35- Você tem ou teve dificuldade para integralizar créditos pela sua participação	1	4	2,01	1,14	4
36- Você considera que as seleções para bolsas de extensão são adequadas e asseguram igualdade no acesso	1	4	2,71	1,04	1
37- A bolsa de extensão contribui para a permanência dos alunos na Universidade	1	4	2,86	1,04	3

APÊNDICE 4 - Dados consolidados: comparação da percepção de acordo com as características sociodemográficas

	Nível de escolaridade	1	2	3	4	5
Comunicação e informação	n	3	270	17	21	2
	média	1,91	2,34	2,34	2,21	2,64
	desvio padrão	0,21	0,69	0,74	0,7	0,3
Acesso e participação	n	3	270	17	21	2
	média	1,25	2	2,09	1,89	2,38
	desvio padrão	0,25	0,71	0,66	0,63	0,18
Interesse	n	3	270	17	21	2
	média	1	1,47	1,53	1,29	2
	desvio padrão	0	0,66	0,8	0,4	0
Impacto na formação	n	0	95	7	9	2
	média	0	3,08	2,85	3,14	1,63
	desvio padrão	0	0,74	0,55	0,75	0,03

	Tempo de estudo	1	2	3	4
Comunicação e informação	n	93	84	53	78
	média	2,23	2,34	2,51	2,32
	desvio padrão	0,74	0,63	0,72	0,66
Acesso e participação	n	93	84	53	78
	média	1,76	2,04	2,16	2,15
	desvio padrão	0,65	0,74	0,75	0,61
Interesse	n	93	84	53	78
	média	1,46	1,38	1,58	1,49
	desvio padrão	0,71	0,6	0,82	0,51
Interdisciplinaridade e interação dialógica	n	37	52	39	60
	média	2,8	3,09	3,09	2,87
	desvio padrão	0,79	0,83	0,65	0,64
Impacto na formação	n	12	33	27	40
	média	3,08	3,03	3,09	3,07
	desvio padrão	0,46	0,76	0,85	0,68
Integralização curricular	n	12	33	27	40
	média	2,21	2,26	2,41	2,06
	desvio padrão	0,94	1,01	0,87	0,64
Benefícios	n	12	33	27	40
	média	2,88	2,71	3,03	2,62
	desvio padrão	0,83	0,9	0,89	0,81

	Idade	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	6	142	101	33	32
	média	1,74	1,9	2,08	1,97	2,18
	desvio padrão	0,55	0,73	0,65	0,54	0,84
Interesse	n	6	142	101	33	32

	média	1,83	1,42	1,46	1,41	1,66
	desvio padrão	1,17	0,63	0,58	0,69	0,8

	Raça	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	147	28	126	5	2
	média	1,98	1,85	2,04	1,90	2,00
	desvio padrão	0,68	0,64	0,73	0,58	0,35
Impacto social	n	90	12	80	2	2
	média	2,68	3,11	2,70	2,94	3,67
	desvio padrão	0,81	0,81	0,84	0,09	0,47
Benefícios	n	52	8	50	1	1
	média	2,96	2,63	2,61	4,00	2,00
	desvio padrão	0,88	0,83	0,83	0,00	0,00

	Estado civil	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	277	30	4	0	1
	média	2,01	1,83	1,94	0	2,75
	desvio padrão	0,69	0,75	0,63	0	0
Interesse	n	277	30	4	0	1
	média	1,46	1,47	1,38	0	2
	desvio padrão	0,66	0,68	0,48	0	0

	sexo	1	2
Acesso e participação	n	154	156
	média	1,948279	2,045048
	desvio padrão	0,693547	0,705476

	Origem escolar	1	2	3	4
Impacto social	n	91	61	28	8
	média	2,82	2,58	2,76	2,54
	desvio padrão	0,83	0,83	0,83	0,73
Benefícios	n	57	35	15	5
	média	2,80	2,81	2,56	3,20
	desvio padrão	0,92	0,79	0,95	0,57

	Nível de escolaridade	1	2	3	4	5
Comunicação e informação	n	3	270	17	21	2
	média	1,91	2,34	2,34	2,21	2,64
	desvio padrão	0,21	0,69	0,74	0,7	0,3
Acesso e participação	n	3	270	17	21	2
	média	1,25	2	2,09	1,89	2,38
	desvio padrão	0,25	0,71	0,66	0,63	0,18
Interesse	n	3	270	17	21	2
	média	1	1,47	1,53	1,29	2
	desvio padrão	0	0,66	0,8	0,4	0

Impacto na formação	n	0	95	7	9	2
	média	0	3,08	2,85	3,14	1,63
	desvio padrão	0	0,74	0,55	0,75	0,03

	Tempo de estudo	1	2	3	4
Comunicação e informação	n	93	84	53	78
	média	2,23	2,34	2,51	2,32
	desvio padrão	0,74	0,63	0,72	0,66
Acesso e participação	n	93	84	53	78
	média	1,76	2,04	2,16	2,15
	desvio padrão	0,65	0,74	0,75	0,61
Interesse	n	93	84	53	78
	média	1,46	1,38	1,58	1,49
	desvio padrão	0,71	0,6	0,82	0,51
Interdisciplinaridade e interação dialógica	n	37	52	39	60
	média	2,8	3,09	3,09	2,87
	desvio padrão	0,79	0,83	0,65	0,64
Impacto na formação	n	12	33	27	40
	média	3,08	3,03	3,09	3,07
	desvio padrão	0,46	0,76	0,85	0,68
Integralização curricular	n	12	33	27	40
	média	2,21	2,26	2,41	2,06
	desvio padrão	0,94	1,01	0,87	0,64
Benefícios	n	12	33	27	40
	média	2,88	2,71	3,03	2,62
	desvio padrão	0,83	0,9	0,89	0,81

	Idade	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	6	142	101	33	32
	média	1,74	1,9	2,08	1,97	2,18
	desvio padrão	0,55	0,73	0,65	0,54	0,84
Interesse	n	6	142	101	33	32
	média	1,83	1,42	1,46	1,41	1,66
	desvio padrão	1,17	0,63	0,58	0,69	0,8
	Raça	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	147	28	126	5	2
	média	1,98	1,85	2,04	1,90	2,00

	desvio padrão	0,68	0,64	0,73	0,58	0,35
Impacto social	n	90	12	80	2	2
	média	2,68	3,11	2,70	2,94	3,67
	desvio padrão	0,81	0,81	0,84	0,09	0,47
Benefícios	n	52	8	50	1	1
	média	2,96	2,63	2,61	4,00	2,00
	desvio padrão	0,88	0,83	0,83	0,00	0,00

	Estado civil	1	2	3	4	5
Acesso e participação	n	277	30	4	0	1
	média	2,01	1,83	1,94	0	2,75
	desvio padrão	0,69	0,75	0,63	0	0
Interesse	n	277	30	4	0	1
	média	1,46	1,47	1,38	0	2
	desvio padrão	0,66	0,68	0,48	0	0

	sexo	1	2
Acesso e participação	n	154	156
	média	1,948279	2,045048
	desvio padrão	0,693547	0,705476

	Origem escolar	1	2	3	4
Impacto social	n	91	61	28	8
	média	2,82	2,58	2,76	2,54
	desvio padrão	0,83	0,83	0,83	0,73
Benefícios	n	57	35	15	5
	média	2,80	2,81	2,56	3,20
	desvio padrão	0,92	0,79	0,95	0,57

